

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Leo Bassi: um bufão contemporâneo

LEONOR CABRAL

Dissertação
Mestrado Estudos de Teatro
2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Leo Bassi: um bufão contemporâneo

LEONOR CABRAL

Dissertação orientada pela Prof. Doutora Maria Helena Serôdio
e co-orientada por Nuno Pino Custódio
e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Teatro

Dissertação
Mestrado Estudos de Teatro
2013

RESUMO

Esta dissertação tem como objecto de estudo a obra artística de Leo Bassi e analisa a forma como ele foi buscar à Idade Média a figura satírica e provocatória do bufão para a projectar na contemporaneidade, visando provocar no espectador uma experiência transformadora. A primeira parte da investigação debruça-se sobre a génese do seu trabalho que é referido a três vectores principais de influência: a sua genealogia circense de 170 anos, o encontro com a figura do bufão e as zonas estéticas fronteiriças ao seu trabalho, factores que ajudaram a fomentar o seu carácter transgressor. A segunda parte faz uma caracterização cuidada da sua obra artística, destacando o espectáculo *Utopia*. A terceira parte faz uma análise mais aprofundada dos mecanismos que motivam a utilização desta figura, nomeadamente os de ordem política, assim como os processos que ocorrem durante o acto teatral enquadrados na prática da performance teatral contemporânea. Esta investigação permite demonstrar como é que Leo Bassi consegue manter a essência irreverente e satírica do bufão na cena artística contemporânea através do seu activismo provocatório, criando momentos de extrema vitalidade na relação com o público. Mostra ainda como Leo Bassi questiona o passado, o presente e o futuro de uma forma radical e procura induzir no espectador um olhar crítico sobre a sociedade de hoje. Para esta investigação foi fundamental a consulta de jornais, entrevistas e editoriais sobre este artista na internet, o visionamento de imagens gravadas dos seus espectáculos, a pesquisa de bibliografia teórica e crítica sobre teatro, contemporaneidade e bufão, assim como a entrevista que lhe fiz em Setembro de 2013.

Palavras-chave:

Leo Bassi - Bufão – Teatro Contemporâneo – Provocação – Espectador

ABSTRACT

This thesis has as object of study the artistic work of Leo Bassi and analyses how he got from the middle ages the satirical and provocative figure of the buffon, to project it in contemporary times, aiming to provoke a transformative experience in the spectator. The first part of the investigation focuses on the genesis of his work referring to three main vectors of influence: his 170 years circus genealogy, the encounter with the figure of the buffon and the bordering aesthetic areas to his work, factors that have helped to promote his transgression character. The second part makes a careful characterization of his artistic work, highlighting the show *Utopia*. The third part goes deep in a more detailed analysis of Bassi's mechanisms that motivate the use of this figure, including the political ones, as well as processes elapsed during the theatrical act framed within the practice of contemporary theatrical performance. This research demonstrates how Leo Bassi manages to keep the irreverent and satirical essence of the buffon in contemporary artistic scene through its provocative activism, creating moments of extreme vitality regarding the audience. Also shows how Leo Bassi questions radically the past, the present and the future aiming to induct in its spectators a critical view of today's society. For this dissertation it was crucial to consult newspapers, interviews and editorials on the internet; viewing recorded images of his performances; research on theoretical and critical literature about theatre, contemporaneity and buffon. Finally, I interviewed him in September 2013.

Keywords:

Leo Bassi – Buffon – Contemporary Theatre – Provocation – Spectator

Agradecimentos

Prof. Dra. Maria Helena Serôdio

Nuno Pino Custódio

Prof. Dra. Maria João Almeida

Leo Bassi

Festival Teatro Agosto

Festival Internacional Cómico da Maia

Biblioteca do Chapitô

Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Maria Isabel Cabral

Filipe Coutinho

João de Brito

Miguel Curiel

Sofia Fernandes

Os meus sobrinhos, Vicente e Guilherme, pelos sorrisos e abraços.

O teatro é sem dúvida, um local onde o humanismo ainda domina, porque aqui a dignidade humana é constante e os seus valores permanecem fixos. O teatro é a consciência da sociedade contemporânea. (STEFANOVA 2008: 74)

Índice

Resumo	2
Abstract	3
Agradecimentos	4
Índice	6
Introdução	8
I. Gênese de um bufão	11
I.1. A família Bassi	11
I.2. Em busca do espírito do bufão	15
I.3. Zonas fronteiriças	19
I.3.1. Alfred Jarry	19
I.3.2. Marinetti	20
I.3.3. Construtivismo	20
I.3.4. Meyerhold	21
I.3.5. Dadaísmo	22
I.3.6. Maio 1968	22
I.3.7. Anos 1980 e 1990	23
I.3.8. Dario Fo	24
II. A obra artística de Leo Bassi	26
II.1. Breve caracterização	26
II.1.1. <i>One man show</i>	28
II.1.2. Teatro	28
II.1.3. Provocação e suas consequências	29
II.1.4. Malabarismo	30
II.1.5. Público	31
II.1.6. Figurino	31
II.1.7. Financiamento	32
II.2. Provocação anti-sistema	33
II.2.1. Igreja Católica (2012)	34
II.2.2. Conferência de Valladolid (2010)	35
II.2.3. Televisão	36
II.2.4. Redes sociais e internet	37
II.3. Espectáculos	38
II.3.1. <i>Bassi Bus</i> (2004)	38
II.3.2. <i>A Revelação</i> (2005)	39
II.3.2.1. Controvérsia	40
II.3.2.3. O livro <i>La revelación</i>	41
II.3.3. <i>Utopia</i> (2009)	41
II.3.3.1. Prólogo	43
II.3.3.2. I Parte	43
II.3.3.3. II Parte	46
II.3.3.4. Despertar o desejo de utopia	48

III. Um bufão contemporâneo	50
III.1. Leo Bassi e a política	50
III.1.1. Apartidário	51
III.1.2. Minorias	52
III.1.3. Informação	52
III.1.4. Partido Popular	53
III.1.5. Causa palestina	53
III.1.6. Anti EUA	54
III.1.7. Laicismo	54
III.1.8. Revolução e utopia	55
III.2. Modalidades de subversão na obra artística de Leo Bassi	57
III.2.1. O humor como forma de subversão	58
III.2.2. Iconoclastia	60
III.2.3. Propostas	61
III.3. Um bufão performer	62
III.3.1. O corpo	62
III.3.2. Espaço	63
III.3.3. Interdisciplinaridade	63
III.3.4. O evento	63
III.3.5. Vitalidade	64
III.3.6. Transformar o espectador	64
Conclusão	67
Bibliografia	70
Fonte oral	72
Internet	72
Vídeos consultados	77
Apêndice	82
Anexo	96

Introdução

A 25 de Agosto de 2012, dia em que completei 29 anos de idade, assisti ao espectáculo *Utopia* de Leo Bassi¹. Na altura, uma questão ocupava-me o espírito: como é que o teatro pode ser uma experiência transformadora para o espectador? Como espectadora assídua e como actriz, sinto muitas vezes que, quando um determinado acontecimento teatral termina, existem poucas repercussões futuras promovidas por esse evento. Claro que podemos afirmar que tudo o que nos acontece nos transforma e que todas as experiências que vivemos, das mais complexas às mais simples, têm um impacto profundo na nossa vida. Mas, em relação ao teatro e à minha experiência com ele, são raras as vezes em que um espectáculo provoca em mim um efeito transformador e, conseqüentemente, me leve a agir, ou pelo menos, a desejar agir.

Nesse dia, descobri que *Utopia* é um espectáculo onde isso acontece: provoca um desejo de acção, de mudança, de revolução utópica. Quando o espectáculo terminou, constatei que não só eu tinha sido profundamente afectada por ele, como todo o público: a níveis diferentes e com as respectivas particularidades, cada espectador que assistia a *Utopia* passou por uma transformação. Aparentemente, tratava-se de uma comédia: no cartaz estava Leo Bassi a sorrir vestido de palhaço branco; mas a data 1789 inscrita no peito do seu fato indiciava subtilmente algo mais profundo do que um simples momento de humor. Durante 90 minutos, Leo Bassi conduziu o público através de diferentes emoções e reacções, como o medo, a histeria, o riso ou a comoção. Através de uma crítica política cerrada e da revisitação da história circense da sua família, conseguiu instigar as pessoas a reflectir sobre determinados assuntos, independentemente da sua orientação política ou religiosa. Para o fazer, convocou o bufão, figura popular da Idade Média a quem era permitido dizer e fazer tudo, devido ao seu estatuto de marginalidade. Desde os anos 1970 que este artista tinha vindo a aprofundar a figura do bufão, através de leituras e da aplicação prática nos seus trabalhos artísticos. Mas foi com este espectáculo que melhor conseguiu fundir a filosofia satírica do bufão com a poesia cénica, revelando uma excepcional maturidade na sua carreira.

¹ No Espaço Gardunha Viva – Fundão, inserido no Festival Teatro Agosto, Festival Internacional de Teatro ao ar livre, organizado pela Estação Teatral da Beira Interior (ESTE).

Utopia não é sobre o livro de Thomas More, mas partilha o mesmo conceito. Não fala sobre uma ilha, mas fala sobre um lugar onde idealmente não haverá propriedade privada, onde a sociedade não será regida pelo capitalismo nem pelo sistema bancário mundial. Tal como a personagem da história de More, o espectador deste espectáculo tem dificuldade em aceitar esta utopia. Mas o ataque amargo que Bassi faz à sociedade actual, leva o espectador a pensar nessa possibilidade e a desejá-la. Porém, More acaba com um tom pessimista dizendo que a Europa nunca adoptará esta visão, ao contrário de Bassi, que termina o seu espectáculo transmitindo positivamente ao espectador a possibilidade de mudança e de esperança na utopia.

A experiência enquanto espectadora de *Utopia*, a criação inspirada de Leo Bassi, foi extremamente importante e aumentou ainda mais a necessidade que sentia de reflectir sobre o teatro que está a ser feito actualmente, principalmente sobre o seu efeito transformador no espectador. Decidi, nesse mesmo dia, fazer um estudo de caso sobre a sua obra artística. Até ao momento, não foi realizada nenhuma investigação extensiva sobre Leo Bassi². O que existe são pequenos artigos, escritos normalmente no âmbito dos festivais em que actua, ou várias entrevistas em jornais, mas que falam muito genericamente sobre o seu trabalho. Tão pouco ainda alguém tentou reflectir o teatro contemporâneo a partir da sua prática artística. O bufão é ainda muitas vezes visto como parte integrante da tradição popular teatral, portanto, como uma arte menor, e são raras as vezes em que é relacionado teoricamente com a prática performativa contemporânea.

Assim, este estudo pretende analisar a forma como Leo Bassi foi buscar ao passado a figura politicamente provocadora e marginal do bufão e projectou-a na contemporaneidade, através da sua obra artística, provocando no espectador uma experiência transformadora. Há quem o denomine de palhaço, de actor ou de activista, mas Leo Bassi intitula-se de **bufão**, como um conceito que engloba todos os anteriores. É isso que o caracteriza, é isso que ele investiga com o seu corpo e o seu espírito.

Há um factor importante sobre esta dissertação: é o facto de Leo Bassi estar em plena actividade artística, ou seja, as premissas do seu trabalho são passíveis de ser alteradas. Isto poderá dificultar a construção de relações entre sociedade, política e arte, exactamente pelo seu carácter actual e, consequentemente, mutável. Talvez seja mais fácil circunscrever temporalmente um trabalho de investigação, mas é também preciso

² Na entrevista de dia 21 de Setembro de 2013, Leo Bassi afirmou que um grupo de alunos universitários de Floripa, Brasil, estão a realizar um estudo sobre ele e que no fim de 2013 ele irá conceder-lhes uma entrevista para ajudar na investigação.

reflectir sobre a volatilidade dos comportamentos artísticos, que são sintomáticos em relação à rapidez do mundo globalizado de hoje.

A dissertação está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo pretende-se analisar as origens do trabalho de Leo Bassi que podem ser compreendidas através de três vectores principais: o primeiro é a sua genealogia circense de 170 anos; o segundo, o encontro de Leo Bassi com a figura do bufão; e o terceiro, as zonas estéticas fronteiriças ao seu trabalho. No segundo capítulo pretendo discorrer sobre as características da sua obra artística, assim como dos diferentes tipos de acções teatrais que ele produz, focando nos últimos dez anos da sua carreira e, em especial, no espectáculo *Utopia*. O terceiro capítulo faz uma análise mais aprofundada dos mecanismos, nomeadamente políticos, que motivam a utilização desta figura, assim como os processos decorridos durante o acto teatral enquadrados dentro das práticas performativas contemporâneas.

Como a bibliografia sobre Leo Bassi é quase inexistente, e um dos objectivos era recolher testemunhos seus sobre o seu próprio trabalho, pesquisei exaustivamente tudo o que pudesse haver sobre ele. Esse bufão é um ávido utilizador da internet e, por isso, um dos pontos de partida da minha investigação foram os editoriais activistas que ele escreve regularmente na sua página, www.leobassi.com. Li inúmeras entrevistas que ele deu ao longo dos anos e que estão disponíveis na internet (na maioria dos casos, é o próprio Leo Bassi que as torna acessíveis ao público, pois utiliza a internet como ferramenta de partilha de informação). Outra fonte importante foram os vídeos de espectáculos e das suas provocações activistas, alguns dos quais ainda não tinha visto, outros que pude rever inúmeras vezes, pois a análise dos seus espectáculos era um factor essencial para esta investigação. Recolhi vários artigos de imprensa (críticas, entrevistas, notícias, divulgação). Mas também foi preciso fazer pesquisa teórica e crítica, pelo que recorri a bibliografia especializada sobre teatro, contemporaneidade e bufão. Quando esta investigação estava praticamente concluída, tive a oportunidade de entrevistar Leo Bassi na Maia, no dia 21 de Setembro de 2013, o que se revelou crucial para a minha dissertação, pois pude colmatar algumas dúvidas que tinha e recolher um testemunho directo.

I

Génese de um bufão

Para a compreensão da obra deste artista, é essencial perceber o contexto em que ele cresceu e quais as linhas de influência sobre o seu trabalho. Este capítulo divide-se em três partes: a primeira discorrerá sobre os seus primeiros anos de vida e sobre o factor determinante de pertencer à sexta geração de uma família de artistas circenses; a segunda, analisará a forma como a figura do bufão foi determinante na construção identitária de Leo Bassi; e a terceira, abordará ao de leve alguns ensinamentos das vanguardas do início do século XX e a sua repercussão ao longo do século que, não tendo servido como influência directa no seu trabalho, caracterizam a cena teatral contemporânea na qual ele se insere.

I.1. A família Bassi

Leo Bassi é um artista que está constantemente a proclamar as suas origens circenses. Para além de um enorme orgulho na sua genealogia, pretende também perpetuar, através da sua arte, a essência de 160 anos de actividade circense. Falar nos seus antepassados e nos 20 anos em que ele viajou pelo mundo todo com a sua família, torna-se essencial para a compreensão da mundividência da sua obra. As suas raízes são um dos factores determinantes para a sua carreira, e um dos temas mais abordados ao longo da sua obra artística.

Leo Bassi pertence à sexta geração de uma família de comediantes e artistas de circo, com origem em Itália, França, Inglaterra, Áustria e Polónia. Os seus antepassados remontam a 1840, na altura em que Giovanni Bassi (fig.1), companheiro de armas de Garibaldi, palhaço acrobata de Florença, casado com a bailarina Helena Bassi-Brunner (fig.2), fundou um dos primeiros circos modernos na Toscana. O bisavô paterno de Bassi, Giovanni Bassi, o seu tio-bisavô e primos tinham um grupo de acrobacia de nome Companhia Acrobática Bassi (fot.3). Há documentos que comprovam que a actividade circense da família remonta a 1840. No século XIX e início do século XX, o circo tradicional misturava diferentes competências artísticas: num momento podia-se aparecer como malabarista, noutro como palhaço, vender bilhetes no início e, no fim,

desmontar a tenda: todos faziam de tudo. Ou seja, apesar dos grupos de malabarismo que a família Bassi foi tendo ao longo das décadas, não era este exclusivamente o seu ofício.

Mais tarde, a família italiana vai cruzar-se por casamento com uma família britânica, mais concretamente com Jimmy Wheeler (fig.4), que actuava regularmente no London Palladium e que foi um dos pioneiros da comédia na televisão, no canal BBC, no auge do vaudeville. Os avós paternos, que actuaram no circo *Fanni* em Paris, na Foire du Trone, tinham uma trupe conhecida como ‘Bassi-Marcellis Troupe’ (fig.6) e dela faziam parte, para além deles os dois, os seus filhos, incluindo o pai de Leo Bassi, Leo Bassi Sénior. Era uma trupe de acrobatas, equilibristas e malabaristas.

Alguns anos depois, depois da II Guerra Mundial, o circo entrara em declínio na Europa e os Bassi decidem ir para os EUA, onde se faziam vários tipos de espectáculos de variedades. Leo Bassi Sénior, a sua irmã e o seu cunhado, que tinham formado um conjunto intitulado Trio Bassi, criaram um espectáculo de 12/13 minutos só de malabarismo, onde eliminaram tudo o que era referência ao circo europeu, com o qual percorreram os EUA, apresentando-se em espectáculos onde actuavam também Louis Armstrong, Groucho Marx ou Ed Sullivan. Foi numa destas itinerâncias em continente americano que, em 1952, nasceu Leo Bassi, em Nova Iorque.

Numa viagem à Austrália, aos sete anos, Leo Bassi faz a sua estreia no mundo do circo num espectáculo ambulante de vaudeville onde os seus pais actuavam, o *Sorlie's* (fig. 7 e 8), que era uma versão “pobre” do *Aladino e a lâmpada mágica*. Bassi fazia de assistente do génio da lâmpada. Este foi o início de uma aprendizagem feita directamente em cena. Continuou sempre a viajar com a família, participando em muitos dos seus espectáculos, frequentando a escola sempre que era possível e, paralelamente, aprendendo o ofício de malabarista. Aos dezassete anos, já possuía a mestria suficiente para integrar o Trio Bassi, com o pai e a tia. Foi neste ambiente nómada, comunitário, numa confluência constante de culturas, que Leo Bassi cresceu. A sua escola foram os anos de estrada, a tenda de circo, a trupe, o público e um permanente espírito de liberdade e anarquia.

No final dos anos 60, regressaram à Europa onde pai e filho criaram um espectáculo, no qual um fazia de bêbedo – personagem clownesca, mas sem traje de palhaço – e o outro fazia de malabarista. No entanto, Leo Bassi não gostava de trabalhar em variedades, por considerar que não era nem inovador, nem tradicional. É nesta altura que ele se apercebe que não quer repetir números. O circo era cada vez mais visto como

puro entretenimento, tendo perdido grande parte da sua importância social e o mundo do vaudeville deixa de interessar a Bassi. Assim, aos 23 anos (1975), dá-se uma alteração crucial na sua vida: abandona o negócio familiar e decide seguir uma carreira a solo. Começou então a fazer espectáculos na rua, tentando procurar a essência do circo tradicional mas tentando renová-lo, profundamente influenciado pelos acontecimentos do Maio 68. Numa verdadeira procura de identidade artística, ele cria o espectáculo de rua *O circo mais pequeno do mundo* e passa os anos seguintes a viajar pelo mundo com o seu co-protagonista, um galo chamado Ben-Hur (fig. 9 e 10). Começa aqui uma demanda artística: criar espectáculos a solo, onde a sua ancestralidade circense esteja presente, mas projectada num mundo em mutação, ou seja com uma estética renovada, traduzindo-se em espectáculos irreverentes e provocadores. Em 1978, dá uma entrevista para uma revista chamada *Bouffonneries* que o faz ganhar maior projecção internacional e participar em cada vez mais festivais internacionais de teatro, onde começa a ficar conhecido pelo seu estilo de comédia. Desde então, tem criado espectáculos a solo e eventos ao ar livre, participado em convenções, conferências e inaugurações, criando actos teatrais que visam denunciar algumas práticas políticas, religiosas ou culturais, tendo vindo a participar também em programas de televisão e em filmes.

Da família, herdou os truques do ofício: é um malabarista exímio, experiente como palhaço, profissional desde os 7 anos de idade. Quando sentiu que o circo se tornara obsoleto e que precisava de procurar novas formas de expressão artística, criou uma cisão com a família. No entanto, após vários anos a percorrer as ruas em espectáculos a solo e a construir a sua identidade como artista, foi progressivamente procurando encontrar a essência da sua tradição familiar e, consequentemente, da tradição circense. Isto vai reflectir-se na sua proclamação como bufão e também na construção dramática das suas acções cénicas.

Para a construção dramática de vários espectáculos e até mesmo conferências, é determinante todo um vasto manancial de memórias detalhadas sobre os seus antepassados. Em *Utopia*, por exemplo, uma das cenas centrais do espectáculo é a projecção de uma fotografia de Marcello Bassi com um cão na cabeça e vestido de soldado durante a I Guerra Mundial, onde lutou pela França. Leo Bassi conta como esse cão salvou o seu avô dos horrores da guerra, pois durante esse tempo treinou-o com habilidades, mantendo assim o contacto com o circo. Numa conferência que realizou na Rússia intitulada «Clown at war», Bassi utilizou a mesma história para falar dos paralelismos entre a guerra e o riso, argumentando que ambos lidam com o instinto

animalesco e destroem convenções, embora a guerra tenha um carácter definitivo, ao contrário do humor, que mantém as coisas fluídas, indefinidas, relativas. Conta ainda que o avô tinha actuado muito na Alemanha e que, cada vez que matava um alemão, sentia que estava a matar um espectador. Noutros espectáculos, utilizou histórias da sua infância.

Outro factor determinante no seu trabalho é a experiência nómada da trupe circense. Ir de localidade em localidade desde tenra idade actuando sempre para públicos diferentes foi a sua verdadeira aprendizagem. Na referida revista *Buffoneries*, dirá que um mês de rua é mais do que um ano numa escola de circo (BASSI 1980: 148), reforçando a importância do contacto directo com o público, característica que se vai manter durante toda a sua carreira.

A linguagem é simples porque, tal como toda a minha obra, o meu principal desejo é ligar-me às pessoas da rua. Uma atitude artística que não apenas representa uma orientação política mas que também é parte integrante da minha realidade existencial. Desde a minha infância, com os meus pais no circo, a rua tem sido a minha escola. Como nómadas que éramos, a rua e a sua projecção física e onírica, a estrada, eram os locais onde a vida se desenvolvia. O nosso público, que enchia as bancadas e nos dava de comer, era popular, e eram os seus gostos, os seus desejos e prazeres o que o nosso espectáculo tinha que satisfazer. Em nenhum momento perdi a fé na rua. [...] Acredito sinceramente que, encontrando a forma adequada, pode-se falar sobre tudo na rua. (BASSI 2007: 38-39)

I.2. Em busca do espírito do bufão

Quando se dá a cisão entre Leo Bassi e a sua família, ele começa um longo percurso no qual tenta, primeiro que tudo, romper com a tradição circense de que é herdeiro. Sentindo que o circo se tornara obsoleto e decadente, procura, através do contacto directo com público em espectáculos de rua, encontrar o seu próprio estilo de comicidade. Toda a sua formação pessoal e artística fizera-se no circo, por isso Bassi conhecia bem a essência do espírito crítico que tanto caracterizara o palhaço no século XIX. Mas ele vai procurar mais longe na história, mais concretamente na Idade Média, e começa a desenvolver uma figura de bufão, aliando algumas das suas características históricas a uma ideia de renovação cénica e de comentário sociopolítico actual.

É difícil estabelecer uma cronologia exacta do bufão devido ao facto de existirem poucos documentos escritos. No entanto, sabe-se que o bufão foi uma figura de grande destaque durante a Idade Média e o início do Renascimento, nomeadamente nas cortes, nos castelos, nas praças públicas e até mesmo nos conventos. Há vestígios da sua existência que vão até à antiguidade greco-romana, embora alguns estudiosos como Beatrice K. Otto defendam que a sua origem tenha sido na China. A Festa dos Tolos (*Festum stultorum*), herdeira das Saturninas do Império Romano, também parece estar na origem ou, pelo menos, na intersecção da figura do bufão: era uma festa a seguir ao Natal, onde as cerimónias religiosas eram motivo de chacota, numa breve revolução na qual as pessoas sem poder ficavam temporariamente poderosas, impunes e altivas perante a sociedade. O espírito satírico desta festividade permaneceu intacto nas personagens da *commedia dell'arte* e noutros géneros teatrais populares, fascinando sempre o seu público (FISCHER 1993: 78).

O espírito da Saturnália pagã sobreviveu na tradição carnavalesca Europeia; a encenação da inversão social da Saturnália estava presente nos espectáculos medievais populares de paródia sacra e secular, tais como a *festa stultorum* (festa dos tolos), o *risus Paschalis* (riso da Páscoa), os *sermons joyeux* (sermões alegres), e o *sotie* (peça dos tolos). Nestes espectáculos satíricos, os artistas amadores e profissionais das classes mais baixas representavam e parodiavam as figuras da autoridade da nobreza e do clero, como o Rei dos Tolos, o Bispo dos Tolos, e até mesmo o Papa dos Tolos. (SCUDERI 2000: 42)

De uma maneira geral, as personagens cómicas da tradição popular foram relegadas para um segundo plano pelos eruditos e estudiosos, por denotarem estas práticas como ‘menores’. Uma das razões para este preconceito é o facto de, ao longo da história, grande parte do teatro popular cómico ter sido feito sem textos escritos ou sem autores que o pudessem validar; ou seja: eram realizados à base da improvisação e

da memória oral, sem pertencer aos cânones literários. Dario Fo diz, a respeito dos jograis medievais, que os poucos testemunhos escritos que chegaram até nós se devem, principalmente, aos escrivães, clérigos ou tabeliães que, de vez em quando, escreviam no verso de um documento importante as baladas e os textos que tinham ouvido dizer por um jogral (FO 2004: 133-134).

Mas mais importante do que traçar uma linha cronológica do bufão, é tentar compreender quais as suas características e funções artísticas. O bufão (muitas vezes associado à figura do bobo) é uma personagem cômica a quem é permitido dizer tudo. Patrice Pavis diz:

O bufão, como o louco, é um marginal. Este estatuto de exterioridade o autoriza a comentar os acontecimentos impunemente, ao modo de uma espécie de paródia do coro da tragédia. Sua fala, como a do louco, é ao mesmo tempo, proibida e ouvida. (PAVIS, 1999: 35)

Poder-se-á dizer que o bufão existe num estado liminar, entre a vida e a arte. A sua conduta é sempre a mesma, dentro ou fora do palco. É uma maneira de viver em liberdade absoluta (num mundo sem liberdade), sendo-lhe permitido dizer e fazer tudo, precisamente devido a esse estatuto de exterioridade, que o coloca à margem das normas sociais vigentes. Através do seu carácter provocador e crítico, ele provoca um efeito consciencializador por dizer o indizível através da comicidade, do exagero e do grotesco. Daí a comparação de Pavis ao coro da tragédia grega: o bufão assiste a todos os acontecimentos, comenta-os, transforma-os em comédia, provocação e sátira, ou até mesmo blasfémia, permanecendo como uma entidade liminar, a quem é concedida a possibilidade de comentar sem agir e sem que nada lhe aconteça. A única acção que o bufão provoca é ao nível da consciência de cada espectador. Vários estudiosos, nomeadamente Bakthin, defendem que a presença do bufão é indispensável para que haja um equilíbrio entre a vida e a consciência individual, devido à revelação crítica que ele faz dos acontecimentos que o rodeiam. A sua fisionomia é grotesca, muitas vezes com deformações físicas ou características animais, sublinhado o seu estatuto de marginal – num sentido físico, psíquico e social – podendo ser muitas vezes desagradável e repulsivo. A matéria que alimenta as suas intervenções reporta-se, na maioria das vezes, ao sexo, à comida e à bebida.

O bufão é uma presença constante em festividades, nomeadamente no Carnaval e em rituais religiosos ou cortejos reais, entre outros. Muitas vezes, o bufão está no centro da vida política, nomeadamente na corte, exercendo grande influência sobre reis e príncipes, devido à sua capacidade de distanciamento sobre os acontecimentos, sendo

raramente tido como uma ameaça, devido ao seu estatuto de marginal ou de louco. O bufão actua sozinho e utiliza uma série de recursos nas suas intervenções: cantigas, acrobacia, mímica, malabarismo, contar histórias, declamar. Realiza acções artísticas com fins políticos, sociais e económicos, diz aquilo que socialmente não pode ser dito, aponta os vícios, a corrupção, a mentira e a hipocrisia. O seu humor subversivo leva a um questionamento devido à denúncia do mal (seja ele qual for), e, consequentemente, à formação de um pensamento crítico por parte do público.

Bassi reivindica para si a figura do bufão. Dario Fo ficou conhecido por resgatar esta figura para o século XX, mas Bassi afirma que não foi influenciado por ele, até porque vinham de mundividades diferentes, um do teatro, o outro do circo. Como autodidacta que é, Bassi começou muito novo a instruir-se sobre determinados temas, incluindo a trajectória do bufão do longo dos séculos: a sua existência na Idade Média e nas cortes, a sua importância e as suas características. Identificou-se com a sua independência e orgulho e transformou-se gradualmente em bufão. Nesse processo, apercebeu-se que os seus antepassados também eram bufões, de espírito, pelo menos, com uma postura anticlerical muito forte. O seu conceito de bufão inclui o de palhaço, o de provocador e o de animador; ou seja, é uma figura que existe nas suas diferentes práticas cénicas. No entanto, quando se refere ao palhaço, refere-se ao palhaço histórico, principalmente do século XIX, interpretado pelos seus antepassados: como animal político que denuncia os vícios, que comunica ao público a possibilidade de formar uma opinião, de contestar o poder instituído e de assumir uma natureza crítica e criativa.

Mas ser bufão é mais do que isto: para Bassi, é também uma filosofia de vida, uma maneira de estar no mundo. Essa filosofia está intrinsecamente ligada a uma ideia de justiça social e, ao mesmo tempo, de consciencializar a maioria das pessoas através da denúncia da corrupção, da política falaciosa ou dos costumes obscurantistas. Praticar essa denúncia significa muitas vezes provocar fortes reacções a quem assiste, a favor ou contra, numa oposição permanente ao poder vigente, potenciando o lado anárquico desta figura que opina sobre todos os assuntos, especialmente a política. Utilizando o espírito do bufão, faz um comentário sobre a actualidade utilizando a comédia; comunica através do riso, mecanismo de impacto profundo sobre o corpo todo do espectador permitindo uma libertação da mente e adaptando-se melhor a novos caminhos. O bufão diz aquilo que mais ninguém se atreve a pronunciar, é a possibilidade de fazer uma crítica ou anedota ao poder, é o sinónimo da verdadeira liberdade de expressão.

Bassi impõe-se a missão de manter a tradição de libertar, de dizer as coisas francamente, sem ter medo das consequências. Foi buscar ao passado a essência crítica, anárquica e reivindicadora do bufão, projectando-a na actualidade através dos seus espectáculos, como forma de intervenção na sociedade, de denúncia relações sociais viciadas e obscurantistas, e como forma de liberdade expressiva e criativa. Em última instância, como forma de reflexão sobre a condição humana.

I.3. Zonas fronteiriças

Apesar da singularidade do trabalho artístico de Leo Bassi, é possível enquadrar a sua prática artística dentro da herança do século XX. Vimos como ele foi buscar a figura do bufão à sua genealogia circense e à Idade Média, e esta é, sem dúvida, a principal influência caracterizadora da sua obra. Mas ao longo do século XX, houve um forte pendor de politização e de provocação nas artes, cuja influência não pode ser obliterada, principalmente no que diz respeito às vanguardas do início do século XX, que influenciaram de forma decisiva as práticas artísticas actuais e, especificamente, o teatro. Como não pretendo fazer uma historiografia do teatro no século XX, apenas vou referir alguns momentos que foram de suma importância e que, de maneira indirecta, influenciaram a obra artística de Leo Bassi, relacionando-a com uma vasta tradição do teatro, ligada sobretudo à subversão e à intervenção política e social.

I.3.1. Alfred Jarry

O poeta Paul Fort fundou o Théâtre d'Art (1890-1893) e nomeou para director artístico o actor e encenador Aurélien Lugné-Poë. Este, em 1893, funda o seu próprio teatro, o Théâtre de l'Oeuvre, que se tornou o local ideal para experimentações dos simbolistas, um teatro da imaginação e da interioridade. E foi aqui que, a 10 de Dezembro de 1896, estreou o *Rei Ubu*, de Alfred Jarry, com o actor Firmin Gémier. A peça era burlesca e absurda, inspirada em farsas e espectáculos de marionetas, com alguns elementos precursores da modernidade, como por exemplo, a não utilização de cortinas, o facto de haver um cenário único e apenas um actor a representar uma multidão, para além da utilização de máscaras. Este espectáculo provocou um grande tumulto em Paris com a primeira palavra do espectáculo: 'merdre' – e foi assim que nasceu o teatro de vanguarda do século vindouro (BERTHOLD 2001: 469).

Então, Ubu (o actor Firmin Gémier), com uma roupa que lhe dava a forma de uma pêra, declamou a primeira fala da peça, na verdade uma única palavra: merdre. Um pandemónio instalou-se no teatro. Mesmo com um acréscimo de um "r", a palavra "merda" era rigorosamente proibida nos espaços públicos; de cada vez que o Pai Ubu, o representante da patafísica de Jarry, "a ciência das soluções imaginárias", ia abrindo caminho até ao trono da Polónia por entre a chacina generalizada, os músicos da orquestra pegavam-se aos socos e os manifestantes aplaudiam e vaiavam, demonstrando o seu apoio ou o seu repúdio perante o que ali se passava. Bastaram duas apresentações de *Rei Ubu* para o Théâtre de l'Oeuvre ficar famoso." (GOLDBERG 17: 2007)

Alfred Jarry continuou a escrever peças e artigos para revistas literárias, incluindo o texto "De l'inutilité du théâtre" publicado no jornal *Mercure de France* (em 1896), onde o autor interroga se o teatro se deve adaptar à multidão ou vice-versa, pois

nem todos estariam em posição de o compreender. (VASQUES 2003: 78). Outro periódico parisiense onde Jarry também publicou os seus textos, foi o *La Plume* com vários textos em verso livre, que provou ter uma enorme influência em Filippo Tommaso Marinetti.

I.3.2. Marinetti

A 20 Fevereiro de 1909, Marinetti publicou o primeiro manifesto futurista, no jornal *Le Figaro*, que consistia num forte ataque às artes (especialmente em Paris, a capital cultural do mundo na altura), através de 11 itens que proclamavam a ruptura com o passado e a identificação do homem com a máquina, a velocidade e o dinamismo do novo século. Dois meses mais tarde, Marinetti apresentou no Théâtre de l'Oeuvre a peça *Le Roi Bombance*, uma sátira à revolução e à democracia (claramente influenciado pela peça de Jarry), onde pôs em prática os pressupostos do seu manifesto. Foi o grande precursor do futurismo e durante anos pô-lo em prática, através das artes cénicas, de inúmeros manifestos e de saraus. O primeiro sarau (*serata*) futurista teve lugar no Teatro Rossetti, em Trieste, em Janeiro de 1910 e era contra o culto da tradição e da comercialização da arte, com entoação de louvores ao militarismo patriótico e à guerra e a favor de uma intervenção bélica contra a Áustria. A partir daqui, os futuristas passaram a ser considerados arruaceiros (em 1914, no Teatro dal Verme, os futuristas incendiaram uma bandeira austríaca, levando o tumulto para as ruas). Em período pré I Guerra Mundial, o futurismo tornara-se um meio de difundir propostas artísticas radicais. A estreia da peça *Poupées électriques*, no Teatro Alfieri, em Turim, encenada por Marinetti, utilizava a declamação como uma nova forma de teatro e que viria a ser a 'marca registada' dos futuristas. Primeiro com Jarry e depois com Marinetti, a provocação passou a fazer parte do teatro, como catalisador do protesto e da controvérsia.

I.3.3. Construtivismo

Paralelamente, o Futurismo manifestava-se na Rússia como uma vontade de quebrar com a tradição artística e política. O massacre de 1905, conhecido como «Domingo Sangrento», havia marcado o início de uma revolução teatral e artística na Rússia. O café Cão Vadio era o ponto de encontro da nova elite artística russa, em São Petersburgo, onde também iam os editores da revista *Satyricon*. Foi aqui que o futurismo russo se afirmou através de manifestos contra a arte dominante de perfil

nefelibata. Em 1912, os poetas e pintores Burliuk, Maiakovski, Livshits e Khlebnikov publicam o manifesto *Uma estalada na cara ao gosto do público*. Em 1913, os futuristas foram para o Teatro Luna Park em São Petersburgo e apresentaram a tragédia *Vladimir Maiakovski*, de Maiakovski e a ópera *Vitória sobre o sol*, do poeta Alexei Kruchenikh com cenários e figurinos de Kasimir Malevitch e libreto de Mikhail Matiushin. Caracterizando-se pela geometria no cenário e por figurinos que emprestavam aos actores figuras semelhantes a marionetas e figuras mecânicas, esta ópera resultou da colaboração perfeita entre o poeta, o músico e o artista. Este teatro tornou-se numa espécie de salão futurista com grande afluência de público. No entanto, a imprensa ignorou estes eventos. Assim, os futuristas russos “*decidiram apresentar o seu “futurismo” ao grande público: andavam pelas ruas com roupas exóticas, rostos pintados, cartolas, casacos de veludo, brincos, e rabanetes ou colheres nas casas dos botões*” (GOLDBERG 2007: 41). Em 1913, Iliá Zdanévitch e Mikhail Lariônov escreveram *Porque nós pintamos: um manifesto futurista* e, em 1915, deu-se a primeira exposição futurista. O encenador e bailarino Nikolai Foregger ampliou a mecanização e a abstracção da arte e do teatro através da inclusão da dança. Fez muita investigação sobre o gesto cénico e introduziu elementos da *commedia dell’arte* e da farsa da Idade Média. Queria um teatro popular adequado às exigências das novas posições socialistas. O construtivismo começava a desenhar-se como movimento estético-político, adaptando as ideias futuristas a práticas mais populares (GOLDBERG 2007: 46-47).

Muitos futuristas favoreciam a máquina da propaganda e da revolução, quer através da ROSTA, agência telegráfica russa (cartazes animados, slogans), na busca de uma arte mais social e política, quer conciliando técnicas populares e de vanguarda para criar produções industriais em grande escala nas quais participavam milhares de figurantes, criando inúmeras possibilidades cénicas. Foi um período de agitação cultural muito forte, com um grande movimento teatral da classe trabalhadora, atraindo muitos artistas. Em 1934, o Festival de Teatro Soviético marcou o fim de uma época de experimentalismo. A partir dali, o realismo socialista tornou-se a estética dominante.

I.3.4. Meyerhold

Meyerhold, que iniciou o seu percurso com Stanislavsky no Teatro de Arte de Moscovo, gradualmente passou a opor-se à estética naturalista, começando primeiro a sua pesquisa numa vertente mais simbolista. Sentindo que, para formar um novo teatro, precisava de existir um novo tipo de actor, começou a pesquisar o teatro popular e a

criar experiências teatrais cada vez mais radicais, utilizando para isso, o pseudónimo de Doutor Dappertutto, inspirado numa personagem de E. T. A. Hoffmann. Manteve a centralidade do actor, procurando representar relações humanas, em vez de processos mentais individuais e, para tal, investigou diferentes tradições: os Skomorokhi russos, o teatro ancestral de máscaras, mistérios medievais, teatro isabelino, teatro do século de ouro espanhol, *commedia dell'arte*, marionetas, Molière e o teatro oriental, destacando a *commedia dell'arte* e o teatro japonês nas suas pesquisas (FISCHER-LICHTE 2002: 291). Criou um sistema de treino corporal para o actor, a biomecânica, que permitia expressar sentimentos ou ideias de forma não naturalista. Todas estas inovações prenunciavam e formaram um novo tipo de espectador, a quem Meyerhold dava muita importância, chamando-o de ‘quarto criador’ (juntamente com o escritor, o encenador e o actor). Tentou, inclusivamente, criar sistemas de avaliação de reacções dos espectadores (McAULEY 2000: 238). Encontrou nos construtivistas os cenógrafos que procurava para um teatro revolucionário, adoptando um sistema de andaimes multifuncional.

I.3.5. Dadaísmo

Outro movimento de vanguarda surgido no início do século XX foi o dadaísmo (Hugo Ball e Huelsenbeck apelidaram a cantora LeRoy de Dada, ‘sim, sim’, em romeno), que tinha como lemas a provocação ao público, a destruição da arte e o nada. O teatro cabaret era muito popular na Alemanha, principalmente em Munique, em vários cafés. Foi no Café Simplicissimus que se conheceram Emmy Hennings e Hugo Ball (um dos expoentes do dadaísmo), e que Frank Wedekind veio a marcar uma presença artística. Este último, provocador e libertino, “*actuava em cabarés quando se via sem dinheiro para produzir as suas peças ou quando a censura oficial o proibia de encenar. Chegava a urinar e a masturbar-se no palco.*” (GOLDBERG 2007: 63). Fazia várias performances provocatórias como forma de sátira feroz contra a sociedade.

I.3.6. Maio de 1968

Nos anos 1960, as cidades tinham-se transformado em palcos gigantes para vários tipos de performances, onde se começara a explorar o lugar como elemento central da performance. O local do evento passou a ser cuidadosamente calculado, sendo o primeiro e mais importante factor a determinar os acontecimentos, seguido dos materiais e, por último, dos intérpretes. Os artistas procuravam formas de comunicar

com o público e de serem aceites por ele. Começou-se a dar um maior enfoque ao processo artístico, derivando na arte conceptual, onde se tentava aplicar na prática os conceitos de experiência do tempo, do espaço e do material. As primeiras acções conceptuais eram mais instruções ao espectador do que algo mais ‘encenado’.

1968 foi um ano marcado por acontecimentos políticos transformadores da vida cultural e social na Europa e nos EUA, numa altura em que houve uma forte crítica aos valores e estruturas dominantes, às instituições artísticas, aos críticos de arte e às galerias (mercantilismo). Os acontecimentos de Maio de 68 influenciaram o teatro político que pretendia ser uma arma contra o poder instalado.

Nessa altura, Leo Bassi estava a viver em Paris e testemunhou esses acontecimentos, que o influenciaram profundamente. Começou a sua carreira a solo no contexto do pós Maio 68, altura em que os artistas procuravam inovações estéticas, tentando libertar-se de paradigmas conservadores artísticos e procurando o contacto directo – e interacção – com o público, baseando-se em estilos de teatro popular como a *commedia dell’arte*. Foi neste contexto que Leo Bassi procurou voltar à tradição do bufão e do palhaço, mas renovando-a à luz destes acontecimentos transformadores da sociedade e de forte agitação cultural.

I.3.7. Anos 1980 e 1990

Em 1979, deu-se uma viragem do teatro e da performance para a cultura popular, devido, essencialmente, a uma nova atmosfera social: pragmatismo, espírito empresarial e profissional, elementos alheios à história da vanguarda. Surgiu uma nova geração de artistas jovens, muitos dos quais se tornaram estrelas milionárias – artistas-celebridade. Assistiu-se, portanto, à comercialização e ao aburguesamento da arte. Os *media* exerciam já uma forte influência política, social e cultural (TV, cinema, filmes série B, etc.). Assim é natural que tenha havido uma destruição progressiva da barreira entre a arte e os *media*, levando à exploração de um novo território estético e à utilização de técnicas do cinema (*flash backs*, elipses, panorâmicas, travelling), fruto de uma nova mentalidade mediática. Assistiu-se também a uma maior teatralidade nas performances. Nos anos 80, a performance pode ser considerada como ‘entretenimento de vanguarda’, devido à viragem para os *media* e para o espectáculo (incluindo a ópera) a partir de 1979.

O teatro tinha tido uma influência determinante na performance mas, no limiar dos anos 80, era o teatro que saía reinventado devido à influência da performance. Surge, assim, um híbrido: teatro-performance.

Ao novo teatro concedeu-se a licença de incluir todos os materiais e meios de expressão, de usar a dança ou o som para concretizar uma ideia ou de encaixar um filme no meio de um texto. Inversamente, a nova performance ficou com a liberdade de ostentar refinamento, estrutura e uma narrativa. (GOLDBERG 2007: 247-248)

No final dos anos 80, começou a haver uma grande contestação da comercialização da arte, que era contrária à experimentação toda anterior até aos anos 70. Vários distúrbios políticos e económicos tiveram impacto sobre o desenvolvimento cultural em todo o mundo: Wall Street em colapso; queda do muro de Berlim; minorias que lutavam por questões de identidade étnica e multiculturalismo (grupos marginalizados: minorias, homossexuais, lésbicas travestis, deficientes, doentes crónicos, prostitutas). Tornou-se necessário para os artistas desta época expressar ideias complexas sobre a própria identidade e a performance tornou-se uma forma de perscrutar as raízes culturais. Estas questões foram muito abordadas nas edições de 1991 e 1992 do Festival Next Wave, nos EUA, assim como a série de performances intituladas *Let's get it on: The politics of black performance*, em Londres, 1994. Houve uma grande mudança de contexto na arte da performance, tornando-se numa forma de protesto social que envolvia uma nova forma de expor e trabalhar o corpo na cena teatral e social. Assim, muitas performances passaram a ser realizadas apenas por um intérprete.

A produção artística da década de 90 é caracterizada por um aumento de verbas públicas e de financiamento; pela valorização das capitais europeias; pela maturidade dos artistas dos anos 70 / 80; por uma rede europeia de teatros, festivais e conferências. Assim, muitas obras (Teatro-performance, centrado nos elementos visuais) são criadas para os grandes teatros da Europa, com apoio financeiro do Estado.

I.3.8. Dario Fo

A sua carreira começou no final dos anos 40, na rádio, e mais tarde no teatro. Procurou as raízes de todo o tipo de teatro popular tradicional, principalmente de origem na tradição oral, ou seja, géneros teatrais dos quais há muito pouco registos literários, como por exemplo, os mistérios medievais ou a *commedia dell'arte*, inspirando-se nas suas personagens e na improvisação para criar sátiras políticas, sociais e religiosas.

Dario Fo resgatou a figura do bufão para o século XX, embora não tenha exercido nenhum tipo de influência artística na obra de Leo Bassi³.

Fo considerava o gesto inseparável do discurso teatral. Escreveu as suas peças e interpretou diversos monólogos nos quais assumia uma figura próxima do contador de histórias como, por exemplo, em *Mistério Buffo* (1969), que combinava dramas religiosos medievais com pantomima e contemporaneidade, satirizando o catolicismo. Utilizava quase todas as formas de entretenimento popular. Atraía muitos espectadores, chegando aos 10.000 por noite. Foi um dos grandes responsáveis por um renovado interesse pelo teatro popular na segunda metade do século XX. Um dos seus principais objectivos era provocar reacções fortes nos espectadores, formar opiniões, estimular e criar momentos de conflito dialéctico (CARLSON 1993: 477), num teatro motivado politicamente.

Depois do Maio de 68, tornou os seus espectáculos cada vez mais políticos satirizando o capitalismo ou o Estado italiano. Criticou veementemente o partido Comunista italiano, assim como outras facções políticas, em prol de um comunismo que ele achava ser o correcto. Tornou-se uma figura muito conhecida quando começou a ser convidado para apresentar os seus espectáculos na televisão, nos anos 70. Por provocar conflitos constantes com o poder instituído foi, tal como Leo Bassi, vítima de censura, violência, ataques pessoais e teve que ir diversas vezes a tribunal.

³ Apêndice, p. 94.

II

Características da obra artística de Leo Bassi

Neste capítulo vamos abordar a obra artística de Leo Bassi. Quando Leo Bassi se estreou, tinha apenas 7 anos, actuando durante quase duas décadas com a família. Quando inicia a sua carreira a solo, tem apenas 23 anos. Hoje (2013), tem 61. Ou seja, tem quase 40 anos de carreira a solo, sendo que ainda está no activo e não sabemos até quando é que irá actuar. Como a sua carreira é muito extensa, foi necessário seleccionar alguns momentos mais pertinentes para a presente discussão. A caracterização da sua obra reporta-se aqui essencialmente aos últimos 10 anos da sua carreira.

II.1. Breve caracterização

Muitos adjectivos podem ser utilizados para caracterizar o trabalho de Leo Bassi: provocador, extravagante, polémico, sarcástico, transgressor, original, poliglota, laico, agitador, inconformista ou até mesmo inclassificável. Mas todas estas palavras podem resumir-se numa só palavra: bufão. É assim que ele próprio se autoproclama, tal como já vimos no capítulo anterior, criando obras profundamente originais e pautando sempre a sua acção cénica por uma inquebrantável atitude contestatária.

O seu trabalho é difícil de caracterizar, uma vez que alia números clássicos circenses, como o de fazer malabarismo com os pés, a monólogos intervencionistas e profundamente críticos, ou ainda a momentos de ameaças físicas aos espectadores. Uma das suas principais características é o facto de ele privilegiar constantemente o contacto directo com o público. Desde as actuações na rua, às conferências nas universidades ou até aos espectáculos de teatro para centenas de espectadores, o seu principal objectivo é sempre proporcionar uma experiência emocionante ao espectador, através da criação de momentos de extrema vitalidade que têm como função despertar consciências ou alertar para determinadas situações, sempre utilizando a comédia e o teatro gestual. A sua relação com o público nos seus espectáculos a solo passa por vários momentos: transmissão de uma ideia, entusiasmo, suscitar o riso colectivo, ou então levar a um momento final de introspecção sobre o que se acabou de ver. Ele provoca estímulos nos espectadores, que podem ir desde o medo à histeria ou à emoção. Nos últimos anos, tem vindo a suavizar a sua tendência provocadora, moderando os seus ataques, de maneira a

criar espectáculos mais poéticos e introspectivos, onde comunica a sua essência de bufão e a sua filosofia de vida. No entanto, vamos tentar apurar quais as especificidades artísticas deste bufão.

Vejamos agora alguns espectáculos determinantes na sua carreira até aos dias de hoje, comprovando também o seu carácter itinerante.

Datas	Nome do espectáculo (título original)
2012 até ao presente	<i>The best of</i>
2009 até ao presente	<i>Utopía</i>
2005-2007	<i>La Revelación</i>
2004-2008	<i>El Bassibus</i>
2001-2004	<i>El 12 de septiembre</i>
1998-2005	<i>La Vendetta</i>
2000	<i>Golf</i>
1996	<i>Brains</i>
1996	<i>Cybercus: El Gran Circo Internet</i>
1995	<i>CircusWhitman</i>
1993-2005	<i>Instintos ocultos</i>
1993	<i>El Ejecutivo</i>
1992	<i>Cristóbal Colon Inc. Export/Import</i>
1990	<i>El suicidio eléctrico</i>
1989	<i>La Última locura de Nerón</i>

Já actuou em vários países, nomeadamente:

- Espanha, Portugal, Itália, França, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Áustria, Suíça, Noruega, Finlândia, Rússia, Brasil, Argentina, Venezuela, México, Chile, EUA, Canadá, Cabo Verde, Jordânia, Egipto, Paquistão, Uzbequistão, Cazaquistão, Palestina.

Alguns dos festivais onde já actuou:

- Mindelact (Cabo Verde); IV Festival Internacional de Circo da Venezuela (Caracas, Venezuela); Festiclown (Galiza e Palestina); Festival Anjos do Picadeiro (Rio de Janeiro). Em Portugal já participou nos seguintes festivais: Teatro Agosto (Fundão); Festival Gesto Orelhudo (Águeda); Imaginarius (Santa Maria da Feira); Festival Internacional Teatro Cómico da Maia (Maia); Festas de Lisboa (Lisboa).

Já recebeu muitos prémios pelo mundo todo, incluindo em Portugal:

- (Teatro Agosto 2012. Prémio do público e Prémio de Teatro Tondela), Prémio OBIE (Off-Broadway Theater Award), Nova Iorque, Prémio Just For Laughs Festival, Montreal (Canadá), só para nomear alguns.

II.1.1. *One man show*

Podemos considerar Leo Bassi como um *one man show*: idealiza, encena, produz e interpreta os seus espectáculos (recorrendo a colaborações com cenógrafos, músicos ou figurinistas), que são o resultado de uma demorada reflexão racional sobre como expor determinado assunto em cena, que pode ir desde a crítica ao monoteísmo até ao apelo das ideias dos Iluministas setecentistas, ou à intolerância a determinadas liberdades individuais de hoje. Está sempre sozinho em cena, à excepção dos momentos em que pede a participação de algum espectador ou o auxílio de um contra-regra que leva ou retira algum adereço de cena. Os seus monólogos são pequenas narrativas que se sucedem encadeadas por uma lógica dramática ou, então, entrecortadas por números circenses ou de provocação. O seu discurso é feito directamente para o público, sem a convenção da quarta parede, convocando a participação activa da audiência, o que faz com que os seus espectáculos sejam obras abertas em constante mutação devido a esta relação que se estabelece ao vivo. As expressões do rosto, a voz, os gestos, os silêncios e o ritmo das frases são acompanhados por um humor gestual e satírico, onde tudo pode ser alvo de crítica mordaz, incluindo ele próprio.

Por vezes, os seus monólogos adquirem um tom confessional, em que Bassi expõe os motivos que o levaram a fazer esse espectáculo ou a comentar um acontecimento que terá ocorrido durante o dia. Outras vezes, o seu tom é o de um contador de histórias despertando o poder da imaginação através de uma utilização cuidada da sintaxe que expressa o seu pensamento.

II.1.2. Teatro

Desde o início da sua carreira, a sua estética foi evoluindo e, apesar de já ter feito todo o tipo de acções cénicas (eventos ao ar livre, inaugurações, eventos em convenções, performances, aparições em programas de televisão, conferências em

universidades, manifestações, espectáculos de rua ou em teatros⁴), nos últimos vinte anos Bassi elegeu o teatro como território próprio para expressar e veicular as suas ideias. Os seus primeiros espectáculos transformaram-se: primeiro eram cómicos e divertidos, depois passaram a ser provocadores e agora são uma crítica contra as coisas de que discorda. A sua estética está neste momento à procura da poesia cénica, de uma forma de expressar ideias e opiniões sem ser de forma tão declarada, mas sim de maneira subtil e poética.

Sou uma pessoa que me fiz por mim mesmo porque sou fruto da tradição circense de muitas nacionalidades distintas. Vivi em muitos países diferentes. Cada dia da minha vida fui consciente de que era totalmente livre e que poderia criar qualquer Leo Bassi. Já me reinventei cinco vezes em minha vida. Fiz malabares na Ásia, China e Japão. Fui artista de rua na Europa. Performance de discoteca. Showman de TV na Espanha, Itália e Alemanha. Minha última reencarnação - homem de teatro - que já dura quase duas décadas, é com a qual sou mais feliz. Além disso, minha tradição circense me transformou em filósofo, político e provocador.⁵

II.1.3. Provocação e suas consequências

Historicamente, o bufão sempre foi um provocador. Assim, a provocação é uma ferramenta utilizada por este artista com a finalidade de suscitar reacções no público. Pode ser realizada através de intensidade gestual e vocal, dos temas abordados, ou da ameaça directa ao público com fogo, água, explosões ou ovos. Essa estratégia é utilizada de forma a conseguir desarmar o espectador, isto é, tirá-lo da sua zona de conforto de espectador passivo e fazê-lo reagir, criando uma analogia entre a reacção vivenciada e o tema abordado. Por exemplo, quando Leo Bassi ameaça atirar ovos ao público utilizando um taco de golfe mas no último momento consegue trocá-los por bolas de borracha, a histeria causada no público é semelhante à mediatização da crise económica actual, em que as pessoas se limitam a gritar e a ter medo, sem ver realmente o que é que realmente se está a passar; uma histeria massiva, que descontrola a população e a torna incapaz de reagir⁶. É este tipo de analogias que Bassi pretende que o seu público estabeleça, e por isso é que a provocação é um meio e não um fim; é apenas uma ferramenta utilizada num plano artístico e racional para que as pessoas ouçam as suas ideias, criando uma mistura entre medo e adrenalina, suspense e instinto de sobrevivência (fig.11).

⁴ Leo Bassi também já participou como actor nos filmes *Platillos Volantes* (2004), *El hombre ubicuo* (2001) e *Illuminata* (1998). Realizou e interpretou a curta-metragem *Cabras* (2001), como forma de protesto contra a construção desenfreada de campos de golfe, que tiram os animais do seu habitat natural.

⁵ In “O imprescindível bufão Leo Bassi”, por Cará Pinhé. <http://carapinhe.blogspot.pt/2011/04/o-imprescindivel-bufao-leo-bassi.html> (consultado a 30/06/2013).

⁶ Leo Bassi denomina esta incapacidade de *Cullo Stretto*, expressão italiana.

Os anos que Bassi passou a actuar na rua permitiram-lhe ter um controlo muito grande sobre a comunicação e os diferentes momentos de tensão, fazendo com que cada reacção esteja meticulosamente estudada em paralelo com a dramaturgia do espectáculo. No entanto, há muitas pessoas que reagem negativamente às suas provocações, interpretando-as como ofensas directas a crenças religiosas ou políticas. Ele desperta ódios e paixões, mas pretende que o espectador não seja indiferente ou, pelo menos, seja capaz de discutir determinado assunto com conhecimento de causa. As suas provocações cénicas já despertaram as mais variadas reacções, algumas delas muito violentas: foi vítima de censura, violência, ataques pessoais e idas a tribunal, para além de um conflito constante com o poder instituído.

Em 2006, quando actuava no Teatro Alfid em Madrid, com o espectáculo *A Revelação*, foi vítima de um atentado à bomba. Colocaram uma bomba artesanal a três metros do camarim onde Bassi se preparava, antes de entrar em cena. Ela foi descoberta a tempo, mesmo antes de explodir num teatro com duzentas pessoas lá dentro. Depois disso, teve que andar durante quase um ano escoltado pela polícia, mudando várias vezes de casa, não deixando, porém, de receber contínuas ameaças. Em Utrera, o mesmo espectáculo teve que ser cancelado devido à mesma razão. Nos Estados Unidos da América, Filadélfia, em 1988, foi espancado por um grupo hostil de espectadores que lhe deixaram algumas costelas partidas assim como um ombro partido. Outro espectador partiu-lhe um dedo da mão, deixando-o torto para sempre. Também já lhe partiram um dente. Para além das agressões físicas, é constantemente insultado por grupos de extrema-direita católica, como o Hazteoír.org e já viu espectáculos seus serem cancelados em várias cidades por haver abaixo-assinados contra si.

II.1.4. Malabarismo

Bassi estreou-se com 17 anos no Trio Bassi, como antopodista, malabarismo com os pés. Começou desde muito pequeno a treinar com o seu pai, que foi considerado um dos melhores do mundo nesta especialidade. A prática do malabarismo criou-lhe uma disciplina física e mental de trabalhar arduamente para atingir um determinado objectivo. Em várias ocasiões, demonstra as suas habilidades como antipodista. Na entrevista concedida à autora, Bassi explicou como o treino do malabarismo comparado com o mundo do futebol o iniciou na política:

Porque é que eu, que tinha mais habilidade com as bolas do que os jogadores de futebol, não tinha nenhuma importância e os do futebol sim? [...] Esta experiência da injustiça do futebol ao lado da habilidade com as bolas do circo foi um grande

ensinamento para mim, uma educação política, porque desde aí comecei a pensar: “o que é esta sociedade? Porque é que gosta mais disto e menos daquilo?”⁷

II.1.5. Público

Ao longo dos anos, conseguiu criar um público muito vasto, em várias cidades do mundo. Aonde quer que vá, os seus espectáculos esgotam sempre e é várias vezes a principal figura de festivais internacionais de teatro. Privilegia o contacto directo com o público e utiliza como referência a reacção e o seu impacto para poder ir melhorando os seus espectáculos, tornando-os objectos artísticos em permanente mutação.

Os seus espectáculos não são de puro entretenimento e há muitas pessoas que se recusam a ir, por razões ideológicas. O público mais habitual é o jovem e é nele que Leo Bassi pretende despertar com as suas acções provocadoras de forma a poder contribuir para uma geração mais lutadora e consciente, despertando consciência no espectador adormecido, assim como o desejo de novos sonhos.

Como foi referido no ponto II.1.3., Bassi não quer que o espectador saia indiferente do seu espectáculo, mas sim consciente do que se passa à sua volta: Bassi quer promover a dialéctica no público e o confronto directo, o diálogo.

II.1.6. Figurino

Nas suas acções teatrais, Leo Bassi surge sempre com o mesmo figurino: fato preto, camisa branca, gravata vermelha e óculos pretos de massa. Muitas das vezes traz também uma maleta preta. O seu objectivo é trajar como alguém poderoso e rico: um banqueiro ou um político, mantendo-se assim fiel à sua filosofia de bufão de crítica contra o sistema. Essa crítica é feita também através do figurino, pois o público percebe imediatamente que se está a caricaturar alguém com dinheiro e poder.

Ocasionalmente, surge com outros dois fatos muito característicos: o de Papa (*A Revelação*, conferência de Valladolid, entre outros) ou o de palhaço branco com a inscrição 1789 (*Utopia* e alguns eventos ao ar livre). O primeiro é utilizado numa crítica directa à Igreja Católica e à sua figura pontífice; o segundo, como uma homenagem às suas origens circenses e às utopias do Iluminismo.

⁷ Apêndice, p.30.

II.1.7. Financiamento

O dinheiro público não incentiva as obras críticas. Em Espanha é impossível fazer um espectáculo que defenda o ateísmo com dinheiro público, porque nenhuma administração se atreve. Mas a esquerda também não gosta que um cómico possa viver fora do controle do Estado e dos partidos. Decidi que a minha vida é mais interessante sendo um bufão livre do que a viver com os comerciantes ao pé de um campo de golf.⁸

Em quase quarenta anos de carreira a solo, Leo Bassi nunca concorreu a um subsídio nem a um apoio estatal para realizar nenhum dos seus projectos. Começou a fazer espectáculos na rua, passando no final um chapéu para que os transeuntes pudessem dar o que achassem justo e, a partir daí, viveu sempre da venda de bilhetes e de espectáculos no circuito internacional de festivais de teatro. Isto permite-lhe ser completamente livre de subvenções, não tendo que prestar contas a ninguém, nem escrever relatórios de projecto, nem concorrer a subsídios segundo determinado padrão cultural vigente no momento (por exemplo, utilizar autores nacionais, ter serviço educativo, entre outros). Isto faz com que possa estrear um espectáculo por ano, no máximo. Além disso, é um defensor acérrimo do fim dos subsídios para o teatro, pois considera que estes moldam em demasia a estética dos seus criadores, por terem que estar subvencionados a uma ideia de cultura aliada ao poder. Através da venda dos seus espectáculos, Bassi permite-se fazer outro tipo de projectos que não são tão rentáveis economicamente, como é o caso da instalação do presépio da Palestina, no bairro madrileno Lavapiés.

Diz ter medo da arte que está subvencionada pelos poderes políticos pois o mundo da cultura não utiliza a sua liberdade para dizer determinadas coisas por estar ‘casado’ com o poder, deixando-se influenciar. O teatro vive de subvenções do poder político mas Bassi, por não estar subvencionado, não tem medo de dizer as coisas como quer, fazendo teatro de maneira completamente livre. No entanto, sabe que numa sociedade que se diz livre, uma pessoa que diz verdadeiramente o que pensa corre grandes riscos: prova disso são as constantes ameaças e ataques a que já foi sujeito.

⁸ In “La derecha es neolítica”, por Bernardo Gutiérrez. Tradução minha.
<http://www.publico.es/culturas/191326/la-derecha-es-neolitica> (consultado a 30/06/2013).

II.2. Provocação anti-sistema⁹

Bassi estreou-se aos 7 anos de idade, num circo onde os pais actuaram. Desde então, nunca mais deixou de actuar. Quando começou a sua carreira a solo, iniciou-se uma busca pela sua identidade artística, que passou pelo encontro com a figura do bufão, tal como já foi mencionado anteriormente. Os seus espectáculos teatrais são o que melhor definem a sua carreira neste momento. No entanto, desde os anos 70 que sempre procurou expressar-se de diversas formas: eventos na rua, inaugurações, espectáculos de teatro, conferências, criação de uma religião, instalações plásticas (será mencionado em III.1.6.), participações em programas de televisão ou manifestações. Este artista privilegia o contacto directo com o público e isso é exercitado através de diferentes tipos de acções cénicas, onde actua sempre sozinho. No entanto, têm sempre uma coisa em comum: a vontade de provocar e de criticar. Já veremos mais à frente como é que essa vontade é utilizada nos seus espectáculos teatrais. Agora veremos alguns exemplos de provocações anti-sistema que têm uma forte acção activista:

Quando?	Onde?	O quê?
2010	Espanha	Tentou entrar para o Guinness Mundial com o pato flutuante maior do mundo (fig.12).
Vários anos	Espanha	Vendeu centenas de garrafas de água a duzentas pesetas como se fosse uma poção mágica, embora dissesse às pessoas que era água da torneira.
2005	Rio de Janeiro	Misturou-se no meio de 5000 evangelistas durante várias horas com um cartaz enorme onde estava escrito: Não acredito em Deus, mas sim em Sócrates, nos cientistas e no amor. Para mais informações, pergunte aqui.” Teve que vir a polícia salvá-lo da multidão enfurecida.
2004	Nápoles	Organiza uma mega operação de limpeza ao lixo da cidade e, depois, enviou algum desse lixo por correio a Berlusconi, Aznar, Blair, Bush e Sharon
1996	Dinamarca	Criou uma discoteca num autocarro que fazia a sua carreira normal.
1993	Montreal (Canadá)	Organizou uma das maiores batalhas de tartes com cerca de 500 participantes e 5000 tartes.
1992	Winnipeg (Canadá)	Participa no boicote da construção de um campo de golf no território onde haviam vivido os índios Mohawks.
1991	Mantova (Itália)	Saltou para uma banheira cheia de Nutella.

⁹ Ver: http://www.leobassi.com/archives/activismo/provocaciones_antisistema.html.

1991	Cazaquistão	Fez-se passar por Vice-Primeiro Ministro do Riso da CEE, dando uma conferência para 3000 alunos intitulada “O riso e o mercado livre”.
1986	Bielefeld (Alemanha)	Deu um concerto de <i>Carmen</i> de Bizet, ao som de 200 motos, no centro histórico

II.2.1. Igreja Patólica (2012)

A 28 de Dezembro de 2012, Bassi inaugurou um projecto inédito. Após o atentado de bomba de que foi vítima, Leo Bassi tornou-se cada vez mais um adepto fervoroso do laicismo, tentando difundir a ideia de que uma humanidade laica seria mais justa. Assim, decide criar a sua própria religião que funciona como um reflexo distorcido da igreja católica: a Igreja Patólica. É uma religião laica, cujos “santos” são, entre outros, Voltaire, Kant, Mandela, Chaplin, ou mesmo Comte, o pai do positivismo e grande inspiração para Bassi: pessoas que lutaram pela criatividade e pela liberdade. O deus desta religião é um pato de borracha, símbolo da inocência, da brincadeira, da ternura e do optimismo.

Para tal empreendimento, foi necessário criar a capela patólica (fig.13), um local de culto dedicado ao ateísmo, situada em Lavapiés, Madrid. Bassi juntou artistas do bairro que ajudaram a recuperar um espaço que ele havia comprado. Com mobiliário reciclado, criou-se assim uma pequena capela em tudo semelhante a um templo cristão, mas diferente nos seus objectos, como se fosse um espelho deformado de si mesmo. No altar, está um grande pato de borracha e nas paredes retratos dos «santos». Por baixo do altar, existem três relíquias: um exemplar do original de *Gangantua e Pantagruel*, de Rabelais; um osso de dinossauro (provavelmente falso); uma pedra do Pártenon. Existe também um altar dedicado a Augusto Comte, filósofo francês do século XIX, criador da Igreja Positivista, dedicada à humanidade.

Bassi é o sumo pontífice desta Igreja. Num fato desenhado pela sua filha, Lizia Bassi, homenageia assim o palhaço branco. Dá missas regulares, onde aborda questões como o Iluminismo, os «santos» patólicos, ou a ecologia. São actos teatrais, tais como todas as liturgias, em que o laicismo é profetizado e um pato de borracha adorado. Bassi efectua também casamentos a qualquer tipo de relação (incluindo uma mulher e um cão) e baptizados a maiores de 18 anos, por já terem a capacidade de decidirem sozinhos, sem ninguém lhes impor uma religião. Dá cursos de ateísmo para crianças, conferências, ou projecção de filmes como *Ágora* de Alejandro Aménabar sobre a vida

da filósofa Hipátia. Humoristicamente, Bassi diz que quem é contra esta religião é um «anti-pático».

No símbolo desta religião (fig.14) pode-se ler a inscrição *Ubi dubium ibi libertas* (onde há dúvida há liberdade), que significa ter dúvida contra os totalitarismos, as superstições e o obscurantismo. Por isso é que o deus desta religião é um pato de borracha: para contrariar a idolatria. Com este projecto, Bassi pretende santificar a comicidade e questionar fundamentos religiosos que estão sedimentados na cultura Ocidental. Se a Igreja Patólica tivesse mandamentos seriam: utilizar o humor e o pensamento crítico.

II.2.2. Conferência de Valladolid (2010)

A 6 de Outubro de 2010, Leo Bassi deu uma conferência na Universidade de Valladolid - a convite do reitor, Marcos Sacristán - intitulada *As raízes judaico-cristãs do Ocidente: uma fraude histórica* (fig.15). Quando a conferência foi anunciada, circulou um abaixo de forma a tentar impedir que esta acontecesse, mas não só ela se realizou, como a ela acorreram 350 alunos da referida instituição.

Na conferência, o artista tentou explicar de que forma é que a História tinha sido reescrita devido a interesses religiosos e políticos, suprimindo vários acontecimentos e gerando violência e obscurantismo, em nome de uma fé. Para explicar a reescrita da narrativa histórica, abordou algumas passagens da bíblia, e determinados momentos da História, tais como o Império Romano, as cruzadas, a Idade Média ou o Iluminismo. Descreveu ainda como vários rituais pagãos foram adoptados pelo cristianismo, tentando obliterar a sua verdadeira origem. Assim, esta conferência era composta por um longo um acto discursivo sobre os assuntos acima indicados, com a excepção dos primeiros cinco minutos, em que Leo Bassi entrou vestido de Papa Bento XVI, reproduzindo a cena inicial de *A Revelação*. Utilizando sempre um tom sarcástico, Bassi pretendia também sublinhar o quanto a extrema-direita política e católica estão ainda a tentar reescrever a nossa história, valorizando sempre os elementos da cultura judaico-cristãs em detrimento de outras, nomeadamente dada herança da filosofia greco-romana, que parece ter sido propositadamente esquecida. Um dos principais argumentos que Bassi utilizou no início da conferência para defender os seus argumentos, foi o facto de ter sido vítima de um atentado à bomba, em 2006, por causa do seu espectáculo *A Revelação*, comprovando-se, assim, o obscurantismo que ainda rege a sociedade e que a liberdade de expressão ainda é um conceito muito restrito.

Após a conferência, a Associação de advogados cristãos apresentou uma queixa ao Tribunal de Valladolid contra Bassi e Marcos Sacristán por delitos contra sentimentos religiosos, e um grupo de alunos católicos da Universidade apresentou uma petição a exigir a demissão do reitor. Este caso foi muito polémico, dando origem a vários tipos de manifestações e de reacções de grupos a lutar pelo direito à liberdade de expressão, como o grupo SIN DIOS, agência ateia de notícias de Valladolid.. O tribunal de Valladolid, após análise do caso, considerou que não tinha havido nenhuma infracção penal por estar contextualizada na liberdade ideológica e de expressão. Após estes acontecimentos, Bassi afirmou, ironicamente, que tudo o que agora dissesse seria legal¹⁰.

II.2.3. Televisão

Leo Bassi já foi o humorista residente de um programa de televisão durante dois anos, intitulado, *Cronicas Marcianas* no canal Telecinco. Fez inúmeras outras aparições noutros programas de comédia, tais como *Crónicas Marcianas*, *Buenafuente* e *Lo + Plus* (Espanha), *Anstalt*, (Alemanha), *Ruby Wax Show* (Inglaterra), *Il Luppo Solitario* e *Prove Techniche* (Itália), *Just for Laughs* (Canadá). Inicialmente, Bassi via na televisão uma oportunidade de manter viva a essência reivindicativa do circo, que era acessível a todos os tipos de pessoas. A televisão teria substituído essa função. Contudo, cansou-se de estar sob as ordens de directores de programa e agora apenas faz entrevistas para promover o seu trabalho.

Os números que ele protagonizava na televisão caracterizavam-se pelo mesmo sentido de humor e de provocação habitual no seu trabalho cénico. Exemplo disso foi a sua participação no episódio 734 do programa *Buenafuente*, onde encheu um insuflável gigante, típico dos parques de diversão que, ao abrir-se completamente, desvendava as letras “Franclândia” (fig.16), onde Bassi saltou como se fosse uma criança: efectuava assim uma dura crítica àqueles que afirmam que a guerra civil espanhola não foi nefasta, nomeadamente os seguidores do ditador Francisco Franco.

¹⁰ In “Leo Bassi”, por Em Concert.

http://www.emconcert.su/index.php?option=com_content&task=view&id=316&Itemid=&lang=en
(consultado a 30/06/2013).

II.2.4. Redes sociais e internet

Bassi é um ávido utilizador das redes sociais e da internet. Criou um site, www.ppleaks.com, no qual em que se refere criticamente a figuras de destaque do Partido Popular espanhol, e onde recolhe, anonimamente, testemunhos sobre a corrupção do referido partido. Mas ele também é prolífero na sua página pessoal, www.leobassi.com, com editoriais constantes sobre diversos assuntos polémicos, como os atentados em Madrid na estação de comboios de Atocha, em 2004, ou contra os fundamentalismos da Igreja Católica. Criou ainda o <http://paticano.com/>, site sobre a Igreja Católica.

Utiliza também, com grande desenvoltura, e de forma pertinente, o Youtube, o twitter ou o facebook para expor determinados assuntos, mas também para trocar ideias, receber informação ou mostrar apoio a determinada causa. Bassi dá constantemente entrevistas para jornais ou programas culturais exclusivamente online.

Uma análise cuidada aos periódicos e às notícias que existem sobre Leo Bassi no mundo virtual, mostram o verdadeiro impacto que a sua obra tem na imprensa e a e nas redes sociais e o quanto ele, directa e indirectamente, está a promover discussões sobre liberdade de expressão, censura ou obscurantismo. O trabalho de despertar consciências é também feito através de entrevistas e declarações, ainda antes do espectáculo começar.

II.3. Espectáculos

Vamos agora analisar três espectáculos de teatro de Leo Bassi que consideramos centrais no seu trabalho. O primeiro, *Bassi Bus*, é um espectáculo *on the road*: é uma viagem de autocarro numa determinada cidade a locais caracterizados por corrupção política. O segundo, *A Revelação*, é uma crítica mordaz às religiões monoteístas e causou muita polémica. O terceiro, *Utopia*, é aquele que é alvo de uma descrição mais detalhada por ser aquele que, na minha opinião, melhor define e concretiza o bufão em cena.

II.3.1. *Bassi Bus* (2004)

Em 2004, Bassi estreou o espectáculo *Bassi Bus – Viagem ao pior de Madrid*: uma viagem de autocarro a alguns lugares da cidade de Madrid. O objectivo: mostrar a corrupção imobiliária da cidade e a construção desenfreada. No autocarro, havia uma hospedeira que distribuía sacos de vómito onde se podia ler *Utilizar em caso de náusea ideológica*, à medida que uma voz gravada falava sobre os planos urbanísticos dos locais por onde iam passando, como é o caso do bairro Poblenu, onde centenas de famílias foram desalojadas para que se construísse o Fórum das culturas, com dinheiro público mas para fins privados. Durante a viagem, havia várias paragens onde todos os tripulantes desciam e Leo Bassi monologava sobre o local. Esses monólogos eram por vezes intercalados com números de malabarismo. Nalgumas paragens, Leo Bassi dava a voz a cidadãos que tinham sido vítimas na primeira pessoa desses casos de construção desenfreada, como é o caso de Pep, que foi desalojado permanentemente. *Bassi Bus* é um híbrido entre o teatro, o jornalismo e o documentalismo: utiliza o teatro para expor casos de corrupção. Em cada espectáculo, o itinerário era sempre diferente e nunca dado a conhecer ao público previamente.

Com este espectáculo, esteve em várias cidades espanholas: Madrid, Barcelona, Lanzarote, Maiorca ou Múrcia. Nestas cidades, levou os espectadores a sítios como: Fórum das Culturas (Barcelona); estátua de Franco (onde pediu o mesmo tratamento que recebeu a estátua de Saddam Hussein); o túmulo de Franco no Vale dos Caídos (onde colocou uma fotografia de Franco e Saddam Hussein, de 1974, quando os dois ditadores se reuniram no Prado); o bairro chique madrilenho Pozuelo de Alarcón; o Parque temático da Warner; a sede do Partido Popular espanhol; a zona de, Arroyomolinos, caracterizada por uma construção urbanística desenfreada; o caríssimo restaurante Jockeyem Madrid, onde vários políticos iam almoçar. O seu principal

objectivo era levar os espectadores a verem com os seus próprios olhos os locais dos escândalos imobiliários e das contradições históricas da sociedade espanhola.

II.3.2. A Revelação (2005)

Em 2005, Bassi estreou o seu espectáculo mais controverso de sempre, *A Revelação*, um tributo aos valores seculares e uma defesa do ateísmo, numa oposição marcada à crença monoteísta. O que o levou a criar este espectáculo foi a crescente influência da religião na política, especialmente em Espanha. Em *Bassi Bus*, já havia atacado ferozmente factores conservadores da sociedade espanhola, principalmente a sua política de extrema-direita e o culto da imagem do ditador Francisco Franco. Mas aqui vai mais longe e faz uma crítica feroz à intransigência das religiões monoteístas (em especial à Igreja Católica) e à proliferação de pensamentos obscurantistas, homenageando o laicismo, o darwinismo e o Iluminismo, século da filosofia na Europa, numa obra que pretende abrir espaço ao diálogo e à discussão sobre valores instituídos.

Num monólogo satírico, provocador e escatológico de duas horas, Bassi interpreta um tele-evangelista, um fundamentalista e o Papa Bento XVI, utilizando menos o humor físico e mais a provocação espiritual sobre os valores. No início do espectáculo anuncia que quer fazer com que o espectador perca a sua fé, recorrendo a passagens bíblicas (essenciais para compreender a doutrina monoteísta) que contrapõe com as ideias de filósofos iluministas. No decorrer do espectáculo, as palavras retiradas da Bíblia são entremeadas por piadas, assim como por momentos de provocação. Depois de colocar o capuz dos assassinos da Ku Klux Kan e pegar fogo à base de uma cruz, Bassi pega num garrafão de gasolina e começa a espalhar o líquido em cima dos espectadores, ameaçando incendiar tudo. A tensão evidente só se desfaz quando o público descobre que o líquido é insípido, incolor e inodoro.

Quando coloca as vestes eclesiásticas do Papa Bento XVI distribui, em vez de hóstia, preservativos patenteados pelo Vaticano. Depois, transforma a missa numa badalada pista de dança. Durante o espectáculo, despe as meias sensualmente e faz uma espécie de bailado com elas em cima de um piano cenografado. A seguir faz malabarismo de pés com o piano. Quase no final, pintam-lhe o corpo com spray, e ele coloca uma máscara castanha de madeira, com dois cornos (fig.17). Este final é extremamente simbólico: Bassi transforma-se em Klokoten, da Patagónia (fig.18), reforçando o seu apelo ao amor pela natureza. Aqui reside a verdadeira mensagem de *A Revelação* que foi ofuscada devido à polémica gerada em torno do mesmo.

“A polémica gerada através do argumento de blasfémia, relegou para segundo plano as duas ideias mais profundas do espectáculo que aparecem no final como uma revelação e que deram origem ao título da obra: a primeira é apresentar a nova consciência ecológica como a semente de uma espiritualidade moderna. O monoteísmo é uma relação homem-deus onde a natureza é, na melhor das hipóteses, uma decoração. É possível que o aumento dos problemas relacionados com o meio ambiente obrigue a humanidade a superar o conceito de deus único e determine um encontro necessário entre a razão e as nossas necessidades existenciais. Redescobrir a antiga relação que os povos indígenas politeístas mantinham com o seu ambiente vai nesta direcção, e é uma das propostas do espectáculo. A segunda é o elogio da imperfeição, como contraponto humano ao conceito de Deus como perfeição. A ponte que estabeleço entre imperfeição, a dúvida e a comicidade é um tema em que reflecto há já algum tempo e que no futuro espero expor num livro. Há alguns meses surpreendi-me a mim mesmo anunciando durante um espectáculo que o verdadeiro papel do palhaço era ser um herói da imperfeição.” (BASSI 2007: 40)

Em cada sítio onde faz este espectáculo, Bassi observa os costumes de forma a poder adaptar o seu guião a essa realidade. Por exemplo, quando actua no Brasil, é fortemente inspirado pela forte presença dos evangélicos neste país e pela devoção católica das classes mais baixas, ao contrário do que se passa na Europa. Ainda no Brasil, faz fortes referências a Augusto Comte, fundador do positivismo e principal inspiração para a igreja positivista do mesmo país – também conhecida como Religião da Humanidade – que tem como lema "O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim", lema da república brasileira.

Com *A Revelação*, quer promover o diálogo e a discussão e, por isso, é um espectáculo em constante transformação. Convida qualquer pessoa a assistir ao espectáculo para depois discutir com ele, mesmo se forem contrários às suas ideias. Bassi trocou emails com três cristãos durante meses sobre algumas das questões abordadas. Está aberto a qualquer crítica teológica e racional: quer promover o diálogo e a reflexão. Quer também promover a fé no homem e na sua capacidade de criar.

II.3.2.1. Controvérsia

Já foi referido no ponto II.1.3. que Leo Bassi foi vítima de um atentado à bomba por causa de *A Revelação* em 2006 e que recebeu inúmeras ameaças, sendo escoltado pela polícia durante um ano. O espectáculo foi ainda cancelado em 25 cidades espanholas. Vários festivais foram forçados a cancelar as suas actuações e alguns, recusando-se a fazê-lo, perderam o direito ao subsídio que tinham, como foi o caso do festival T+T em Toledo, devido à pressão exercida pelo arcebispo Antonio Cañizares e pelo governo local. No entanto, esta controvérsia fez com que Leo Bassi se apercebesse

do profundo impacto que o bufão pode ter na sociedade actual, como luta contra os dogmas e o obscurantismo.

II.3.2.2. O livro *La Revelación*

Em 2007, a experiência que viveu devido à polémica gerada em torno de *A Revelação* levou-o a publicar o texto integral do espectáculo, de forma a que esses acontecimentos não caíssem no esquecimento. O livro *La Revelación* é uma transcrição literal da obra, depois de várias transformações feitas em conjunto com o público, ao vivo, tal como Bassi explica:

Não nasce de um trabalho intelectual solitário, mas sim de um consenso acordado intuitivamente com a plateia, onde cada frase passou por um filtro de uma emoção colectiva. Um sistema muito antigo e artesanal de conceber o acto teatral que seria um pouco como fabricar um tapete nó por nó [...]. Tomando atenção à reacção do público, pude alterar inclusivamente temas fundamentais do espectáculo, procurando a maneira mais eficaz de seduzir e fazer rir. (BASSI 2007: 13-14)

Para escrever o prefácio do livro *La Revelación*, Bassi convidou Ian Gibson, um hispanista conhecido pelos seus trabalhos biográficos sobre Federico García Lorca, Salvador Dalí e Antonio Machado, sobre a história recente de Espanha e também pela sua prática de jornalismo. A seguir, há uma introdução escrita por Leo Bassi onde ele explica detalhadamente os mecanismos do humor nos seus espectáculos. Este documento é um registo precioso sobre a sua prática artística.

II.3.3. *Utopia* (2009)

Em 2009, Leo Bassi estreia *Utopia* (fig.19), após um período conturbado de três anos por causa da polémica em torno de *A Revelação*: o atentado, os cancelamentos sucessivos de espectáculos e as manifestações contra si. As reacções violentas que esse espectáculo suscitara fizeram-no aperceber-se da força que a extrema-direita política e o conservadorismo ainda têm na Europa, aliada a uma paixão ideológica não existente na esquerda. Decide, então, abordar a economia liberal em crise e fazer uma apologia sem complexos dos verdadeiros valores progressistas. Segundo Leo Bassi, os partidos de esquerda tornaram-se institucionalizados, burocráticos, sem paixão para lutar pela sua ideologia, sem projectos políticos mobilizadores, cúmplices do sistema capitalista e ainda sem a capacidade de inspirar os jovens, reflectindo-se numa juventude despolitizada e sem ideais. Assim, *Utopia* critica fortemente a esquerda por ter perdido

a capacidade de gerar utopias, de fazer acreditar na possibilidade de uma revolução ou de fazer oposição ao nacionalismo-católico existente em Espanha. Se em espectáculos anteriores Leo Bassi tinha criticado duramente a direita, em *Utopia* ataca ferozmente a esquerda que, perante a iminente crise mundial, se revela incapaz de mostrar alternativas. No entanto, Leo Bassi afirma ser um homem de esquerda, progressista, e a sua crítica tem um carácter positivo: expõe o que julga estar errado, propõe alternativas, dá pistas para um possível futuro, visando, fundamentalmente, despertar no espectador a vontade de sonhar e ter esperança. Enfim, despertar sonhos utópicos de uma revolução possível.

Durante o espectáculo, ele faz uma análise do contexto histórico actual (2009) centrando-se na crise económica mundial - referida quer ao modelo económico neoliberal, quer ao sistema bancário - afirmando que esta crise é a altura ideal para um novo debate filosófico sobre a essência da sociedade contemporânea. Leo Bassi afirma que *Utopia* antecipou a crise (embora ela já fosse esperada): quando preparava este espectáculo, queria reflectir sobre o esquecimento do mundo ocidental relativamente às utopias progressistas do século XIX e que, supostamente, ainda hoje são a base teórico-ideológica para os partidos de esquerda, face a uma direita que oprime o mundo ocidental, política e economicamente. Curiosamente, a crise económica coincidiu com a estreia do espectáculo¹¹, o que veio dar uma espécie de validação aos seus argumentos: a esquerda deixou passar este momento histórico sem propor soluções, dando origem a um vazio enorme de respostas e discursos, e sem lutar pelo laicismo e pelo humanismo. Nem sequer propôs um novo modelo económico e social. Na sua opinião, a esquerda tem que se atrever a olhar para o futuro e a não ter medo das inovações.

Utopia significa “o lugar que não existe”, conceito do humanista Thomas More aplicado no seu livro com o mesmo nome (1516) para nos falar de uma civilização ideal, uma esperança imaginária, sedimentada na capacidade de sonhar e de imaginar algo melhor, nomeadamente para a sociedade e não apenas para o indivíduo. Leo Bassi considera que as forças conservadoras e portanto, não utópicas, estão numa fase de renovação e de afirmação das suas ideias e que, portanto, é preciso resgatar os ideais utópicos e regenerar o seu carácter filosófico-existencialista. Faz uma retrospectiva histórica na tentativa de encontrar a essência do verdadeiro espírito utópico que, para ele, tem uma data determinante: a revolução francesa de 1789, uma época que inicia

¹¹ Na altura da estreia de *Utopia*, o Dow Jones tinha caído 6500 pontos e o sistema Neoliberal estava a afundar-se.

fortes movimentos político-sociais, potencia descobertas científicas e novos procedimentos artísticos, mas que parece ter-se perdido após a I Guerra Mundial. Aborda ainda a queda do muro de Berlim ou o fim da URSS e a falta de perspectiva política da esquerda após estes acontecimentos. Defensor do Iluminismo, Bassi afirma que esta corrente de pensamento filosófico foi corrompida durante séculos através de poderes ocultos com fortes crenças nacionalistas (tal como a Igreja, entre outros).

O artista conjuga o discurso de teor mais político e histórico a um discurso muito mais emotivo e pessoal, caracterizado por recordações sobre a sua família, que descreve como sendo internacionalista e progressista, verdadeiro exemplo do espírito utópico. Culmina as suas reflexões com a invocação de uma figura que entende como sendo a concretização de todas as utopias: o palhaço branco.

Utopia utiliza várias linguagens apresentando zonas distintas a nível dramaturgico. Podemos então dividir este espectáculo em três partes: prólogo, I parte e II parte.

II.3.3.1. Prólogo

No início, Bassi surge com uma caixa de cartão enfiada na cabeça com dois olhos desenhados e dois orifícios pequenos para poder ver: vem advertir o público sobre aquilo que os espectadores estão prestes a ver e alerta para possíveis consequências. *Utopia* fala das paixões e das utopias da esquerda, e está concebido para recordar aos seus amigos da esquerda moderada / centrista que não se pode viver sem paixão, sem utopia. O espectáculo falará de utopias da esquerda, mas os espectadores da direita também são bem-vindos, até porque o debate político e o teatro estão abertos a todas as opiniões. Contudo, é um espectáculo perigoso para quem é de direita, porque ele irá defender as suas ideias com tanta contundência que não seria de descartar que alguns pudessem vir a pender para a esquerda e até votar na esquerda nas próximas eleições. Mas é também um espectáculo imperfeito por ser de esquerda: se fosse de direita, seria mais perfeito.

II.3.3.2. I Parte

O bufão entra em palco vestido de fato e gravata vermelha (o seu figurino habitual), mas com uns óculos escuros e uma bengala como se fosse cego. Empurra um carrinho de bebé que, aparentemente, transporta alguém que está a ser alimentado a soro. Surge assim como metáfora da falta de visão da esquerda actual. Num cenário

simples de cores ténues e um ambiente sonoro delicado, senta-se num banco branco de jardim e bebe champanhe para celebrar a crise económica e a queda do capitalismo. Fala sobre os antecedentes dessa mesma crise e do quanto os banqueiros se estão a rir do povo, porque é ele que está a pagar a dívida que eles criaram. Ao som de uma música profético-mística, diz que o dia 15 Setembro 2008 é um dia para recordar: é a data do colapso do Lehman Brothers (com 125 anos de história), provocando a precipitação da queda do capitalismo. O governo norte-americano intervém comprando acções para sustentar a queda e salvar a banca. A situação económica torna-se insustentável. Três meses depois, Bernard Madoff faz desaparecer perto de 70 mil milhões de dólares, numa das maiores fraudes financeiras de sempre. Afundara-se, portanto, o neoliberalismo e o mercado livre. De acordo com Bassi, caiu tudo, até a esquerda.

O conservadorismo da direita tem a ver com a vontade de preservar o passado, mas, na opinião de Bassi, a esquerda deveria olhar em frente e progredir. Para a esquerda são vitais a esperança e a utopia, mas não pode deixar de interrogar-se sobre como deve ser a filosofia da esquerda face a esta situação concreta. Vai falando para o carrinho como se lá estivesse um bebé, símbolo da futura geração europeia, lendo-lhe passagens de *Cartas a um jovem espanhol*, um livro escrito sob a forma de cartas por José Maria Aznar, ex-Primeiro Ministro entre 1996 e 2004. Para Bassi, este é o livro mais marcado do ponto de vista ideológico - em termos de um fundamentalismo político - desde o *Mein Kampf*, de Adolf Hitler. A esquerda não foi capaz de escrever um livro deste género, especialmente depois da queda do muro de Berlim. Bassi sublinha o seu excessivo carácter ideológico e aponta para um certo infantilismo na ideologia de direita, tentando provar à esquerda que pode arriscar-se mais na crítica à direita, pois os seus argumentos são falíveis. Diz também que os meios de comunicação têm um papel preponderante na perspectiva que temos sobre as coisas, maximizando ou minimizando o impacto de determinado factor.

Algumas fotografias da história do século XX são projectadas no fundo, ao som de uma música dos Pink Floyd: a Guerra civil espanhola, ou Lenine a discursar, entre outros. Bassi vai ficando cada vez mais galvanizado e a falar mais alto e com mais gestos. Diz que são três os homens responsáveis pelo estado actual do mundo: Mussolini, Hitler e Estaline¹². Levanta-se; está exaltado. Aconselha a ler Júlio Verne: símbolo do espírito do progresso. Todo este discurso é feito com a intenção de fazer o

¹² Ele muda ligeiramente o seu discurso conforme o país e zona onde está: em Itália, por exemplo, fala muito de Berlusconi.

público criar um raciocínio sobre uma cadeia de eventos que levaram à situação actual, reflectindo sobre a queda do modelo económico neoliberal e a culpa dos banqueiros pela situação criada. Ao mesmo tempo, tenta recordar a esquerda que ela deve atrever-se a olhar o futuro, a não ter medo da inovação.

Para explicar melhor a crise financeira, Leo Bassi faz um mini-espectáculo de bonecos / miniaturas que são projectados no fundo do palco. Um técnico filma enquanto Bassi “brinca” com os seus bonecos: tem um T-Rex, que simboliza o capitalismo predador; o Bambi representa a democracia social e o seu estado de fragilidade; o Panda é a China; dois bonecos vestidos de fato e gravata representam os banqueiros, com o seu carro, um Ferrari em miniatura; uma mini retroescavadora atropela os banqueiros; as fezes de plástico correspondem ao sistema actual, pelo que as coloca em cima dos banqueiros. Parte o Ferrari com um martelo gigante. É certo que não muda o mundo, mas fá-lo sentir-se melhor. Brinca com os bonecos, simplificando o sistema e explicando-o ludicamente. A certa altura, começa a queimar tudo, inclusivamente os bonecos. Segura num recipiente com gasolina, acende uma tocha e provoca uma labareda no chão, uma vez que o tinha regado previamente com gasolina. Queima ainda o carrinho de bebé e vai incendiar o público, que entra subitamente em pânico mas, tal como o homem de circo que é, consegue iludir o público e, em vez derramar gasolina, derrama água. Há uma outra cena semelhante, mais à frente, em que critica os golfistas de direita, utilizando um pedaço de relva sintética e um taco de golfe. Ao som de música de *heavy metal*, ameaça atirar com o taco uma dúzia de ovos para o público que, mais uma vez, entra em histeria por achar que vai ser vítima de um arremesso de ovos. Mas, na altura certa, Bassi troca-os por uns cilindros de borracha, que, obviamente, não provocam qualquer tipo de dor. O que ele quer provar com este tipo de provocações é que, sem sabermos ao certo o que nos vai acontecer, reagimos com medo e isso ocorre quando o pânico agita uma multidão. O mesmo acontece com a crise económica, em que os *media* e os políticos manipulam os factos para nos levar a acreditar que somos os culpados desta crise e que não temos outra opção senão fazer o que nos mandam. Mas Bassi quer que o público saía do espectáculo com uma capacidade regenerada de sonhar. E que saibamos que o medo é uma ameaça invisível, sem rosto, mas contra a qual podemos lutar.

II.3.3.3. II Parte

No fundo do palco é projectada uma fotografia do seu avô – Marcelo Bassi – trajado de soldado a lutar pela França com um cão na cabeça, tirada durante a I Guerra Mundial, em que, de facto, participara. Há aqui uma mudança no seu tom de oratória, que passa a ser muito mais intimista e emotiva, reafirmando, assim, a importância que dá à sua linhagem circense. O seu avô era um palhaço italiano que trabalhava num circo francês quando foi recrutado durante uma actuação, trajando o fato do palhaço branco. O cão - que aparece na fotografia - tinha sido abandonado e o seu avô ficou com ele durante o período da guerra, treinando-o, o que, na sua opinião, lhe terá salvo a vida, na medida em que não perdeu, assim, a sua ligação ao circo e às aprendizagens que ele implica. Antes da I Guerra Mundial apresentara-se em muitos espectáculos na Alemanha. E, ao participar nesta guerra sentia que, de cada vez que matava um alemão, estava a matar um espectador: porque, afinal, a guerra destroça a humanidade. Honrando a memória do seu avô, Bassi despe-se em frente ao público para vestir o fato do palhaço branco.

Contudo, antes de se despir, Leo Bassi tem um momento cómico: diz que, em frente do público, tornar-se-á *gay*, uma vez que a direita tem medo da homossexualidade. Em tom jocoso, diz que o verdadeiro revolucionário faz sacrifícios e, em nome da revolução, tornar-se-á *gay*. Propõe uma nova utopia: todas as pessoas da esquerda a declararem-se *gays*, ou um partido *gay* a ganhar as eleições. Depois de cerrar o punho, começa a despir-se sensualmente ao som de uma música, com um followspot sempre a segui-lo. Fica apenas com uns collants brancos (às vezes amarelos), antes de vestir o fato brilhante do palhaço branco, feito pela sua filha, Liza Bassi, que tem escrito na zona do peito a data 1789. O palhaço branco faz parte da sua herança familiar uma vez que os seus antepassados tinham vestido inúmeras vezes esse figurino. Depois de vestir o fato, falta um último pormenor: o chapéu branco de feltro herdado de Marcello Bassi, para quem pede um aplauso. Ao som de *Vissi d'arte*, da ópera *Tosca*, maquilha-se com uma base branca e lápis preto, em frente a um espelho de camarim, o que permite que o público consiga ver a sua cara (fig.20). Após algum tempo em silêncio, começa a falar calmamente sobre a sua infância, quando via os pais a maquilharem-se diariamente. Conta que, certo dia, o pai disse que ia entrar no camarim o maior dos palhaços. Entrou um velho que os saudou e começou a maquilhar-se com carvão negro, bigodes e sobrancelhas. O pai recomendou-lhe que o observasse. Era Groucho Marx. Leo Bassi perguntou-lhe porque é que ele não utilizava bigodes de verdade em vez de

maquilhados, ao que ele terá respondido: “Filho, com bigodes falsos é mais fácil comer sopa.” Conta também que uma vez ganhou coragem e perguntou ao palhaço Charlie Rivel, na altura com 84 anos, como é que se sabia se um homem era ou não um verdadeiro palhaço. Este respondeu-lhe que o verdadeiro palhaço é aquele que entra em cena, não faz nada, está quieto, e mesmo assim, o público começa a rir. Bassi declara então que está há uma hora e meia a tentar fazer rir o público, mas tem uma desculpa: ainda lhe faltam 24 anos. Adianta ainda que o palhaço branco foi uma descoberta para ele, porque apesar de vir do circo, sempre odiara o palhaço branco. Todavia, pelo facto de ter pensado, durante toda a sua vida, na política e nas utopias do séc. XIX, bem como nos muitos movimentos sociais e políticos do séc. XX, percebeu que o palhaço branco (que surgiu no séc. XIX) era a personagem que mais se aproximava dessas suas ideias e preocupações, pelo facto de ser a mais utópica, a mais política, a mais mágica e poética do circo. Quem melhor do que o palhaço branco para falar de utopias políticas?

É evidente que a utopia não é apenas um projecto político num contexto filosófico, pois tem intrinsecamente outra dimensão que alude ao seu próprio nome: “U – TOPIA: O LUGAR QUE NÃO EXISTE. Simboliza um espaço temporal diferente onde a vida decorre em termos mais próximos da poesia do que da física. Por isso, o PALHAÇO DA CARA BRANCA, com a sua sabedoria antiga, a sua intemporalidade e a sua magia, é o encarregado de abrir a porta da utopia. É uma entidade que possui uma grande autoridade natural mas que rejeita o poder e as riquezas, porque é um revolucionário genuíno e pede a Lua.”¹³

Depois de um momento de ternura ao recordar a sua infância, diz que não há razões para não acreditar nas utopias. Relembra-nos de que a Humanidade é mais antiga do que aquilo que nos fazem acreditar. Assim, propõe - em alternativa ao calendário cristão - a data de 74000 anos, data da obra de arte mais antiga encontrada em cavernas (que ele considera mais importante do que a data do nascimento de um profeta), ajudando assim a pôr em perspectiva a longa história da humanidade, e não se cingindo apenas aos acontecimentos da era cristã. Propõe também uma laicização do Estado e um mercado livre (mas altruísta), assim como a utilização de práticas anti contraceptivas, de forma a impedir o rápido aumento de habitantes no planeta Terra (que diz já estar sobrelotada). Diz ainda que as nossas acções têm consequências que nem conseguimos imaginar, tal como o efeito borboleta, que individualmente podemos contribuir para um mundo melhor, abraçando por exemplo a ecologia. Fala do efeito borboleta e de como cada acção pode motivar uma revolução social ou cultural dentro de centenas de anos.

¹³ In “Utopía, el nuevo espectáculo de Leo Bassi”, por Leo Bassi. Tradução minha. http://www.leobassi.com/archives/editorial/utopiadesde_20_de_eneroteatro_alfil_madrid.html (consultado a 09/11/2012).

Propõe utopias face à apatia generalizada. Através da figura do palhaço branco, consegue pela primeira vez na sua carreira um tipo de provocação que funciona através da poesia e da beleza. No decorrer desta argumentação, Leo Bassi faz ainda um número clássico número circense: numa mesa cheia de copos de cristais com água, “toca” uma música utilizando os diferentes níveis de água para produzir notas. Quando o público fica deliciado com esta mestria, Bassi revela que está a fazer *playback*, mostrando assim que até os palhaços podem ser enganadores, lembrando que se deve evitar o culto da personalidade (fig.21).

Aproximando-se o final do espectáculo, conta-nos que em criança queria ter o maior pato de borracha do mundo e que agora havia conseguido concretizar esse sonho. Está a segurar um pequeno pato de borracha amarelo enquanto fala sobre a força deste símbolo: é utilizado por famílias na banheira e portanto, é contrário à imagem de agressividade e da força. É o símbolo de uma revolução profundamente lúdica, algo simples, inocente e que remete para a fugacidade dos instintos infantis. Desta maneira, Bassi quer chegar ao espectador sem que ele perceba, despertando-lhe recordações antigas, prazeres da infância: o pato é uma alegoria da utopia que Bassi pretende despertar. Diz que quer instaurar uma nova religião, o Patolicismo, na qual o pato de borracha é a figura de devoção, símbolo do novo mundo aberto à esperança. É o futuro que ele pretende.

Porém poucas pessoas podem entender a quantidade de trabalho intelectual que fiz para conseguir despertar esta positividade, que entra na visão política da sociedade, utilizando um objeto simples e primário, como o pato, que está presente em diferentes culturas. Por uma razão ou outra, são coisas instintivas e profundas que chegam a todos. O bufão trabalha com a semântica.¹⁴

No palco começa a insuflar-se um enorme pato amarelo, concretizando assim o seu sonho de infância que era o de ter o maior pato de borracha flutuante do mundo. Entre confettis e serpentinas, Bassi surge a agitar uma enorme bandeira vermelha, símbolo de uma revolução possível para recuperar a utopia de um futuro mais justo e melhor.

II.3.3.4. Despertar o desejo de utopia

De todos os seus espectáculos, este é o que já foi visto por um maior número de pessoas. *Utopia* é extremamente crítico e que nos incita a agir na vida real. Tal como já

¹⁴ In “Leo Bassi: sou fruto da tradição circense”, por Jairo Máximo.
<http://www.eurolatinnews.com/reportajes1/leobassi.htm> (consultado a 26/06/2013).

foi dito, é uma apologia sem complexos dos verdadeiros valores progressistas. Bassi tenta romper um bocado com o condicionamento mental que existe na sociedade actual, devido a dogmas religiosos ou à manipulação dos meios de comunicação, e que nos faz não acreditar na possibilidade de mudança. Tenta mostrar que não se pode viver sem utopia e, assim, desperta no público o desejo de novos sonhos, uma vontade de lutar. Ideologicamente, *Utopia* é extremamente faccioso e quase corre o risco de ser demasiado político. Mas o principal objectivo é conseguido: pôr o público a pensar, a questionar e a reflectir sobre o caminho da sociedade. Utilizando o humor, faz-nos ver o lado divertido, cómico e até caricatural dos temas abordados. Utilizando cenas de provocação mais agressiva, permite uma “físicação” destas questões, para que depois esteja aberto o caminho para a reflexão. Utiliza assim o humor como catarse. Se, por um lado, Bassi dirige *Utopia* para a geração que viveu o Maio de 68, recordando-lhes o ímpeto utópico então vivido, por outro, dirige-se a uma geração muito jovem, com cerca de 20 anos, a quem tenta alertar para que não caiam numa apatia estéril.

III

Um bufão contemporâneo

Para enquadrar a prática artística de Leo Bassi na contemporaneidade, é necessário compreender como é que isso se processa. Uma das coisas essenciais a compreender sobre este bufão é a sua posição política perante determinados aspectos, pois a sua posição irá influenciar toda a construção dramática dos seus espectáculos. A seguir, vamos aprofundar mais o seu processo de provocação activista. Por fim, vamos analisar o seu trabalho enquanto prática contemporânea performativa.

III.1. Leo Bassi e a política

Não tenho medo dos poderosos. Tenho um optimismo, uma força interior que me faz indestrutível.¹⁵

Este bufão é extremamente político, identificando-se com uma posição anárquica e anticlerical, transmitida essencialmente pelo seu pai, Leo Bassi Sênior. Nas suas acções cénicas transmite as suas ideias, denuncia determinados aspectos da sociedade e, ainda, propõe soluções (como veremos mais adiante). Bassi expõe as suas ideias, que são fruto de uma investigação aprofundada sobre os mais variados temas, mas também directamente influenciados pelo facto de já ter vivido em vários países e dominar vários idiomas (inglês, castelhano, francês, italiano, português, russo). Pode dizer-se que a sua experiência nómada o tornou num especialista em política internacional. Uma das suas principais preocupações é o poder crescente que a política conservadora está a adquirir, vinculados a *lobbies* empresariais multinacionais e à tradição católica.

Leo Bassi é extremamente político como cidadão e como artista. Por um lado, estuda aprofundadamente o que se passa à sua volta e participa activamente na sociedade com as suas provocações activistas e participações em manifestações. Por outro, expressa constantemente nas suas obras os seus ideais, tentando de alguma forma influenciar o espectador sobre eles, sem fazer apologia partidária, apesar de se confessar

¹⁵ In “Leo Bassi, un bufón activista”, por Raul Cazorla. Tradução minha.
<http://www.elvarapalo.com/blog/radiaciones/relatos-mediaticos/leo-bassi-un-bufon-activista-version-completa-de-la-entrevista-p> (consultado a 30/06/2013)

de esquerda. Nos seus espectáculos e outras acções cénicas, tenta desmistificar dogmas milenares ou corrupção política para que as pessoas vejam o quanto estão condicionadas por uma série de crenças muitas vezes baseadas em premissas falsas, mas jamais questionadas e tentando devolver ao espectador a possibilidade de opinar, de pensar por si próprio. Afirma os seus ideais com veemência, numa vontade de inspirar energia, vitalidade, positivismo e esperança ao público. A sua obra é altamente política exactamente por ter essa vontade de inspirar o poder que cada um tem de decidir e de pensar. A dialéctica que pretende provocar na plateia tem a ver com este enfrentamento de ideias, que diz ser parte integrante da essência do ser humano.

É biológica a necessidade de haver pessoas de esquerda e pessoas de direita. E a dialéctica é a confrontação que faz crescer lentamente as pessoas.¹⁶

III.1.1. Apartidário

Na sua óptica, o conhecimento aprofundado é fundamental para se poder falar sobre determinado assunto, tal como é importante que o cidadão tenha uma acção política activa e não passiva, embora ele não reivindique nenhum partido político nem nenhum tipo de militância partidária. Contudo, há alguns anos fundou – num acto de ironia profunda contra o mundo do futebol de elite – o partido “Hasta los Cojones” – HLC – do qual é o único membro, mantendo afastada a ideia de se poder vir a juntar ao mundo da política, uma vez que a sua função é criticar e não assumir responsabilidades. Nas suas próprias palavras, “o meu papel é o de ser um grão de areia no sistema, e nunca chegar a ser o sistema”¹⁷. Nesse sentido, podemos dizer que se afasta de um outro humorista, Beppe Grillo, um italiano, com muitos pontos em comum com Bassi, devido principalmente a uma crítica mordaz que faz à política do seu país, mas que criou o movimento 5 Estrelas para concorrer às eleições italianas de Março de 2013, tendo recebido 25,5 % dos votos, um resultado sem precedentes.

Apesar de se considerar apartidário, identifica-se mais com a ideologia de esquerda, apesar de lhe tecer duras críticas em *Utopia* por considerá-la incapaz de apresentar propostas para a sociedade depois da queda do muro de Berlim. Identifica-se especialmente com a esquerda progressista e com os princípios utópicos do Iluminismo.

Esquerda significa liberdade. Esquerda significa humanismo. Esquerda significa solidariedade. Esquerda significa também hedonismo. Esquerda significa

¹⁶ Apêndice, p.93

¹⁷ In “Entrevista a Leo Bassi: Los payasos han sido siempre terroristas lúdicos”, por Américo Virus. Tradução minha. <http://remandoenpolisindeton.blogspot.pt/2010/11/leo-bassi-bufon-entrevista-interview.html> (consultado a 30/06/2013).

imaginação e sonhos. Tudo isto se pode unir num sistema de mercado livre, onde os valores da imaginação e da poesia valeriam mais do que as coisas materiais.¹⁸

III.1.2. Minorias

É, na maioria das vezes, defensor das minorias oprimidas ou discriminadas (como, por exemplo, os homossexuais ou os índios) ou de determinadas causas, como por exemplo, a interrupção voluntária da gravidez, ou o Movimento 15 M (protestos espontâneos nas cidades espanholas em 2011 contra o poder, tendo como principal influência a obra *Indignai-vos!*, de Stéphane Hessel). Participa em diversas manifestações para defender estes grupos de pessoas e cria várias provocações activistas.

III.1.3. Informação

O nível de investigação a que se propõe é quase equiparado ao de um detective. Passa horas a procurar informação, a comparar notícias ou a falar directamente com pessoas para conhecer o lado verdadeiro das coisas. Utiliza a sua página na internet (www.leobassi.com) para escrever editoriais e manifestações públicas em oposição às doutrinas da igreja, ao sistema neoliberal, ao Partido Popular espanhol, ou denunciando campanhas de desinformação (como é o caso dos artigos escritos pelo escritor e jornalista Gordon Thomas que insinuava a provável ligação entre a ETA e a Al-Qaeda, sem provas que o fundamentassem). Ele considera que há várias falhas éticas no jornalismo mundial e que as pessoas são propositadamente mal informadas, favorecendo grandes empresas ou grupos económicos levando a uma ditadura do pensamento, em que os *media* funcionam como catalisador de ideologias e não como fonte de esclarecimento.

Nos seus espectáculos, muitas vezes aborda determinados temas explicando conceitos e desmistificando tabus (como é o caso da Bíblia, em *A Revelação*), numa visão da sociedade que favorece o oprimido face ao opressor, dando um carácter explicativo a determinados momentos do espectáculo: no entanto, considera fundamental que as pessoas sejam esclarecidas sobre diversos os assuntos, de forma a promover um confronto de ideias com conhecimento de causa, ao contrário do silêncio que a ignorância causa.

¹⁸ In “Entrevista-Chat: Leo Bassi”, por LaOpiniondeMalaga.es. Tradução minha.
<http://comunidad.laopiniondemalaga.es/entrevista-chat/1513/Cultura/Leo-Bassi/entrevista.html>
(consultado a 26/06/2013).

III.1.4. Partido Popular

Leo Bassi vive em Espanha por considerar que esta está a atravessar um momento muito inspirador para ele, devido ao crescente obscurantismo e à política de extrema-direita. Um dos alvos constantes da sua crítica é o Partido Popular espanhol. Para denunciar a corrupção deste partido, criou o site www.ppleaks.com, inspirado directamente no site wikileaks.com, onde qualquer pessoa podia relatar anonimamente casos de corrupção. O site recebeu mais de mil relatos, permitindo criar um mapa onde os locais expostos eram assinalados, fazendo assim um verdadeiro mapa da corrupção do PP. Além disso, no espectáculo *Bassi Bus*, atacou ferozmente o caso Gürtel, um caso de corrupção intimamente ligado ao PP.

III.1.5. Causa Palestiniana

Bassi tem estado envolvido, nos últimos anos, na luta pela causa palestiniana, pertencendo inclusivamente à Rede Solidária contra a ocupação da Palestina; nas Astúrias, foi cabeça de cartaz da Gala pela Palestina, organizada pelo Comité de Solidariedade com a causa árabe das Astúrias; na Galiza, foi um dos protagonistas do FestiClown dedicado inteiramente a esta causa, no contexto do qual ele e Iván Prado, o director do festival, derrubaram simbolicamente o muro de Gaza; Em 2011, os Palhaços em Rebeldia, da Galiza, levaram até à Palestina o Festiclown como forma de apoio explícito, levando mais de cinquenta artistas, cem espectáculos e workshops até às cidades de Nablus, Jerusalém ou Ramalá, sendo o próprio Leo Bassi cabeça de cartaz. O seu apoio a esta causa aumenta o seu desagrado face à política militar dos Estados Unidos da América, que consideram este país como um ninho do terrorismo.

Outra forma que Bassi encontrou de mostrar o seu apoio aos palestinianos foi criando um presépio¹⁹ – uma instalação de 16 metros quadrados –, através da utilização de bonecos e brinquedos em miniaturas que mostravam a dificuldade dos três Reis Magos em chegar a Belém devido à quantidade de soldados, helicópteros ou *checkpoints*, com um muro a oprimir todas as figuras de um presépio tradicional, mostrando a contradição entre o presépio bíblico e a realidade deste país. Bassi também deu várias conferências sobre este assunto.

¹⁹ *El Belén de Lavapiés*, 2010 (fig.22 e 23) e, *Belén en Tiempos Revueltos*, 2011 (fig.24).

III.1.6. Anti EUA

Apesar de ter nascido nos Estados Unidos da América, Bassi já proclamou por diversas vezes a sua animosidade para com este país (fig.25), que considera responsável pela crise económica mundial. Exemplo disso é o espectáculo 12 de Setembro (2002) que, no rescaldo dos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001, critica ferozmente a maneira como as agências de notícias manipularam a informação de forma a poder legitimar uma guerra contra o terrorismo.

III.1.7. Laicismo

Somos os novos líderes espirituais. A crise da religião obriga os palhaços a oferecer respostas sobre a vida, mas sem nunca esquecer a função de fazer rir.²⁰

Um conceito que Bassi defende é o laicismo. Sendo ateu, afirma ser necessário um governo laico, livre do forte entrosamento entre a política e a Igreja Católica que, segundo ele, leva a uma ideologia obscurantista e conservadora. Ele utilizará este conceito em muitos dos seus espectáculos, incluindo na criação da Igreja Patológica – religião laica criada por ele, cujo deus é um pato de borracha e os seus santos são Voltaire, Descartes, Sócrates, Newton, Galileu, Groucho Marx ou Kant, entre outros (ver II.2.1.). É laico assumido, em luta activa contra o obscurantismo, em especial na sociedade espanhola. Ele considera que algumas conquistas democráticas estão a perder-se e que estamos a assistir a um novo estreitamento das relações entre a Igreja e o Estado conservador. Considera também que as três religiões monoteístas principais, cristianismo, islamismo e judaísmo, estão a gerar um conflito de civilizações. Cada pessoa deveria ser capaz de pensar por si própria e desenvolver o seu raciocínio.

Os seus últimos trabalhos são marcados por uma forte iniciativa laica, levando-o a comprometer-se cada vez mais com a sua faceta de activista político e informativo (fig.26). A seguinte afirmação de Bassi: *Quero mostrar que o homem não necessita de uma presença divina, que ele pode encontrar amor, esperança e razão na vida num confronto directo com o universo e não através do monoteísmo*²¹, está intrinsecamente ligada com a sua genealogia atea e pelo facto de ter crescido sob o jugo do pensamento racional. Bassi é um amante da astronomia e afirma que foi o telescópio o responsável

²⁰ In “Somos los nuevos líderes espirituales”, por Amaia Mauleón. Tradução minha. <http://www.farodevigo.es/sociedad-cultura/2010/07/26/nuevos-lideres-espirituales/459058.html> (consultado a 30/06/2013).

²¹ In “Leo Bassi, um bufão que tenta destruir a fé em peça teatral”, por Folha da Região. <http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=75113> (consultado a 28/06/2013).

por o tornar ateu²². Noutra ocasião, frisou a importância que os seus pais tiveram na sua construção ideológica:

Na minha família, nunca se falou de Deus. Com os meus pais pude observar o céu e as estrelas, mostraram-me a diferença entre as pedras e os fósseis... Falaram-se do tempo mostrando-me a erosão das rochas pelo vento. Creio que, com tudo o que me contaram da vida, simplesmente não houve tempo para falar de Deus, no meio de tantas maravilhas e prodígios.²³

Mas engana-se quem pensar que ele é um homem sem fé. Pelo contrário, tem uma crença firme no homem e na sua capacidade de criar e tem um forte sentido espiritual, que se centra em temas como o Universo, o amor, ou a ecologia e não num único Deus.

Hoje em dia, há uma forte facção no mundo inteiro a lutar pelo laicismo. Em Dezembro de 2006, realizou-se a Jornada Laicista, em Talavera de la Reina, organizada pela organização Europa Laica, onde Leo Bassi foi um dos principais convidados. O laicismo expande-se também graças às plataformas virtuais, como é o caso do seu site, onde escreve diversos editoriais em defesa do mesmo.

III.1.8. Revolução e Utopia

A vida é uma lenta revolução que nunca acaba, nunca começa e nunca acaba. É uma lenta revolução que dura milhares de anos e o importante é participar, é estar na mudança, é inspirar energia.²⁴

No final de *Utopia*, Bassi surge em cena agitando uma bandeira vermelha: tal como já foi dito anteriormente, ela simboliza a utopia de uma revolução possível. Mas ele sabe que uma revolução é uma operação lenta, e não uma tomada de poder à força ou uma mudança radical de costumes. São precisos anos para que haja verdadeiras transformações, mas é preciso sempre acreditar nelas e lutar, pouco a pouco. Não há revoluções e sim processos: a revolução utópica de que Bassi fala é um processo moroso, mas cheio de sonhos e de esperança nas pequenas acções individuais e colectivas. A utopia que Bassi apregoa é essa: o entusiasmo de acreditar na mudança, na revolução. É também nunca chegar a uma situação ideal: pode lutar-se pelo capitalismo em detrimento do socialismo e, noutros momentos, lutar pelo socialismo em detrimento

²² In “Três minutos con... Leo Bassi”. <http://www.youtube.com/watch?v=jWyWdFUZUqE> (consultado a 03/07/2013).

²³ “Charlas: Leo Bassi”, por Público.es. Tradução minha. <http://charlas.publico.es/leo-bassi-28-03-2011> (consultado a 30/06/2013).

²⁴ Apêndice, p.94

do capitalismo (a revolução francesa é muitas vezes convocada por este artista nos seus discursos: cortou-se a cabeça de um rei em nome da revolução, mas quatro anos depois chegou Napoleão). É imprescindível o conhecimento de causa, a capacidade de argumentação para poder derrubar estigmas ou convenções. Um verdadeiro utópico em revolução sabe aquilo por que luta.

III.2. Modalidades de subversão na obra artística de Leo Bassi

Não consigo pensar na vida sem activismo. Vivemos apenas uma vez e eu quero viver numa sociedade de que goste. Tenho sonhos e quando vejo que há situações que vão contra esses sonhos e que são obstáculos para uma vida melhor, eu não posso fazer menos do que manifestar-me e manifestar-me da maneira que eu conheço que é criar um espectáculo para denunciar isso, fazer-me ouvir na rua e fazer manifestações, falar publicamente, se for possível, das minhas opiniões. Acho muito estranha esta atitude das pessoas passivas. Acho que a maioria está adormecida.²⁵

A prática artística de Leo Bassi é profundamente influenciada pelas suas convicções políticas. O animal político está inerente à figura do bufão e, consequentemente, traduz-se em acção contestatária em cena. Ele é um activista, está desperto para a realidade da sociedade contemporânea e quer alertar o maior número de pessoas para o que a desinformação pode ocultar. Sendo ele uma espécie de apátrida, sente-se automaticamente mais próximo das várias culturas que vai encontrando, procurando percebe-las, interpretá-las e imaginá-las. Interessa-lhe tudo o que é humano: o ser político, especialmente. Se Sócrates era um cidadão do mundo, Bassi também o é. Parte do papel do artista é reivindicar o protagonismo da Arte no debate político. E Bassi fá-lo nas suas acções cénicas, quer seja nos espectáculos, quer seja nas conferências, ou ainda nas aparições que faz em programas de televisão. No entanto, ele é, essencialmente, um homem do espectáculo, um homem cuja expressão é a artística e não a política.

Quero mostrar ao público que gosto de viver, tenho opiniões políticas e opiniões na vida. Estou no palco porque gosto e não porque é minha profissão.²⁶

A prática consciente da cidadania é feita através do humor, e o palco é o seu púlpito: não para instituir dogmas, mas sim para despertar consciências e levar o cidadão adormecido a agir. Por essa razão, utiliza como ferramenta a provocação: uma ferramenta de luta, de contestação, numa tentativa de praticar uma contracultura, rejeitando qualquer tipo de apoio económico; uma ferramenta para poder sair do discurso oficial, do medo de repressões ou de censura. Ele quer trazer de volta a paixão pela vida e os seus reais valores. Esta politização do seu trabalho fá-lo colaborar com numerosos movimentos sociais, comprometendo-se artisticamente com diversos grupos. Mas considera que a sua geração (Maio 68) tem uma especial responsabilidade para com a juventude, de a orientar e conduzir para o futuro.

²⁵ In “Leo Bassi: utopía... con pies de plomo”, por Paz Mediavilla. Tradução minha. http://www.babab.com/no34/leo_bassi.php (consultado a 28/06/2013).

²⁶ In “Leo Bassi, um palhaço engajado”, por Estadão.com.br. <http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2002/not20020805p6888.htm> (consultado a 28/06/2013).

Se dissermos que o seu teatro é político, estaremos a reduzir o espectro da sua obra, pois há outros vectores igualmente importantes, tais como o circo ou a poesia cénica. No entanto, o atentado à bomba de 2006 prova o quão importante o teatro ainda é hoje em dia: um local de exposição, de confrontação, de activação dialéctica. O teatro pode ainda ser tão poderoso a ponto de incomodar as pessoas e levá-las a matar. Mas pode também dar uma grande esperança em relação ao futuro. Vejamos agora mais detalhadamente algumas modalidades de subversão da sua obra artística.

III.2.1. O humor como forma de subversão

Na Idade Média, o bufão atrevia-se a dizer o que ninguém ousava, porque lhe era conferido o estatuto de louco, de marginal. Hoje em dia, vivemos numa aparente democracia onde existe liberdade de expressão mas, a verdade, é que a censura política e religiosa ainda existe e Leo Bassi é a prova viva desse facto.

Sendo um bufão, o seu pensamento expressa-se através do humor que pode adquirir contornos sarcásticos, sórdidos ou até mesmo escatológicos (Leo Bassi já comeu excrementos publicamente). Outras vezes, pode ter um tom mais sério, utilizando temas complexos, como por exemplo, a crise económica mundial. O humor, aliado a uma ideia de tragédia social, leva o espectador a uma espécie de libertação, de catarse. Bassi utiliza-o como uma arma contra o sistema, porque instala a dúvida, a reflexão e a oposição ao poder vigente. Esta é uma das principais razões por que Leo Bassi reivindica a figura do bufão: porque ser um bufão ao lado de um Rei permite que não haja medo do poder, porque há riso e, conseqüentemente, libertação. Bassi considera que o poder e o obscurantismo, principalmente religioso, alimentam-se do medo e, através do humor, pretende dar um antídoto aos seus espectadores para que possam despertar a consciência crítica de maneira mais livre. Daí o humor ser uma forte “arma de destruição”, porque é capaz de destruir tabus.

Tal como afirma Dario Fo, os cómicos sempre tiveram muito má fama, sendo constantemente tratados como mero histriões e vagabundos (FO 2004: 17). Bassi também considera que este velho preconceito perseguiu a comicidade, impedindo várias formas de manifestações artísticas através do humor de serem consideradas legítimas, ou até mesmo sérias. Um dos principais problemas tem a ver com os cânones literários ao longo dos séculos que excluíram sempre a tradição oral e popular. Mas para Bassi, fazer rir utiliza um processo muito semelhante ao da poesia.

Nisto, a arte do riso é muito parecida à da poesia. Os seus efeitos sobre os nossos sentidos são diferentes, mas a sua essência é a mesma: uma síntese misteriosa entre o cérebro, a alma e o corpo. É uma descarga de tensões que o cómico estudou, analisou e por fim comunicou, transformando uma reflexão numa profunda sensação.” (BASSI 2007: 14)

Os mecanismos do humor deste artista e da forma como este actua sobre o espectador, são consequência de um trabalho exaustivamente depurado sobre duas questões essenciais:

- **O assunto**, que irá influenciar directamente a dramaturgia do espectáculo.
- **O momento**, ou seja, o instante em que o artista e o espectador estão frente a frente no presente exacto da acção.

Já foi dito anteriormente que os espectáculos de Leo Bassi têm um forte pendor político e de sátira social. Os temas das suas obras estão muitas vezes relacionados com escândalos imobiliários, obscurantismo ou o crescente poder de extrema-direita. A escolha de um determinado assunto implica, para ele, uma investigação exaustiva que vai desde leituras a pesquisas em bibliotecas ou até mesmo à ida a convenções ou aos locais onde determinada situação acontece. Com um grande esclarecimento sobre o tópico, cria monólogos que são entrecortados por cenas de cariz mais físico, as quais subtilmente ou não, pretendem ilustrar um determinado ponto de vista. Vai criando momentos de riso na plateia, que são intercalados por raciocínios claros e explícitos. Nesta dinâmico riso/reflexão, provoca o espectador a reflectir profundamente sobre o que está a ver. No entanto, não cede a uma piada fácil que possa desvirtuar o assunto e, consequentemente, distrair o espectador. Utiliza frequentemente a improvisação, porque tem um guião em aberto dos seus espectáculos que é passível de ser alterado conforme os acontecimentos mundiais, ou o local onde está a actuar, ou ainda por algum momento específico ocorrido. No entanto, a improvisação é pautada por um extremo rigor para que não se perca o sentido da obra, readaptando continuamente o guião.

Na opinião de Bassi, o medo é uma das coisas que mantém o poder (BASSI 2007: 15) e, por essa razão, o humor foi constantemente relegado para um segundo plano pela história, por ter a capacidade de estimular o pensamento e a tomada de decisões e de opiniões, anulando momentaneamente o medo de mudança. O medo praticado pelo poder leva à instituição de tabus. Quando isto acontece, dá-se um medo da revolução e da utopia e as pessoas deixam de sonhar.

Criar um momento de comicidade em palco é extremamente difícil, mas, quando se consegue, estabelece-se uma verdadeira cumplicidade entre a cena e a plateia. Nas suas obras, Bassi utiliza um tom jocoso e satírico que lhe permite levar o espectador a sair da sua passividade mental e a questionar-se sobre tudo o que se está a passar, intercalando os seus monólogos com momentos de grande humor.

Bassi explica bem como é que se processa o momento do riso, chamando-lhe “alquimia psicológica” (BASSI 2007: 15). É necessário um catalisador da reacção, que transformará o riso em gargalhada. O que inicialmente é divertido para a mente, contagia todo o corpo, deixando o cérebro de estar em controlo das emoções – baixar as defesas racionais. Primeiro, é necessário que se tenha estabelecido uma relação de confiança entre o público e o bufão: falar directamente para o público, destacar especificidades do momento para dar ênfase ao presente, falar de algo como se fosse a primeira vez ocultando qualquer tipo de técnica, dar importância àquele público específico. Segundo, é preciso perder a dignidade em cena. Quer isto dizer: auto humilhação, como prova de que tudo é passível de sátira, comentário ou crítica, incluindo o próprio bufão. Desta forma, o espectador vê o bufão como alguém ridículo, o que contribui ainda mais para baixar as defesas da mente, pois não há nenhuma ameaça aparente, antes pelo contrário, há familiaridade (BASSI 2007: 15-16).

O riso é muito perigoso, porque deixa o homem completamente indefeso. Fica aberto às mensagens. A função do bufão é baixar o nível de defesa do espectador. Quando atingimos esse ponto, falta pouco para o fazer rir.²⁷

O momento da gargalhada é de grande cumplicidade entre palco e plateia, promovendo uma grande vitalidade que se aproxima de um instinto primitivo – não pertence ao mundo do raciocínio mas sim das emoções.

III.2.2. Iconoclastia

Para escrever o prefácio do livro *La Revelación*, Bassi convidou Ian Gibson, um hispanista conhecido pelos seus trabalhos biográficos sobre Federico García Lorca, Salvador Dalí e Antonio Machado, sobre a história recente de Espanha e também como jornalista. Nesse texto, Gibson diz que Bassi é um iconoclasta.

LB é um iconoclasta na mais pura acepção do termo. Que vocação estupenda, a de libertar através do humor os adoradores de ícones, de ídolos,

²⁷ In “Palhaço mais terrorista do planeta, Leo Bassi lota as sessões em Brasília para pregar a volta do iluminismo como deus supremo”, por Sérgio Maggio. <http://bardoteu.blogspot.pt/2011/04/leo-bassi-o-bufao.html> (consultado a 28/06/2013).

dos bezerros de ouro, para derrubá-los por algo muito mais sensível e razoável. Em duas palavras, o humanismo” (BASSI 2007: 8)

De facto, a obra de Bassi pauta-se por uma constante negação dos ícones, principalmente religiosos. Vimos no ponto I.2. a forma como as festividades pagãs da Saturnália romana sobreviveram na tradição carnavalesca europeia, através de vários tipos de sátira, entre as quais o Papa dos tolos, pelas classes mais baixas (SCUDERI 2000: 42). Por diversas vezes, Bassi veste-se de Papa (nomeadamente de Papa Bento XVI) satirizando-o, mantendo assim vivo o espírito das Saturnálias romanas (fig.28 e 29). No espectáculo *A Revelação*, Bassi surge nos primeiros minutos vestido desta forma: há uma clara rejeição da veneração dos ícones e dos símbolos católicos, que também é proclamada em manifestações e provocações activistas. Mas Bassi leva isso mais longe ao criar a sua própria religião, a Igreja Patólica, satirizando assim toda a imagética das religiões monoteístas.

III.2.3. Propostas

Muitas vezes, Bassi apresenta soluções para combater o obscurantismo, o capitalismo selvagem, entre outros problemas contemporâneos. As soluções que advoga mais veementemente são:

- Regresso à ecologia.
- Mercado livre, mas comunitário.
- Mercado livre de pensamentos.
- Redução da população mundial através de práticas anticoncepcionais.
- Fim do calendário cristão. Datar o início da nossa era como 74.000 anos: a data da obra de arte conhecida mais antiga do mundo, uma pintura rupestre.
- Estado laico.
- Liberdade de expressão.

III.3. Um bufão performer

No campo artístico, a performance é utilizada muitas vezes como um instrumento crítico e analítico, reportando à manifestação, reflexão, intervenção, contestação ou consciencialização. É caracterizada pelo cruzamento de práticas e de discursos, pelo encontro com o outro (espectador/observador), pela efemeridade (cada performance é irrepetível), pela utilização do corpo no centro do discurso artístico – como espaço culturalmente performativo – e da intervenção no espaço/tempo (quer seja o espaço privado ou o espaço urbano), permitindo um olhar crítico do espaço e da prática artística. Segundo Erika Fischer-Lichte, a performance ‘convida’ à participação, através da criação de eventos, ao invés de criação de uma obra de arte acabada, sendo que o seu sentido é construído em relação com o meio envolvente (o contexto cultural e social, o público, as práticas artísticas, entre outros) e não apreciada isoladamente. O observador/espectador está sempre implicado na acção da performance (FISCHER-LICHTE 2008: 32).

O teatro foi profundamente influenciado pela performance, principalmente a partir dos anos 60, tendo sido criados vários tipos de performances teatrais. Gostaria de voltar atrás, ao ponto I.3.7. onde afirmo que “o teatro tinha tido uma influência determinante na performance, mas no limiar dos anos 80, era o teatro que saía reinventado devido à influência da performance. Surge, assim, um híbrido: teatro-performance.” Actualmente, as práticas artísticas são cada vez mais difíceis de catalogar devido a uma pluralidade de expressões que se fundem, criando constantemente linguagens novas. Assim, teatro – performance é aqui aplicado como um termo genérico que se reporta a eventos cénicos contemporâneos, com a preocupação comum de reflectir a actualidade e de proporcionar ao espectador uma participação activa no espectáculo, com vários cruzamentos disciplinares. Após ter relacionado a trabalho artístico de Leo Bassi com a tradição do bufão, gostaria agora de o relacionar com as práticas contemporâneas, nomeadamente a performance teatral, pois o seu trabalho é exemplo de como se pode conciliar a prática de uma tradição à contemporaneidade, unindo passado e futuro.

III.3.1. O corpo

Este bufão utiliza o seu corpo como centro da sua acção, tal como o performer. A sua fisicalidade é constantemente exposta (fig.30 e 31). Esta constante representação

de si próprio é praticada de forma consciente. A sua corporalidade domina todos os signos da performance, afastando uma ideia de construção de personagens, e focando o trabalho no corpo, na biografia desse corpo. O corpo está no centro da performance, tal como o corpo é o centro da acção cénica deste bufão: ele está extremamente consciente do corpo que tem e do impacto que provoca nos espectadores.

III.3.2. Espaço

Esse corpo permite também uma alteração espacial constante. A espacialidade ocupada é flutuante, altera-se consoante a inscrição do corpo nesse espaço e nesse tempo. O espaço é um elemento fundamental para a performance e para Leo Bassi, que faz espectáculos em palcos, mas também em praças, em autocarros, em estádios ou em discotecas. Com o seu corpo, ele transforma esses espaços, redefinindo o olhar sobre eles. Determinadas acções – e em especial as provocações activistas – só podem acontecer naquele espaço. E esse espaço só é vivenciado assim por causa dessa mesma acção. São espaços que se definem em performance. Estão dependentes da experiência que as pessoas têm dele, verificando-se uma diversidade de impulsos no mesmo espaço. Essa experiência do espaço está intimamente ligada com a experiência do tempo, que é vivenciado por cada pessoa de maneira diferente.

III.3.3. Interdisciplinaridade

Bassi utiliza nos seus espectáculos várias tecnologias, tais como o vídeo, a projecção ao vivo de imagens amplificadas e de microfones. No entanto, o maior cruzamento de linguagens que há no seu trabalho é entre o teatro, o circo e a performance teatral. A sua linguagem, mantendo a tradição provocatória do bufão, adapta-se às novas escritas de cena, a uma dramaturgia actual e autoral, na tentativa de levar o público numa viagem que pode ir da maior gargalhada até à reflexão e poesia: uma experiência transformadora.

III.3.4. O evento

Os espectáculos de Bassi podem ser enquadrados numa série de normas estéticas que ele adoptou para si próprio, mas que depois, conscientemente, modera conforme a reacção do público. Os seus espectáculos *one man show* são o resultado de contínuas modificações baseadas nas reacções do público. Isto acontece porque o guião é aberto, fluido, sem se desviar da sua linha condutora num fluxo perpétuo. Ele controla

absolutamente o acto performativo, mantendo-se sempre fiel à figura do bufão, sem escorregar para qualquer tipo de construção de personagem. A reacção do público é uma performance a acontecer também.

III.3.5. Vitalidade

A provocação de Leo Bassi gera momentos de profunda vitalidade. Frequentemente pede aos espectadores para darem um forte grito colectivo, para soltarem energia vital do corpo. Desta maneira, utiliza frequentemente coisas que produzam reacções instintivas, muito perto da primitividade, nomeadamente, o fogo (ameaça queimar o público constantemente), ou excrementos (já comeu excrementos seus em várias ocasiões). Se o humor serve para baixar a defesa mental dos espectadores, a provocação pode levar a reacções primitivas muito mais imediatas e eficazes. Esse estado de primitividade instintiva deixa o ser humano completamente separado do seu ser social, esquecendo-se momentaneamente da sua educação, cultura ou costumes, expondo as suas predisposições inatas para agir / reagir. Por isso é comum haver momentos de histeria, choro, gargalhada. Depois tenta canalizar essa energia libertada para coisas positivas, como o pensamento crítico. Por esta razão é que Leo Bassi faz vários espectáculos na rua ou então em salas de teatro com grande capacidade de público. As multidões tendem a diminuir a importância do indivíduo e a aumentar a do colectivo. Assim, há um trabalho de provocação sobre o público que é influenciado pela experiência colectiva de assistir àquele momento, mas depois o processo de consciencialização é individual. Além disso, a vitalidade inspira acção, luta e vontade de mudança.

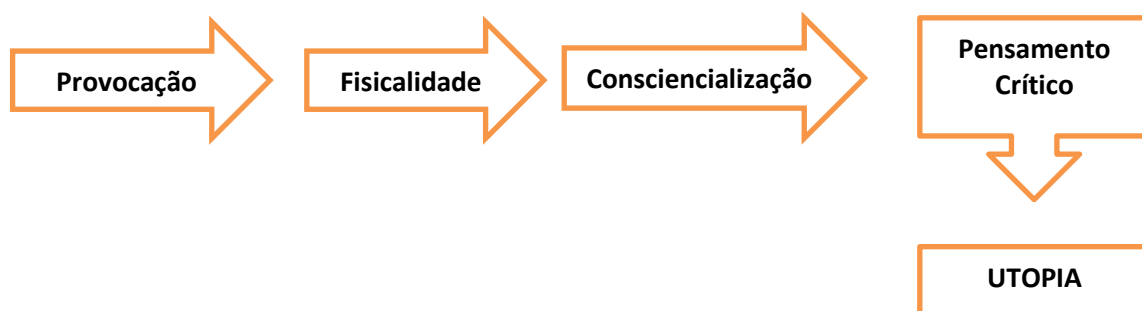
Somos todos ainda muito primitivos. E esta inocência primitiva que pode ser violenta ou boa, há que acreditar nisto e canalizá-lo para coisas positivas. Manipular, seduzir, influenciar é, para mim, o significado de fazer um espectáculo.²⁸

III.3.6. Transformar o espectador

Os espectáculos de Leo Bassi contêm em si a essência provocadora e satirizante do bufão. Muitas vezes, chega a ameaçar o público (com ovos, fogo, água ou até mesmo com agressão física), colocando o espectador numa situação desconfortável, assustadora ou até mesmo de histeria. A sua intenção primordial é provocar uma reacção física, que depois ele explica como sendo uma metáfora sobre a actualidade. A «cena dos ovos»,

²⁸ Apêndice, p.94.

descrita em II.3.3.2., mostra como é que, com um velho truque de circo, ele consegue provocar um instinto de sobrevivência nos espectadores, fazendo um paralelismo com a crise actual – *é só um ovo, mas estamos todos em pânico* – conseguindo, tal como os governantes do mundo, que naquele momento, todos acreditassem naquela falácia. Este é apenas um dos exemplos que mostra como a reacção do público é conscientemente provocada nos seus espectáculos, transformando o espectador ao longo do espectáculo. Os futuristas e os dadaístas também provocavam o público através do choque e da provocação, mas o espectador transformava-se apenas por mera reacção instintiva, não chegando a haver uma consciencialização de um determinado assunto ou acontecimento. Mas Bassi pretende ir mais longe do que isto, provocando reacções por parte dos espectadores que depois possam ter consequências a nível cognitivo. William Sauter destaca dois tipos de resposta do público: a cognitiva e a emocional – sendo que ambas são influenciadas por condicionantes normativas culturais (SAUTER 2000: 54-58). Durante uma experiência transformadora, antes de uma tomada de consciência sobre aquilo que se está a vivenciar, dá-se a experiência da fisicalidade. Essa fisicalidade pode ser manifestada através de sensações, de reacções fisiológicas (riso, choro, bocejo, entre outros) ou até mesmo de acções internas, imperceptíveis aos outros (FISCHER-LICHTE 2008:36). A seguir, o espectador toma consciência da modificação que ocorreu em si durante as provocações; depois, dá-se uma identificação das questões políticas, sociais e humanistas abordadas; a seguir, conduzem a um pensamento crítico enquanto indivíduo e enquanto ser social; por fim, o desejo de utopias e a vontade de lutar por elas.



O espectador é um elemento fundamental no decorrer da performance teatral, a qual se alimenta da interacção entre o público e o performer e das reacções desencadeadas, num genuíno acto de criação com a específica materialidade do

momento, que apenas existe no presente. Tanto Fischer-Lichte como McAuley defendem a ocorrência de *feedback loops* a acontecer entre os actores e a plateia: estes são energizados pela presença dos espectadores e vice-versa, fazendo a energia circular entre ambos (FISCHER-LICHTE 2008: 38; McAULEY 2000: 246). A performance é um evento que envolve todos os que estão presentes, sendo que a forma como se relacionam é oscilante devido a um processo que Fischer-Lichte nomeia de ‘inversão de papéis’ (*role reversal*). Nessa inversão de papéis, o espectador torna-se actor, sendo a sua acção ou acções determinantes para o desenrolar da performance, mantendo-a assim imprevisível e espontânea até certo ponto. Esta autora identifica, como estratégias de transformação do espectador durante a performance, três processos: a inversão de papéis, a criação de uma comunidade entre performers e espectadores e a criação de várias formas de contacto físico (FISCHER-LICHTE 2008: 40).

Podemos identificar muito claramente estes três processos no trabalho de Leo Bassi. O exemplo acima dado, a «cena dos ovos» em *Utopia*, mostra como a inversão de papéis é provocada constantemente, fazendo com que o espectador se torne também responsável pelo momento da actuação devido à sua acção. No entanto, é preciso ter em conta, que quando o público é provocado, não se pode controlar inteiramente a reacção dele. Ou seja, a sua acção pode ser abandonar em massa o local de apresentação, fazendo com que a performance tenha que terminar, o que provavelmente não seria o efeito desejado pelo artista. Voltando mais uma vez ao exemplo dado, no momento em que o público age histericamente por causa dos ovos, cria-se uma comunidade (e aqui poderíamos falar também de ritual) onde todos os sujeitos estavam a agir perante um mesmo estímulo. Nesse momento, também estavam a ser utilizadas estratégias de aproximação ao público, neste caso através de um ovo. Abre-se assim o caminho para a experimentação de uma metamorfose, de uma transformação. No fim do espectáculo, há uma identidade renovada, repensada, consciencializada, durante a qual todos fizeram parte da acção proposta.

Conclusão

Nesta dissertação, analisámos a obra artística de Leo Bassi. Começámos na sua génese, ficando comprovado o quão importante a sua linhagem circense e os anos em que trabalhou com os pais pelo mundo inteiro foram cruciais na sua formação inicial. Os contornos da sua obra começaram a definir-se melhor quando iniciou a sua carreira a solo e começou a convocar a figura do bufão, estudando as suas origens através de fontes bibliográficas e colocando em prática a sua filosofia provocatória nas suas acções cénicas. Foi importante estabelecer um fio condutor através das práticas de ruptura cénica iniciadas com as vanguardas do século XX e que tiveram um papel implícito nas transformações artísticas que ocorreram até aos dias de hoje, assim como foram importantes os acontecimentos do Maio de 68, que ajudaram a fomentar o carácter transgressor de Bassi. A seguir, procedemos a uma caracterização da sua obra, principalmente dos últimos dez anos, dando exemplos de provocações activistas, que assumem formas estéticas muito díspares, como é o caso da Igreja Católica. Analisámos alguns dos seus espectáculos mais importantes, nomeadamente *Utopia*, onde pudemos comprovar a forma eficaz de como o bufão é utilizado para transformar a experiência do espectador, tornando-o mais activo durante e depois do espectáculo. Na terceira e última parte deste trabalho, abordámos os temas políticos mais importantes para Leo Bassi, para que depois pudéssemos perceber de que maneira é que a sua provocação activista é feita durante os seus espectáculos e como é que isso afecta a construção dramática dos mesmos. Por fim, enquadrámos o seu trabalho como bufão na performance teatral contemporânea.

Leo Bassi está em plena actividade artística e, portanto, os seus espectáculos padecem da efemeridade que lhes é implícita. A argumentação teórica sobre ele não dispensa a experiência de ver um dos seus espectáculos. A análise cuidada da obra artística de Leo Bassi permite concluir que este é eficaz na maneira como utiliza a figura do bufão, projectando-a na contemporaneidade, isto é: através de um estudo exaustivo do bufão ao longo da história e da sua importância política e social, e utilizando os seus antecedentes genéticos circenses, consegue manter a sua essência irreverente e provocatória na cena artística contemporânea através da sua provocação activista, criando momentos de extrema vitalidade que levam a uma experiência transformadora do espectador. Através dos seus espectáculos, denuncia relações sociais

viciadas e exploratórias e reclama para si o direito de intervir, de interpretar e de opinar. Utiliza a sua liberdade expressiva e criativa para reflectir constantemente sobre a condição humana.

O universo artístico de Bassi é único – aliás, ele orgulha-se de não receber nenhum tipo de apoio económico para poder continuar a realizar os seus projectos livremente – mas pode ser relacionado com uma vasta tradição do teatro, ligada sobretudo à subversão e à intervenção política e social. A sua herança circense foi habilmente aliada a práticas cénicas actuais, mantendo sempre o espírito irreverente e marginal do bufão. Apesar de ter criado uma estética que contém elementos de denúncia e de provocação, é preciso reforçar que a sua obra não tem intenções propagandísticas. É verdade que os seus diferentes tipos de acções cénicas têm uma forte componente política, mas a intenção é provocar uma dimensão auto-reflexiva, tornando o espectador num agente activo do processo artístico e conduzindo à sua transformação ao longo do espectáculo. Analisando o seu processo artístico, apercebemo-nos de que essas transformações, que consegue propiciar, são o resultado de um longo percurso filosófico e existencial, utilizando o humor para desbloquear tensões e abrir caminho para a receptividade do espectador. Assim, esta investigação conseguiu demonstrar como é que esse processo se efectua.

Valorizo muito o trabalho de Leo Bassi, principalmente devido ao seu lado humanista e ao entusiasmo de acreditar na mudança, na revolução. Acredito na dialéctica e no confronto de ideias. No entanto, agora que chego ao fim desta análise, pergunto-me se este trabalho fará sentido daqui a dez anos. Ou se, devido ao efeito borboleta, daqui a 10000 haverá mudanças na sociedade graças à obra deste bufão. Uma coisa que aprendi durante esta investigação foi a acreditar no lado positivo da vida, a ter esperança de que as coisas vão mudar. E isso significa não perpetuar formas, não estagnar estéticas nem sacralizar personalidades. Compreendi também que procuro a energia vital que Leo Bassi provoca nos espectadores, que quero ser arrebatada no teatro e que quero proporcionar isso a outras pessoas. Talvez essa tenha sido a razão inconsciente para a escolha deste tema: a procura dessa primitividade das emoções.

A nível científico, creio que é muito importante a investigação sobre formas populares de cultura, pois elas estão enraizadas na nossa identidade civilizacional. E a arte contemporânea pode ganhar muito com isso: colocar o passado e o futuro em discussão, procurar a dúvida e a imperfeição, e questionar tudo, sempre. É extremamente pertinente trazer a essência do bufão para o presente e, com ele, tentar

criar utopia. Por isso é que o «Deus» da Igreja Patólica é um patinho de borracha: simboliza um mundo aberto à esperança.

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail
1987 *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC / UnB.
- BASSI, Leo
2007 *La Revelación*. Madrid: Barataria Ediciones.
- BASSI, Leo
1980 “L’École de la réalité”, in FABBRI, Jacques & SALLÉE, André (dir.) 1982: 147-148.
- BERTHOLD, Margot
2000 *História Mundial do Teatro*. Tradução de Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva.
- BROCKETT, Oscar G.
1995 *History of the Theatre*. 7th ed. (1st ed. 1968), Massachusetts: Allyn & Bacon.
- BROWN, John Russell (ed.)
1995 *The Oxford Illustrated History of the Theatre*. Oxford: Oxford University Press.
- CARLSON, Marvin
1993 *Theories of the Theatre – A Historical and Critical Survey, from the Greeks to the Present*. Expanded edition (1st ed. 1984), Ithaca: Cornell University.
2011 “Performance Studies and the Enhancement of Theatre Studies” in HARDING, James M. & ROSENTHAL, Cindy (ed.), *The Rise of Performance Studies*. Palgrave Macmillan, 2011:13-22.
- CARY, Luz &
RAMOS, Joaquim José
Moura (ed.)
1973 *Teatro e Vanguarda*. Seleção de textos e tradução de Luz Cary e Joaquim José Moura Ramos. Águeda: Editorial Presença.
- CASTILLA, Arturo
1986 *La otra cara del circo – revelaciones de un mundo aparte*. Madrid: Albia- Grupo Espasa.
- FABBRI, Jacques &
SALLÉE, André (dir.)
1982 *Clowns & Farceurs*. Paris: Bordas.
- FARRELL, Joseph &
SCUDERI, Antonio (ed.)
2000 *Dario Fo – Stage, Text and Tradition*. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- FICHTER-LICHTE, Erika
2002 *History of European Drama and Theatre*. London & New York: Routledge.
2008 *The Transformative Power of Performance: A new Aesthetics*. London & New York: Routledge.
- FISCHER, Heinz
1993 “Audience: Osiris, Catharsis and the Feast of Fools”, in HILTON, Julian (ed.), *New directions in theatre*. Basingtoke: The MacMillan Press LTD, 1993: 72-86
- FO, Dario
1999 *Manual mínimo do actor*. Org. Franca Rame. Trad. Lucas Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: Senac.
- GOODMAN, Lizbeth &
GAY, Jane de (ed.)
2000 *The Routledge Reader in Politics and Performance*. London & New York, Routledge.
- GOLDBERG, RoseLee

- 2012
HAMMERS, Jeremy
2013
A arte da performance: do futurismo ao presente. Lisboa: Orfeu Negro.
- “From Fritz Teufel to Leo Bassi : Happening and Provocation. Just a History of Overbidding and Inflation?”, in *Prosperos 1st colloquium: Utopia and Critical Thinking in Creative Process*. Besançon: Les solitaires intempestifs. 2013: 167-181.
- HERBERT, Ian &
STEFANOVA, Kalina (ed.)
2009
Theatre and Humanism in a World of Violence. Sofia: St. Kliment Ohridski University Press.
- KASPER, Kátia Maria
2004
Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidades de vida (Tese de Doutoramento). Campinas: UNICAMP.
- McAULEY, Gay
2000
Space in Performance – Making meaning in the theatre. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- MORE, Thomas
2006
Utopia. Tradução de Aires A. Nascimento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Otto, Beatrice K.
2001
Fools Are Everywhere: The Court Jester Around the World. Chicago: Chicago University Press.
- PAVIS, Patrice
1999
Dicionário de teatro. Tradução de J. Guinsberg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva.
- SAUTER, William
2000
The Theatrical Event: Dynamics of Performance and Perception. Iowa City: University of Iowa Press.
- SCUDERI, Antonio
2000
“Updating Antiquity”, in FARRELL, Joseph & SCUDERI, Antonio (ed.) 2000: 39-64.
- SIMON, Alfred
1988
La planète des clowns. Lyon: La manufacture.
- STEFANOVA, Aglika
2008
“Violence in Contemporary Theatre: Rhetorical and Ethical Effects”, in HERBERT, Ian & STEFANOVA, Kalina (Ed). 2009: 72-77.
- TAVARES, Jorge
1979
Os bobos e outras figuras portuguesas medievais. Porto: PortoEditora.
- VALERI, Walter
2000
“An Actor’s Theatre”, in FARRELL, Joseph & SCUDERI, Antonio (ed.). 2000: 19-29.
- VASQUES, Eugénia
2003
O que é teatro. S/L: Quimera Editores.
- WICKHAM, Glynne
1985
A History of the Theatre. London: Phaidon.
- Zarrilli, Phillip B.,
McCONACHIE, Bruce,
WILLIAMS, Gary Jay,
SORGENFREI, Carol
Fisher
2006
Theatre Histories – an Introduction. London & New York: Routledge.

Fonte oral:

Entrevista a Leo Bassi, a 21/09/2013, no Fórum Maia – Maia, Portugal.

Internet:

Sites consultados

- www.leobassi.com
- paticano.com
- www.pallasosenrebeldia.org
- www.diarioliberalidade.org

Entrevistas a Leo Bassi

- “A arte de provocar”, por Jairo Máximo e Lois Valsa.
http://www.istoe.com.br/reportagens/22763_A+ARTE+DE+PROVOCAR (consultado a 30/06/2013)
- “Charlas: Leo Bassi”, por Público.es. <http://charlas.publico.es/leo-bassi-28-03-2011> (consultado a 30/06/2013).
- “El cómico Leo Bassi: Lo que corrompe es el dinero y quien lo tiene es la derecha”, por Marta Bac.
<http://www.20minutos.es/noticia/1040368/0/leo/bassi/bassibus/> (consultado a 26/06/2013).
- “Encuentros digitales: Ha estado con nosotros... Leo Bassi”, por Elmundo.es.
<http://www.elmundo.es/encuentros/invitados/2006/03/1933/> (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista a Leo Bassi: Los payasos han sido siempre terroristas lúdicos”, por Américo Virus.
<http://remandoenpolisindeton.blogspot.pt/2010/11/leo-bassi-bufon-entrevista-interview.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista a Leo Bassi”, por Emilio Silva.
http://www.rivasciudad.es/portal/contenedor_ficha.jsp?seccion=s_fnot_d4_v1.jsp&contenido=4821&nivel=1400&tipo=8 (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista com o Ator e blogueiro Leo Bassi”, por Eduardo Viveiros.
<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/download/3800/2478> (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista-chat: Entrevista a Leo Bassi”, por DiariodeMallorca.es.
<http://comunidad.diariodemallorca.es/entrevista-chat/1344/Teatro/Entrevista-a-Leo-Bassi/entrevista.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista-Chat: Leo Bassi”, por LaOpiniondeMalaga.es.
<http://comunidad.laopiniondemalaga.es/entrevista-chat/1513/Cultura/Leo-Bassi/entrevista.html> (consultado a 26/06/2013).
- “Hay que crear tensión: o jogo de Leo Bassi”, por Kátia Maria Kasper.
<http://www.alegrar.com.br/01/entrevista/index.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Iglesia Patólica”, por La Marea. <http://www.lamarea.com/tags/iglesia-patolica/> (consultado a 02/07/2013).
- “La carpa de mi circo es el planeta”, por Alberto D. Fraile Oliver.
<http://www.revistanamaste.com/leo-bassi/> (consultado a 26/06/2013).
- “La derecha es neolítica”, por Bernardo Gutiérrez. <http://www.publico.es/culturas/191326/la-derecha-es-neolitica> (consultado a 30/06/2013).
- “La realidad nos supera a los bufones”, por Diego Díaz. <http://www.glayiu.org/la-realidad-nos-supera-a-los.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi, el bufón que cree en la iglesia patólica”, por Una cabeza sembrada.
<http://unacabezassebrada.blogspot.pt/2013/04/leo-bassi-el-bufon-que-cree-en-la.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi, espíritu bufonesco, un rebelde, un humanista activo contra la superstición. La revolución es siempre la próxima”, por Enriqueta de la Cruz. <http://www.cronicapopular.es/2013/04/leo-bassi-espiritu-bufonesco-un-rebelde-un-humanista-activo-contra-la-supersticion-la-revolucion-es-siempre-la-proxima/> (Consultado a 26/06/2013).
- “Leo Bassi, um palhaço engajado”, por Estadão.com.br.
<http://www.estadao.com.br/arquivo/arteeazer/2002/not20020805p6888.htm> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi, un hombre furioso”, por Nuri Verdú.
<http://www.revistafusion.com/2000/marzo/entrev78.htm> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi: Algún cardenal y los 'fachas' la han tomado conmigo”, por Enrique Miret Magdalena.
http://elpais.com/diario/2006/08/30/ultima/1156888801_850215.html (consultado a 30/06/2013).

- “Leo Bassi: El conformismo es la mayor provocación”, por Miguel Molina. <http://www.laguiago.com/blogs/entrevistasgo/2010/12/22/leo-bassi-el-conformismo-es-la-mayor-provocacion/> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi: En internet está buena parte de la batalla” por Luis Arronte. <http://granadamedia.com/leo-bassi-en-santa-fe/> (consultada a 26/06/2013).
- “Leo Bassi: La iglesia católica tiene gran parte de la culpa en esta crisis”, por Internacionalistas en Red. <http://www.lahaine.org/index.php?p=55372> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi: No sé cuántas nacionalidades tengo ni en qué idioma sueño”, por Marga. <http://www.dantezaragoza.com/2013/04/25/leo-bassi-no-se-cuantas-nacionalidades-tengo-ni-en-que-idioma-sueno/> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi: sou fruto da tradição circense”, por Jairo Máximo. <http://www.eurolatinnews.com/reportajes1/leobassi.htm> (consultado a 26/06/2013).
- “Mi hijo de cuatro meses me da valor en esta lucha quijotesca contra el poder”, por Amaia Mauleón. <http://www.farodevigo.es/sociedad-cultura/2012/10/13/hijo-cuatro-meses-da-lucha-quijotesca/695680.html> (consultado a 10/07/2013).
- “Nunca he ido al psiquiatra. Son los psiquiatras los que van a ver a los cómicos”, por 20minutos.es. <http://www.20minutos.es/noticia/85721/0/Leo/Bassi/Encuentro/> (consultado a 28/06/2013).
- “Somos los nuevos líderes espirituales”, por Amaia Mauleón. <http://www.farodevigo.es/sociedad-cultura/2010/07/26/nuevos-lideres-espirituales/459058.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Ya no hay fuerza para crear una nueva filosofía”, por Diego Marín A. <http://blogs.larioja.com/ciudaddelhombre/2008/10/25/entrevista-leo-bassi/> (consultado a 30/06/2013).

Reportagens sobre Leo Bassi

- “Clown at War”, por Leo Bassi. http://www.slowar.tv/index.php?option=com_content&view=article&id=67%3A2009-11-19-09-11-06&catid=37&Itemid=37&lang=en (consultado a 28/06/2013).
- “Comediante Leo Bassi afirma que Europa não conhece a real situação da Venezuela”, por Lusa. <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=150903&tm=&layout=121&visual=49> (consultado a 28/06/2013).
- “Comedy to the rescue”, por Armando Iannucci. <http://www.guardian.co.uk/stage/2006/oct/18/comedy.television> (consultado a 02/07/2013).
- “Como seria o nascimento de Jesus na Belém de hoje”, por Cris Rodrigues. <http://somosandando.com.br/2010/12/25/como-seria-o-nascimento-de-jesus-na-belem-de-hoje/> (consultado a 30/06/2013).
- “Conde Roa: Leo Bassi me produce especial repugnancia”, por Elisa Álvarez. http://www.lavozdegalicia.es/noticia/ocioycultura/2012/03/27/conde-roa-leo-bassi-me-produce-especial-repugnancia/0003_20120320120327123344338.htm (consultado a 30/06/2013).
- “El bufón intelectual Leo Bassi”, por Abdo Tounsi. <http://abdotounsi.com/2013/05/13/el-bufn-intelectual-leo-bassi/> (consultado a 26/06/2013).
- “Leo Bassi attempts to get a Guinness World Record in Benidorm”, por Macu Esteve. <https://www.excursionesbenidorm.com/en/excursion-articles-and-interviews/excursion-articles/182-leo-bassi-trata-de-establecer-un-record-guinness-en-benidorm.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi explica Beppe Grillo”, por Menéame. <http://www.meneame.net/story/leo-bassi-explica-beppe-grillo> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi imputado por delitos contra los sentimientos religiosos”, por Izidoro Azevedo dos Santos. <http://izidoroazevedo.blogspot.pt/2011/03/leo-bassi-imputado-por-delitos-contra.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi logra el Guinness por sumergirse en una playa de Benidorm con el flotador pato más grande del mundo”, por Europa Press. <http://www.periodistadigital.com/ocio-y-cultura/viajes/2010/07/18/leo-bassi-logra-el-guinness-por-sumergirse-en-una-playa-de-benidorm-con-el-flotador-pato-mas-grande-del-mundo.shtml> (consultado a 26/06/2013).
- “Leo Bassi trata de establecer un record Guinness en Benidorm”, por Macu Esteve. <https://www.excursionesbenidorm.com/es/reportajes-entrevistas/reportajes/182-leo-bassi-trata-de-establecer-un-record-guinness-en-benidorm.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi vence Prémio do Público do Teatro Agosto”, por Ointerior.pt. <http://www.ointerior.pt/noticia.asp?idEdicao=669&id=36724&idSeccao=8660&Action=noticia>.
- “Leo Bassi, el payaso de la protesta”, por Funversion. http://funversion.universia.es/enescena/leo_bassi.jsp (consultado a 28/06/2013).

- “Leo Bassi, imputado por delitos contra los sentimientos religiosos”, por Aragón Ateo. <http://aragonteo.wordpress.com/2011/03/30/leo-bassi-imputado-por-delitos-contra-los-sentimientos-religiosos/> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi, um bufão que tenta destruir a fé em peça teatral”, por Folha da Região. <http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=75113> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi, un buffone contro i poteri forti”, por Stefania Ciocca. <http://www.circo.it/leo-bassi-un-buffone-contro-i-poteri-forti/> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi, un bufón activista. [Versión completa de la entrevista publicada en el nº53 de DIAGONAL]”, por Raul Cazorla. <http://www.elvarapalo.com/blog/radiaciones/relatos-mediaticos/leo-bassi-un-bufon-activista-version-completa-de-la-entrevista-p> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi: Para mí lo más natural de este mundo es ser republicano”, por La Nueva España. <http://www.lne.es/oviedo/2013/04/11/leo-bassi-natural-mundo-republicano/1395376.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi: Siempre me ha intrigado saber hasta dónde debo llegar para hacer reír”, por Pablo Ferrer. http://www.heraldo.es/noticias/cultura/leo_bassi_siempre_intrigado_saber_hasta_donde_debo_llegar_para_hacer_reir.html (consultado a 26/06/2013).
- “Leo Bassi: utopía... con pies de plomo”, por Paz Mediavilla. http://www.babab.com/no34/leo_bassi.php (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi”, por Clowns-online.com. http://clowns-online.com/clown/Leo_Bassi (consultado a 28/06/2013).
- “Los trapos sucios de González. Una crónica de Leo Bassi”, por Leo Bassi. <http://www.salvemostelemadrid.es/cronica-leo-bassi/> (consultado a 28/06/2013).
- “Maestro Leo Bassi”, por Andre Buenafuente Blog <http://www.andrebuenafuente.com/?id=p933> (consultado a 30/06/2013).
- “O imprescindível bufão Leo Bassi”, por Cará Pinhé. <http://carapinha.blogspot.pt/2011/04/o-imprescindivel-bufao-leo-bassi.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Palhaço mais terrorista do planeta, Leo Bassi lota as sessões em Brasília para pregar a volta do iluminismo como deus supremo”, por Sérgio Maggio. <http://bardoteu.blogspot.pt/2011/04/leo-bassi-o-bufao.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Ponen una bomba en el camerino de Leo Bassi”, por 20minutos.es. <http://www.20minutos.es/noticia/95518/0/leo/bassi/bomba/> (consultado a 28/06/2013).
- “Spain: Bomb threats and funding cuts follow theatre show”, por Paul Bond. <http://www.wsws.org/en/articles/2006/03/spai-m28.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Spanish Inquisition attacks Leo Bassi”, por Maju. <http://forwhatwearetheywillbe.blogspot.pt/2011/04/spanish-inquisition-attacks-leo-bassi.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Tiempo de Bufones”, por Moncho Alpuente. http://elpais.com/diario/2009/02/04/madrid/1233750260_850215.html (consultado a 28/07/2013).
- “Unos 50 extremistas se manifiestan contra la obra de Leo Bassi”, por Esther Sánchez. http://elpais.com/diario/2007/01/28/madrid/1169987058_850215.html (consultado a 30/06/2013).

Críticas

- “Como assassinar pombos e ser poético”, por Fernando Gasparini. <http://www.anjosdopicadeiro.com.br/2011/12/como-assassinar-pombos-e-ser-poetico.html> (consultado a 26/06/2013).
- “El cómico Leo Bassi parodia el autobús electoral del PP”, por Céline Gesret. <http://www.lavanguardia.com/local/madrid/20110516/54154832028/el-comico-leo-bassi-parodia-el-autobus-electoral-del-pp.html> (consultado a 10/07/2013).
- “La Revelación, de Leo Bassi – Apresentação em São Paulo”, por André Kanamura. <http://andrekanamura.com/2007/09/02/la-revelacion-de-leo-bassi-apresentacao-em-sao-paulo/> (consultado a 28/06/2013).
- “La vendetta by Leo Bassi”, por chicabonita. <http://members.virtualtourist.com/m/tt/3a152/> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi en Zaragoza”, por Cristina Martínez. <http://www.dragondigital.es/2013/04/leo-bassi-en-zaragoza/> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi incendeia Águeda”, por RN. <http://bloguejudeu.blogspot.pt/2007/10/leo-bassi-incendeia-agueda.html> (consultado a 28/06/2013).

- “Leo Bassi, libre en el Rock & Clown”, por Silvia Pampín. <http://www.farodevigo.es/portada-deza-tabeiros-montes/2011/05/16/leo-bassi-libre-rock--clown/545145.html> (consultado a 26/06/2013).
- “Leo Bassi: The Best of”, por Alan Queipo. http://www.notodo.com/escena/performance/4171_leo_bassi_the_best_of_teatro_alfil_madrid.html (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi: Utopía”, por TeaTraleando. <http://teatraleando.blogspot.pt/2011/04/leo-bassi-utopia.html> (consultado a 26/06/2013).
- “Leo Bassi”, por Em Concert. http://www.emconcert.su/index.php?option=com_content&task=view&id=316&Itemid=&lang=en (consultado a 30/06/2013).
- “Michael Pedretti – Guest Blogger – On Leo Bassi”, por Michael Pedretti. <http://vaudevisuals.com/2010/03/michael-pedretti-guest-blogger-on-leo-bassi/> (consultado a 30/06/2013).
- “Palabra de 'buffone”, por Manolo Morillo. <http://www.diariodecadiz.es/article/ocio/497850/palabra/buffone.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Pequena visão sobre *Utopia*, de Leo Bassi”, por Lucas Arantes. <http://lucasarantes.wordpress.com/2010/09/12/pequena-visao-sobre-%E2%80%9C9Cutopia%E2%80%9D-de-leo-bassi/> (consultado a 28/06/2013).
- “Utopía, de Leo Bassi”, por Javi Álvarez. <http://www.larepublicacultural.es/article1399.html> (consultada a 26/06/2013).

Notícias de espetáculos

- “A Revelação de Leo Bassi vai estar em Águeda”, por Beira Vouga. http://www.jornalbeiravouga.com/news/index.php?option=com_content&task=view&id=1209&Itemid=29 (consultado a 28/06/2013).
- “Águeda: Leo Bassi hoje no S. Pedro”, por SP. <http://www.soberaniadopovo.pt/portal/index.php?news=5212> (consultado a 28/06/2013).
- “Banqueiro deprimido abre Festas de Lisboa num mês de alegria contra austeridade”, por Lusa. <http://expresso.sapo.pt/banqueiro-deprimido-abre-festas-de-lisboa-num-mes-de-alegria-contra-austeridade=f809642> (consultado a 28/06/2013).
- “Bufão italiano Leo Bassi se apresenta em São Paulo!”, por Doutores da Alegria. <http://www.doutoresdaalegria.org.br/bufao-italiano-leo-bassi-se-apresenta-em-sao-paulo/> (consultado a 30/06/2013).
- “El 'Bassi Bus: un paseo por el lado corrupto de la política”, por Miguel Ángel Pérez. http://www.cadenaser.com/cultura/articulo/bassi-bus-paseo-lado-corrupto-politica/csrsrpor/20110506csrsrreul_5/Tes (consultado a 30/06/2013).
- “Espectáculo Utopía de Leo Bassi”, por Andalucía.org. <http://www.andalucia.org/es/eventos/espectaculo-utopia-de-leo-bassi/> (consultado a 28/06/2013).
- “Iglesia Patólica, de Leo Bassi”, por Madrid Free. <http://madridfree.com/iglesia-patolica-de-leo-bassi/> (consultado a 28/06/2013).
- “Instintos ocultos, el espectáculo fetiche de Leo Bassi”, por Lets Bonus. <http://es.letsbonus.com/espectaculos/barcelona/leo-bassi-la-iglesia-patolica-179508> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi (Itália)”, por Portal d’Aveiro. [http://www.aveiro.co.pt/agendacultural.aspx?id=1451¬ic=Leo%20Bassi%20\(It%C3%A1lia\)](http://www.aveiro.co.pt/agendacultural.aspx?id=1451¬ic=Leo%20Bassi%20(It%C3%A1lia)) (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi | Imaginarius 2010”, por Bruno Costa. <http://arterua.blogspot.pt/2010/04/leo-bassi-imaginarius-2010.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi abre 16º Festival Mindelact com Utopia”, por A Semana. <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article56297> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi actúa en el Gran Teatro”, por Hoy.es. <http://www.hoy.es/20130201/extremadura/cacerescaparate/bassi-actua-gran-teatro-201302011726.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi em São Paulo”, por AloArtista.com <http://www.aloartista.com/conteudo.asp?id=856> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi regressa ao Festival de Teatro Cómico da Maia”, por Primeira Mão. <http://www.primeiramao.pt/2009/09/04/leo-bassi-regressa-ao-festival-de-teatro-cmico-da-maia/> (consultado a 28/06/2013).

- “Leo Bassi, en el Festival del Humor”, por Granada Hoy. <http://www.granadahoy.com/article/ocio/528853/leo/bassi/festival/humor.html> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi, la poesía y el debate, protagonistas del Sin Fronteras”, por Guillermo Pemán Portella. <http://www.aragondigital.es/noticia.asp?notid=106628> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi, o palhaço da utopia”, por Claudia Morriesen. <http://wp.clicrbs.com.br/anexo/2011/11/09/leo-bassi-o-palhaco-da-utopia/?topo=84,2,18,,,84> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi, The Best of”, por Estrella Savirón. http://www.agolpedeefecto.com/teatro_2012/teatro_leo_bassi.html (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi: The Best of”, por Caravansar Gestión Cultural. <http://caravansar.es/blog/leo-bassi-en-granada-el-proximo-mes-de-abril> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi”, por redaragon.com <http://www.redaragon.com/agenda/fichaevento.asp?id=60812> (consultado a 28/06/2013).
- “O Melhor de Leo Bassi”, por Jéssika Lopes. <http://www.spescoladeteatro.org.br/noticias/ver.php?id=1469> (consultado a 30/06/2013).
- “Os P.I.G.S. em festa”, por Festas de Lisboa. <http://www.festasdelisboa.com/festas2013/evento/espectaculo-de-abertura-os-p-i-g-s-em-festa/> (consultado a 28/06/2013).
- “Palhaço pecador”, por Valmir Santos. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3008200707.htm> (consultado a 28/07/2013).
- “The Best of Leo Bassi: lo mejor de un payaso desenfrenado”, por Helena Psijalis. <http://www.culturamas.es/blog/2012/11/23/the-best-of-leo-bassi-lo-mejor-de-un-payaso-desenfrenado/> (consultado a 26/06/2013).
- “The Best of Leo Bassi”, por Valey Centro Cultural de Castrillón. <http://www.valeycentrocultural.org/?p=3052> (consultado a 28/06/2013).
- “Utopia”, por Leo Bassi. <http://www.esteteatro.com/index.php/teatroagosto/teatroagosto-2012/leo-bassi> (consultado a 28/06/2013).

Reportagens sobre a Igreja Patólica

- “La Iglesia Patólica de Leo Bassi en Lavapiés”, por Mad Time. <http://www.madtime.net/2012/12/la-iglesia-patolica-de-leo-bassi-en.html> (consultado a 28/06/2013).
- “La Iglesia Patólica de Leo Bassi, o la noble tarea de santificar la risa”, por El crítico de la tele. <http://www.elcriticodelatele.com/2013/01/Iglesia-Patolica-Leo-Bassi-Paticano.html> (consultado a 02/07/2013).
- “Leo Bassi crea una nueva religión, la Iglesia Patólica” por ElEconomista.es. <http://ecodiario.eleconomista.es/cultura/noticias/4496649/12/12/Leo-Bassi-crea-una-nueva-religion-la-Iglesia-Patolica.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi inaugura la primera Iglesia atea”, por Paula Corroto. http://www.eldiario.es/Kafka/almacen/Leo-Bassi-inaugura-primera-Iglesia_0_85041527.html (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi presenta su iglesia patólica”, por Público.es. <http://www.publico.es/culturas/448042/leo-bassi-presenta-su-iglesia-patolica> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi presenta su recién creada religión patólica”, por Tercera Información. <http://www.tercerainformacion.es/spip.php?article45587> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi presenta su última ofensa a la religión: la iglesia patólica”, por La Gaceta. <http://www.intereconomia.com/noticias-gaceta/iglesia/leo-bassi-presenta-su-ultima-ofensa-religion-iglesia-patolica-20121227> (consultado a 30/06/2013).
- “Leo Bassi se confiesa “perfectamente capacitado” para suceder a Benedicto XVI”, por B. Ferrer. <http://eakit.com/actualisis/2013/03/01/leo-bassi-se-confiesa-perfectamente-capacitado-para-suceder-a-benedicto-xvi/> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi se vuelve a burlar de la Iglesia: presenta su ‘religión patólica’ en el programa de Antena 3 El Hormiguero”, por Religionconfidencial.com. <http://www.religionconfidencial.com/catolicos/079542/leo-bassi-se-vuelve-a-burlar-de-la-iglesia-presenta-su-religion-patolica-en-el-programa-de-antena-3-el-hormiguero> (consultado a 28/06/2013).
- “Leo Bassi, sumo pontífice del patolicismo”, por Leyre Pejenaute. http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/12/27/madrid/1356646562_827650.html (consultado a 28/06/2013).

- “Rubber bath duck is symbol of new religion created by comic Leo Bassi”, por Guillermo Gutiérrez. <http://www.demotix.com/news/1698651/rubber-bath-duck-symbol-new-religion-created-comic-leo-bassi> (consultado a 28/06/2013).

Abaixo-assinados

- “En defensa de Leo Bassi y de Marcos Sacristán” <http://www.change.org/es/peticiones/en-defensa-de-leo-bassi-y-de-marcos-sacristan> (consultado a 30/06/2013).
- “Reivindicamos la Libertad de expresión”, http://cylcultural.org/libertad_expresion.htm (consultado a 28/06/2013).

Vídeos consultados:

Entrevistas

- “¿Qué significa para ti la palabra 'COPIAR'? - Leo Bassi, comediante”, <http://www.youtube.com/watch?v=XEuNOqRnWmI&feature=related> (consultado a 09/11/2012).
- “El bufón Leo Bassi habla con Periodistadigital”, <http://www.youtube.com/watch?v=WYrRVBEbjMM> (consultado a 03/07/2013).
- “Entrevista a Leo Bassi en el Congreso Estatal de Educación Social”, <http://edusotv.blogspot.pt/2012/05/entrevista-leo-bassi-en-el-congreso.html> (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista a Leo Bassi”, http://www.rivasciudad.es/portal/contenedor_ficha.jsp?seccion=s_fnot_d4_v1.jsp&contenido=4821&nivel=1400&tipo=8 (consultado a 30/06/2013).
- “Entrevista amb Leo Bassi”, <http://www.youtube.com/watch?v=-ivHfeZ2P4I> (consultado a 07/07/2013).
- “Leo Bassi Entrevista en La 2 sobre la Risa”, <http://www.youtube.com/watch?v=IyOkFBokFzU> (consultado a 12/07/2013).
- “Leo Bassi entrevistado por Dayon Moiz”, <http://www.youtube.com/watch?v=DzXpMHoGy3o> (consultado a 12/07/2013).
- “Leo Bassi yes I want”, http://www.youtube.com/results?search_query=Leo+Bassi+yes+I+want&aq=Leo+Bassi+yes+I+want&gs_l=youtube.3..33i21.236241.238389.0.238712.1.1.0.0.0.309.309.31.1.0...0.0...1ac.1j2.11.youtube.8NFcVHVEz0s (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi, il clown militante, si racconta”, <http://www.youtube.com/watch?v=gZUuR6nosG8> (consultado a 07/07/2013).
- “Leo Bassi. Entrevista de elgranpoder.com”, <http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&NR=1&v=2TZu10pvHeA> (consultado a 11/07/2013).
- “Leo Bassi: 'Franco no ha muerto'”, http://www.youtube.com/watch?v=_XCwT6lViog (consultado a 12/07/2013).
- “TRES MINUTOS CON... LEO BASSI”, <http://www.youtube.com/watch?v=jWyWdFUZUqE> (consultado a 03/07/2013).

Igreja Patólica (2012)

- “Apresentação da Igreja Patólica”, http://ccaa.elpais.com/ccaa/2012/12/27/madrid/1356646562_827650.html (consultado a 29/07/2013).
- “Presentación Iglesia Patólica”, <http://vimeo.com/54306373> (consultado a 28/06/2013).

The best of (2012)

- “Leo Bassi - The Best Of - pt. 1 - Noite de Gala no CCJ”, <http://www.youtube.com/watch?v=pWu0VCKtGfY> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi - The Best Of - pt. 2 - Noite de Gala no CCJ”, <http://www.youtube.com/watch?v=dqi-TGGmb8I> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi en la semana republicana de Oviedo”, <http://www.youtube.com/watch?v=4J0d5eHp3-Q> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi presenta The best of no Auditório Ourense”, <http://www.youtube.com/watch?v=TDO1RGCEPH4> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi- The Best of- pt.3. Noite de Gala no CCJ”, <http://www.youtube.com/watch?v=4l4hJ3V3aKM> (consultado a 29/07/2013).

- “Leo Bassi en la Universidad de Valladolid 1/8”,
<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=8qRBJWjDRbo> (consultado a 11/11/2012).
- “Leo Bassi en la Universidad de Valladolid 2/8”,
<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=OqnfeJfsFSY> (consultado a 11/11/2012).
- “Leo Bassi Universidad de Valladolid Intereconomía TV”,
<http://www.youtube.com/watch?v=KfwA88Eo5B8> (consultado a 11/07/2013).
- “Protesta al Rector Marcos Sacristán UVA”,
http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=xcdHkautb_g&feature=endscreen (consultado a 11/07/2013).
- “Protesta contra Rector y Leo Bassi AJIO”,
<http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=AFP-dhmp6K4&NR=1> (consultado a 11/07/2013).

- “Censurado FestiClown de Leo Bassi (6-En-12)”, <http://www.youtube.com/watch?v=OG4Pq63Hx9U> (consultado a 29/07/2013).
- “El pesebre de Leo Bassi”, http://www.youtube.com/results?search_query=El+pesebre+de+leo+Bassi&oq=El+pesebre+de+leo+Bassi&gs_l=youtube.3...0.0.1.1035.0.0.0.0.0.0.0.0...0.0...1ac..11.youtube.2_1KKJxDktM (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi Belén en tempos revueltos.mpeg”, <http://www.youtube.com/watch?v=p10nu-Jeqh8> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi- El Belén de lavapies- Las Colonias judías crecen 27/ 12/2010”, <http://www.youtube.com/watch?v=Op7UyqYJwGg> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi, El belén en tiempos revueltos, campo de Cebada”, <http://www.youtube.com/watch?v=OVEiiXwMRh0> (consultado a 29/07/2013).
- “Repaso de la historia palestina com leo Bassi”, <http://www.youtube.com/watch?v=BWBROOgspuo> (consultado a 29/07/2013).

- “Antzerkia: Leo Bassi Utopía (2011.01.07)”, <http://www.youtube.com/watch?v=F7s6d6n3YI4> (consultado a 03/07/2013).
- “Funambolika 2012_ Leo Bassi in Utopia”, http://www.youtube.com/watch?v=9V5vX4jO_rA (consultado a 29/07/2013).
- “La 'Utopía' de Leo Bassi a la Villarroel”, http://www.youtube.com/watch?v=_GIBtMSS7J0 (consultado a 02/07/2013).
- “Leo Bassi @ Fusion festival”, <http://www.youtube.com/watch?v=1He26VdO4to> (consultado a 12/07/2013).
- “Leo Bassi explaining the capitalist economic system”, <http://www.youtube.com/watch?v=95OiaxFLtB0> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi quiere despertar a la izquierda con Utopía”, <http://www.youtube.com/watch?v=xYOQjRqOrvc&feature=related> (consultado a 11/11/2012).
- “LEO BASSI se hará gay.... - UTOPIA en las Fiestas de El Pilar 2010 – Zaragoza”, <http://www.youtube.com/watch?v=0D82cr7g764> (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi 'Utopia' Imaginariu 2010”, <http://www.youtube.com/watch?v=aVVuRtoa5-I> (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi Utopia@MilanoClownFestival”, <http://www.youtube.com/watch?v=a0pekpAONTs> (consultado a 02/07/2013).
- “Leo Bassi. Utopía.meteorik tv”, <http://www.youtube.com/watch?v=FgcwFy-Y9Qo> (consultado a 03/07/2013).
- “MITEU 2011- Leo Bassi -UTOPIA- Auditorio Municipal Ourense TdLOU”, <http://www.youtube.com/watch?v=lk3t4wmGDEk> (consultado a 02/07/2013).
- “UTOPIA (DE LEO BASSI) 2ª Parte”, <http://www.youtube.com/watch?v=LIaGv5X-SPg> (consultado a 02/07/2013).
- “UTOPIA (DE LEO BASSI) 3ª Parte”, <http://www.youtube.com/watch?v=kqZcJKkev9A> (consultado a 02/07/2013).

- “UTOPIA (DE LEO BASSI) 4ª Parte”, <http://www.youtube.com/watch?v=KDIpm3gRxkA> (consultado a 02/07/2013).
- “UTOPIA (DE LEO BASSI) 5ª Parte #1”, <http://www.youtube.com/watch?v=w3BYENMuD3M> (consultado a 02/07/2013).
- “UTOPIA (DE LEO BASSI) Primera Parte”, <http://www.youtube.com/watch?v=nudYKdmpojM> (consultado a 02/07/2013).
- “Utopía de Leo Bassi a Valldoreix”, <http://www.youtube.com/watch?v=jeeWXpkTFhc> (consultado a 03/07/2013).
- “Utopía de Leo Bassi Teatro Alfíl”, <http://www.youtube.com/watch?v=flkjdyrWTY> (consultado a 02/07/2013).
- “Utopía de Leo Bassi”, <http://www.youtube.com/watch?v=igLsTHQzbik> (consultado a 03/07/2013).
- “Utopía, de Leo Bassi 1ª parte - Madrid Underground”, http://www.youtube.com/watch?v=rOHseKxG_JA (consultado a 02/07/2013).

A Revelação (2005)

- “La Revelación - Leo Bassi”, <http://www.youtube.com/watch?v=QhY3Ecbss-U> (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi - Jerico y el 5º mandamiento (La Revelación)”, http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=2tGuqBC0o_w&feature=endscreen (consultado a 11/11/2012).
- “Leo bassi en hazteoir.org”, <http://www.youtube.com/watch?v=5eYIU83dzOo> (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi en Utrera”, <http://www.youtube.com/watch?v=RWjAzCraztk> (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi impío”, http://www.youtube.com/watch?v=jd_vGA7-R0I (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi- Parte 1 de 2. Festival Salvem Sa Ràpita”, <http://www.youtube.com/watch?v=ZIWEXSuytI> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi revelación”, <http://www.youtube.com/watch?v=3IG2g4o2wPM> (consultado a 03/07/2013).
- “LEO BASSI Una bomba en el teatro Alfíl”, http://www.youtube.com/watch?v=47ebZn6_ndg (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi, en "Al Sur"”, <http://www.youtube.com/watch?v=qPeWZvdIjCg&feature=related> (consultado a 11/11/2012).
- “Leo Bassi. Parte 2 de 2. Festival Salvem Sa Ràpita. Palma 06/09/2012”, <http://www.youtube.com/watch?v=VFsjJeYhKsw4> (consultado a 29/07/2013).
- “PRESENTACIÓN ESPECTÁCULO LEO BASSI”, <http://www.youtube.com/watch?v=3gxEdV29Gsg> (consultado a 07/07/2013).

Bassibus (2004)

- “BASSIBUS a Barcelona”, <http://www.youtube.com/watch?v=sjza1hrf8kU> (consultado a 07/07/2013).
- “El Bassibus en Boadilla del Monte - LEO BASSI (8-mayo-2011)”, <http://www.youtube.com/watch?v=ZfuYf70f17c> (consultado a 07/07/2013).
- “El cómico Leo Bassi parodia el autobús electoral del PP”, <http://www.lavanguardia.com/local/madrid/20110516/54154832028/el-comico-leo-bassi-parodia-el-autobus-electoral-del-pp.html> (consultado a 10/07/2013).
- “Leo Bassi - Bassibus Murcia 2008 - Entierro del "Necón”, http://www.youtube.com/watch?v=E19nvBx_zXE (consultado a 03/07/2013).
- “Leo Bassi - Bassibus Murcia 2008 - performance Barrio Paz”, <http://www.youtube.com/watch?v=HnyPy766veA> (consultado a 07/07/2013).
- “LEO BASSI en Murcia 1.: de como suspendieron su actuación”, <http://www.youtube.com/watch?v=9Wt9pe4PiFg> (consultado a 07/07/2013).
- “LEO BASSI en Murcia 2.: el BASSI-BUS”, <http://www.youtube.com/watch?v=OJ2-emgz00w> (consultado a 07/07/2013).
- “LEO BASSI en Murcia 3.: supuesto favoritismo con UCAM”, http://www.youtube.com/watch?v=DpfvsUM8_Tk (consultado a 07/07/2013).
- “Leo Bassi y su Bassi Bus en Murcia”, <http://www.youtube.com/watch?v=peaxgOJAMi4> (consultado a 03/07/2013).

- “Leo Bassi-Bassi Bus Parada I”, <http://www.youtube.com/watch?v=epMrijdCt5E> (consultado a 07/07/2013).
- “Los viajes del Bassibus”, <http://www.xpress.es/radiocable/bassibus.htm> (consultado a 02/07/2013).

Instintos ocultos (1993)

- “O Gesto Orelhudo - Leo Bassi - Espaço d'Orfeu - Parte I”, <http://www.youtube.com/watch?v=rnNoeRFYuW8> (consultado a 11/07/2013).
- “O Gesto Orelhudo - Leo Bassi - Espaço d'Orfeu - Parte II”, <http://www.youtube.com/watch?v=SAIv8I0hgB8> (consultado a 11/07/2013).
- “O Gesto Orelhudo - Leo Bassi - Espaço d'Orfeu - Parte III”, <http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=1HzM2biEM9A&NR=1> (consultado a 11/07/2013).

Conferências

- “Clown (at war)”, http://www.slowar.tv/index.php?option=com_content&view=article&id=94%3A2009-11-19-12-26-30&catid=36%3A2009-11-19-06-34-17&Itemid=1&lang=en (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi - Anjos do Picadeiro 2011”, <http://www.youtube.com/watch?v=i5r3s4dzCY8> (consultado a 11/11/2012).
- “Leo Bassi 1 de 2 - Sa Calatrava mon amour”, <http://www.youtube.com/watch?v=OP3288xjTLM> (consultado a 12/07/2013).
- “Leo Bassi 2 de 2 - Sa Calatrava mon amour”, <http://www.youtube.com/watch?v=aZc9sz-6zJ0> (consultado a 12/07/2013).
- “Leo Bassi al Rototom Reggae Festival di Benicassim (E) 2011”, <http://www.youtube.com/watch?v=OP8-qZM-0Qc> (consultado a 12/07/2013).

Leo Bassi em programas de televisão

- “Buena fuente – Leo Bassi (programa 734)”, <http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=hlY2e038bTQ&feature=endscreen> (consultado a 09/11/2012).
- “Buena fuente - Leo Bassi [Programa 657]”, http://www.youtube.com/watch?v=qi58XI3_HC4&feature=relmfu (consultado a 09/11/2012).
- “Cronicas marciianas – Leo Bassi”, <http://www.youtube.com/watch?v=w8kWpas6OMU> (consultado a 09/11/2012).
- “Jô Soares: 'Palhaço terrorista' Léo Bassi fala de suas performances”, <http://globoTV.globo.com/rede-globo/programa-do-jo-v/palhaco-terrorista-leo-bassi-fala-de-suas-performances/1990998/> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi apresenta a Igreja Patólica no programa Hormiguero”, <http://www.elcriticodelatele.com/2013/01/Iglesia-Patolica-Leo-Bassi-Paticano.html> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi at Anstalt”, <http://www.youtube.com/watch?v=4bNkCIDuCM4> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi crisis” <http://www.youtube.com/watch?v=hbzGfUeAPXQ&feature=related> (consultado a 09/11/2012).
- “Leo Bassi- Even a banker can become an angel”, <http://www.youtube.com/watch?v=TF9zgb0beFw> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi: Bankbashing, a game for children”, http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=qprWBS-NoDI#t=11 (consultado a 28/06/2013).
- “Que es un pallaso segun Leo Bassi (El hormiguero)”, <http://www.youtube.com/watch?v=Ipj2jz6UmKM&feature=related> (consultado a 09/11/2012).

Manifestações

- “#17A Leo Bassi habla a los presentes en la manifestación del #17A en Tirso de Molina (17 ago 2011)”, <http://www.youtube.com/watch?v=-OJc7Ghl9WM&feature=related> (consultado a 09/11/2012).
- “La marcha laica antiPapa: "No estamos todos, falta Satanás" "No estamos todos, falta Lucifer"”, <http://www.youtube.com/watch?v=3crpeCHJdiI> (consultado a 12/07/2013).

- “Leo Bassi con la Marcha laica”,
<http://www.youtube.com/watch?v=WM8DOysWlg&feature=related> (consultado a 09/11/2012).
- “Leo Bassi inlfa un antidisturbios de 12 metros el dia #14-N”,
<http://www.youtube.com/watch?v=YUk0aRMTPXU> (consultado a 29/07/2013).
- “Leo Bassi y Telemadrid”, <http://www.youtube.com/watch?v=nYj2BmHh6r4> (consultado a 12/07/2013).
- “Leo Bassi, jo no t’espero 4 Nov. 2010 BCN”, <http://www.youtube.com/watch?v=kX-W-I6DbdI> (consultado a 12/07/2013).

Apêndice

Entrevista a Leo Bassi, por Leonor Cabral²⁹

Fórum Maia, 21 de Setembro de 2013



Leo Bassi: Contou-me o meu pai que, no século XIX, um dos grandes problemas sociais que havia era beber-se muito, havia muita gente alcoólica. E havia muita insegurança na rua para as pessoas de alta sociedade que não gostavam de ver pessoas bêbedas aí. E as pessoas do povo estavam acostumadas a isto e este era o seu mundo. As pessoas elegantes, aristocratas e da cultura do teatro não queriam conhecer o mundo da rua, porque era sujo, era mau. Então o palhaço, que era do lado da rua e não da aristocracia e nem do teatro, colocava um nariz vermelho, que representava o nariz do bêbedo. E comunicava directamente assim, actuando de bêbedo, porque era do lado dos maus, do vulgar, do grotesco, da rua e não do lado da alta aristocracia. Sobre os trajes clássicos do palhaço onde tudo sempre foi demasiado grande (os sapatos, a camisa, etc.), o meu pai dizia-me que, vindo de uma família de 6 irmãos, a normalidade na família pobre era não comprar roupa pequena para as crianças, eles usavam roupa grande e à medida que iam crescendo a roupa ia passando de uns para os outros. Só os ricos é que podiam ter vestidos feitos à medida. Um pobre tinha a camisa demasiado grande porque não tinha a capacidade económica de comprar coisas à sua medida. Um palhaço com sapatos grandes comunicava ao público que era pobre, muito pobre, porque os sapatos eram de facto enormes. E ficava muito ridículo, mas orgulhoso de ser pobre. Era mais pobre do que os pobres, mais bêbedo do que os bêbedos. Ninguém que fosse pobre tinha roupa a condizer: as calças, a camisa e o casaco eram normalmente de várias cores e tecidos, com as calças remendadas. O facto de o palhaço ter roupas de cores diferentes era também uma mensagem ao público: sou pobre, não posso ter tudo da mesma cor como

²⁹ Tradução minha.

os ricos, mas sou orgulhoso. Fazendo isto, baixava o nível de defesa do público porque o público popular pensava: “é um dos nossos, este homem entende-nos porque vive como nós”. Hoje mesmo, passeava na Maia e vi uma loja de roupa para bebés e crianças da marca Hugo Boss, com fotografias na montra de bebés com essas roupas, como se fossem manequins de alta-costura e as meninas a posar como se fossem *top models*. E numa situação de crise económica como a que há em Portugal, pensei que se o meu pai ou o meu avô vissem isto, iriam achar que os portugueses eram ricos para poder dar estas roupas a crianças tão pequenas. Os bebés crescem rapidamente e num mês, a roupa deixa de servir. Gastar este dinheiro para usar a roupa uma semana, às vezes apenas um dia é loucura. Este era o mundo da denúncia dos palhaços. Os palhaços eram muito mais complexos do que aquilo que parece. Eram muito políticos. Agora quando se vai a um circo e se vê um palhaço de nariz vermelho, o público não entende que existe ali política, porque os palhaços do circo tradicional ficaram num tempo cronológico do passado e perderam a sua essência, perderam o seu espírito.

Leonor Cabral: Mas quando dizes que és palhaço, estás-te a reportar para a figura do palhaço do século XIX, não a do século XXI.

LB: Sim, o palhaço histórico e o bufão histórico. Actualmente há alguns palhaços que sabem disto e que falam disto. Mas de uma maneira geral, os palhaços hoje em dia, incluindo os palhaços mais modernos, como os do Cirque du Soleil, são publicistas, um palhaço só de imagem, onde não há conteúdo. Não fala de nada por detrás.

LC: A mim parece-me que a figura do palhaço limita-se muito à inocência, o que é pena.

LB: O que é a inocência senão a nostalgia da sua própria infância? E isso pode ser também o reflexo do teu mundo adulto, do medo de ser adulto, medo de ter responsabilidades. E o problema é que se tu não tomas responsabilidades, outros tomam responsabilidades e a sociedade vai mal. Eu também não gosto muito do palhaço inocente, porque é a ausência de responsabilidade. Há alguns génios que o conseguiram. Eu conheci Charlie Rivel, grande palhaço da primeira metade do século XX. Era catalão mas trabalhava muito na Alemanha e noutros sítios. Houve um dia, quando tinha 16 anos e ele 81, o meu pai actuava num circo onde o palhaço principal era Charlie Rivel. E ele fazia uma coisa muito inocente, mas uma inocência falsa. Não era inocente, fazia de inocente, mas era um palhaço extremamente crítico, mau e duro. Há inocência e inocência. Há inocência aparente que diz coisas profundas. E há outra inocência vazia, que é só nostalgia da inocência e isso não me interessa. Pode ser que hoje de certa maneira, os que estão mais perto disse espírito crítico sejam os que fazem *stand up*. Isso sim, é mais adulto e fala para um público mais jovem. O que não gosto muito nisto é que é totalmente controlado pelas televisões e pela publicidade. Os *stand ups* não fazem verdadeiramente crítica social e tornam-se muito superficiais, a dizer coisas muito pouco importantes. Porque se tu dizes uma coisa muito dura como *stand up*, nenhum patrocinador vai queres trabalhar contigo. O *stand up* está feito para vender cervejas, para ser muito comercial e eu mesmo, que trabalhei muito em televisão, sei que há um tecto: tu não podes falar de coisas políticas de verdade. Podes falar um pouco, mas se fazes uma crítica, estás fora.

LC: Tu não tens subsídio nem patrocinadores. Em Portugal, está a haver grandes cortes na cultura o que acaba por levar mais artistas a criar os seus projectos de autoria e a arranjar novas estratégias de produção. O que pensas disto?

LB: Penso que é bom. O único problema é que isso é a primeira fase. E depois, na segunda fase, o verdadeiro muro é a distribuição/divulgação. Porque tu podes criar espectáculos mas depois quem é que vem ver os teus espectáculos? Tu tens que distribuir e depois há a publicidade, o domínio dos *media*, das câmaras e da política. Então, desde o momento em que não estás protegido por uma subvenção ou por um pequeno mundo de intelectuais, isso cai. Há muita criatividade mas ela vai confrontar-se com o mundo do poder: poder político, poder económico e poder de distribuição. Por exemplo, a nível mundial, a comicidade está dominada pela Comedy Central que em Espanha é a Paramount Comedy, e há a HBO, canal de televisão americano. Há dois ou três grupos e estes cómicos que saem destes grupos fazem um espectáculo e podem ter um milhão de euros de publicidade antes do espectáculo, promovendo várias coisas. E os outros criadores que começam a sua obra com uma ideia, não têm nenhum pressuposto de publicidade nem nada. De um lado, pessoas muito criativas mas sem público, e do outro lado, algumas megas estrelas mundiais apoiadas por todo o poder económico desses grupos.

LC: Mas tu começaste na rua e agora levas centenas de pessoas no público. És uma espécie de pequena estrela de público no teatro.

LB: E internacional. Na semana passada, 8000 pessoas foram ver o meu espectáculo. Eu não sou ninguém, não tenho apoio de nenhuma companhia.

LC: Mas levou muito tempo até chegares aqui.

LB: Sim, eu sou um génio por conhecer o contacto humano, porque tenho todas as minhas gerações passadas de experiência. Porque no circo, os meus familiares não eram decadentes, eram verdadeiras pessoas do circo e eram comerciantes e negociantes, uma das coisas essenciais do circo. Antigamente, um circo era um negócio: tu tinhas que vender bilhetes, tinhas que pagar muita coisa. Era uma pequena empresa e tinhas sempre que ter novas ideias. O circo desapareceu porque não tinha pessoas com novas ideias. Mas a minha família... se uma família se mantém 170 anos na mesma linha de trabalho é porque ela tem força e ideias. As minhas ideias, depois, foram cada vez mais políticas, de perceber que o problema não era o espectáculo ou o meu espectáculo, porque há muita gente boa. O problema é a distribuição. O problema é competir num mundo onde a televisão ou o futebol dominam. Ontem, enquanto comia num restaurante aqui (na Maia), vi uma reportagem de meia hora sobre um jogo de futebol no noticiário do canal 1 português. Vês 22 pessoas a correr atrás de uma bola. Depois há um golo e todos gritam. E no estádio há uma linha de publicidade, mudando continuamente, com as marcas Ford, Macdonalds, etc. Depois, há uma conferência de imprensa com todos os seus microfones e os treinadores a falar: e por trás, todas as publicidades: Adidas, telecomunicações, etc. Basicamente, dei este exemplo para comparar o circo com o futebol. Enquanto eu comia no restaurante e toda a gente em Portugal comia à uma da tarde a ver televisão, durante meia hora, o futebol era só publicidade. Os da bola estão ali só para captar o olhar, mas durante meia hora só vês publicidade. Um jogo de futebol na Croácia, ou um jogo de futebol em Espanha, tem sempre as mesmas empresas: Adidas, Macdonalds, etc. Quando eu era jovem, passei muito tempo a fazer antipodismo

– malabarismo com os pés – com bolas do tamanho das bolas de futebol. Eu consigo fazer antipodismo com 6 bolas ao mesmo tempo e até agora ninguém conseguiu com mais do que isso. Creio que, com esta habilidade, chego a ser o número 1 mundial. Lembro-me que o meu pai dizia-me que eu tinha que trabalhar para ser o antipodista número 1 do mundo. E eu treinava 4 horas com as bolas. E durante 15 ou 16 anos, enquanto eu fazia isto, os meus amigos jogavam futebol. E eles perguntavam porque é que eu não jogava futebol com eles. E eu dizia que fazia antipodismo. Lembro-me de já na altura achar uma grande injustiça que a nossa sociedade desse tanta importância a uma pessoa com uma bola de futebol, quando eu tinha 6 bolas. Eu tinha mais habilidade do que o Leo Messi ou os grandes jogadores de futebol. Se deres 6 bolas ao Leo Messi, ele não sabe o que fazer, e eu sei. Sabia, antigamente! E isto foi, para mim, a minha educação política. Porque é que eu, que tinha mais habilidade com as bolas do que os jogadores de futebol, não tinha nenhuma importância e os do futebol sim? É porque já havia muita publicidade e no circo, o meu pai não queria publicidade porque era vulgar, era vender-se à sociedade e aos comerciantes. E ele tinha uma dignidade de não querer vender-se. A nossa sociedade é baseada em vender. Esta experiência da injustiça do futebol ao lado da habilidade com as bolas do circo foi um grande ensinamento para mim, uma educação política, porque desde aí comecei a pensar: “o que é esta sociedade? Porque é que gosta mais disto e menos daquilo?” Vejo que as pessoas são muito manipuláveis. E há pessoas por detrás muito determinadas: uma pessoa pode manipular milhões. E há maneiras de o fazer. E o futebol é uma das maneiras de manipular massas de pessoas.

LC: A manipulação dos espectadores acontece muito nos teus espectáculos, tens uma estratégia. Então, também és um manipulador.

LB: Sim, porque eu aprendi com os outros. É a minha batalha. No fim de contas, Jesus Cristo também era um manipulador, assim como Maomé. O desejo de manipular existe dentro de cada pessoa. O problema é qual é que é a mensagem que queres passar com essa manipulação. As cores do Van Gogh eram uma manipulação do olhar, mas o seu significado era profundo e importante. O problema é quando a manipulação existe apenas para dar mais poder a um e não transmitir outras coisas, a não ser querer dominar outras pessoas.

LC: Os teus espectáculos levam as pessoas a pensar que são importantes, que a sua opinião e o seu pensamento é válido.

LB: Isso foi o que o palhaço sempre fez, esse é o trabalho do palhaço. É dar poder às pessoas. Dizer “eu não sou ninguém, eu sou pobre, tenho orgulho de ser pobre, e posso criticar o rei, o imperador, ou até o Papa. Eu posso opinar e tu também.”

LC: As pessoas têm muito medo. Mas com tudo o que se passou com o atentado à bomba tu nunca recuaste. Mas a maioria das pessoas tem medo, medo dos empregos, dos patrões, de tudo. É muito difícil ultrapassar o medo.

LB: Isso é o que eu acho que a minha família me deu. Há famílias que têm orgulho em defender os seus ideais. Podem ser reis ou então agricultores ou pastores. Há famílias de pastores que têm muito orgulho em serem pastores, nada mais, nada menos. Na minha família havia esta ideia de defender o circo e de ter orgulho, de não ter medo. O meu pai e o meu avô contavam-se histórias incríveis. Um dia, no circo nos anos 30 em França,

num domingo, o padre da igreja disse na sua homilia que as pessoas do circo eram demónios – o circo do meu avô. Depois da missa, foram todos ao circo com pedras e o padre começou a chamá-los de demónios, correndo todos para o meu pai e avô. Podiam tê-los morto devido à sua ignorância, mas não mudou nada: no dia seguinte fizeram outro circo. Para eles era o orgulho se ser livre e de poder dizer as coisas livremente. Não ter medo. E isto de não ter medo não é um problema de classes sociais, há pessoas que são muito pobres e muito orgulhosas e fortes. Vi isto nos partidos de esquerda. Nos verdadeiros partidos comunistas, vê os operários com um orgulho e uma força da sua condição de trabalhador.

LC: Mas às vezes o orgulho pode-se tornar muito dogmático. Por exemplo, com os comunistas operários passou-se muito isso.

LB: Sim, e depois quando chegam ao poder são intransigentes, tal como os outros. A aristocracia foi tão injusta quanto Estaline. São o mesmo, num certo aspecto. Para mim, não ter medo não é uma decisão consciente, eu sou assim. Por exemplo, a história da bomba foi forte e é incrível como a sociedade espanhola não falou muito sobre isto. Um quilo de explosivos, num teatro, ao lado do meu camarim. Uma bomba de verdade. Não explodiu, mas quando a polícia chegou disseram-me que foi muito perigoso, que ela me podia ter morto e ao público. Mas isto também dá-me mais força para seguir em frente. E não é uma coisa pensada, é uma coisa que existe dentro de mim.

LC: Mas ainda estamos muito longe de uma sociedade aberta, onde a diferença seja aceite.

LB: No espectáculo *Utopia* falo muito de História – gosto muito de história e também da pré-história. Há 15 dias estive no México e fui ao museu antropológico da Cidade do México que era sobre todas as civilizações antigas, Maia, Azteca... Foi incrível ver peças de cerâmica com 4 ou 5 mil anos. O que estou a dizer é que a luta pelo humanismo faz-se em tempos históricos e não em tempos da vida humana. O humanismo pode levar 20.000 anos a chegar e, portanto, podem ainda faltar 10.000 ou 15.000 anos de luta para aí.

LC: Como o efeito borboleta.

LB: Sim, como a borboleta. E eu estou completamente convencido disto. Por exemplo, textos de Voltaire, da época do Iluminismo ou textos de Kant ou Giordano Bruno. Vês que dizem coisas completamente sensatas, mas escritas há 300 anos. Hoje, 70% da população não entende esses mesmos textos ou não sabe da sua existência. Não podes exigir aos demais que compreendam tudo isto. Eu vivo com a ideia de que estou rodeado de pessoas do neolítico. O futebol é neolítico. Muitas vezes, em Portugal, Espanha ou EUA, tenho a sensação de estar com gente neolítica e que é preciso falar muito devagar porque não entendem. Mas isso não me causa problemas. Eu não tenho medo disso.

LC: Mas esses textos de Voltaire e Kant inspiraram muito o marxismo e depois toda a primeira metade do século XX mudou tudo isto. Creio que há uma ideia errada em relação ao que é que é o comunismo e que é uma ideia muito ligada ao que aconteceu comunismo na Rússia.

LB: Eu conheço bastante bem a Rússia. No próximo ano, vou lá trabalhar muito e já estive na Sibéria e em Moscovo muitas vezes. Vou também a Odessa na Ucrânia em Abril. E eu gosto muito dos russos, pela sua violência. Vou explicar: há que pensar que os russos são povos indígenas, mais próximos dos índios do que dos europeus, com uma tradição muito mais primitiva, mais neolítica, mais forte, mas também mais orgulhosa e dura. O comunismo não foi vivido absolutamente como a ideia de Marx, porque ele era de cultura judaico-cristã europeia, do Iluminismo. Eles têm uma violência que é energia vital, algo primitivo como na época Neandertal. O russo pode ser muito violento e no dia seguinte estar sentado no Bolshoi a ver a morte do cisne. A criatividade também é violenta. Fazer arte é violento, é contra a normalidade. Esta violência russa pode dar o melhor e o pior. Sou uma pessoa que gosta de vitalidade e há aí muita vitalidade, que pode ir em todas as direcções: do pior ao melhor. É um pouco como as crianças. Eu agora tenho um bebé de 15 meses, sou pai outra vez de uma criança pequena e é incrível. Como todas as crianças, ele pode ser muito cruel, pode matar insectos, e o trabalho de pai é educar dizendo para não o fazer, que isso é mau, e que ele tem que pensar que o insecto é como ele e que também não quer morrer. Os russos... É como se ninguém os tivesse ensinado. São jovens, muito recentes.

LC: Sim, e também tiveram uma história terrível.

LB: Sim, são primitivos e vão precisar de outros mil anos para chegar a outro estado da humanidade. A história de humanidade é isso: 50 ou 100 gerações para mudar qualquer coisa e nas nossas vidas isto é demasiado curto.

LC: Em Portugal somos amistosos, mas não primitivos, nem reactivos para o melhor nem para o pior.

LB: Em Espanha certas pessoas têm esta violência, por exemplo, aqueles que puseram a bomba no teatro. E uma vez na rua, quatro *skinheads* com a bandeira de Espanha na cabeça e um taco de baseball correram para mim e disseram: “Fora do nosso país! Volta para Itália!” E agora com a Catalunha não sei o que é que vai acontecer. No próximo ano, a Catalunha quer fazer um referendo para sair de Espanha e muitos dos meus amigos catalães são nacionalistas, contra Madrid. E em Madrid cresce uma grande tensão. Não me surpreende se houver guerra civil em Espanha dentro de um ano e meio, por causa disto da Catalunha.

LC: As imagens em frente ao teatro Alfid são inacreditáveis: como é que um espectáculo de teatro em 2006 pôde causar tanta polémica?

LB: Mas não é só em 2006. Em 2011 fui levado a tribunal em Valladolid porque disse, entre outras coisas que, debaixo da catedral de Santiago de Compostela, faziam-se antigamente cultos de druidas. Fui acusado disto, mas é verdade. Um juiz de Valladolid aceitou como possível ofensa contra a constituição que Leo Bassi tivesse declarado tal coisa. Não aconteceu nada, ganhei. Mas agora há outro juiz que fez um comunicado no tribunal há três semanas, um grupo de extrema-direita lançou-me outra querela, mas não sei porquê, pode ser por causa da Igreja Católica ou outra coisa assim de que não gostaram da ideia. Mas esta violência, esta coisa fundamentalista, esta antiga energia espanhola dos conquistadores, de Franco, etc.... Isto é muito sério.

LC: Mas uma coisa bonita no meio de tudo isso: é que o teatro actualmente ainda faz a diferença. Um homem a fazer um espectáculo, apenas, pode fazer a diferença na sociedade.

LB: Há poucos nesta situação no teatro neste momento. Havia outro, Willie Toledo, actor espanhol de 45 anos e que é muito conhecido em Espanha como actor de televisão e filmes, e que é muito de esquerda, sempre a defender a Palestina ou o povo do Sahara, porque há o problema com o que foi o Sahara espanhol e que agora pertence a Marrocos. Ele também foi muito perseguido pela direita. Há dois meses foi para Cuba. Disse que ia deixar a Espanha e agora é refugiado político em Cuba.

LC: Sabes que em Maio actuei em Valladolid?

LB: É impossível que eu actue em Valladolid. Eu tinha o contacto de um teatro privado – Teatro Cervantes de Valladolid – e a câmara ligou para lá e disse que não podiam ter lá o Leo Bassi a actuar e que se prosseguissem com o espectáculo, a câmara fecharia o teatro, por razões como: a falta da porta de segurança, ou a luz não estar conforme, não de uma maneira directa. E os do teatro privado ligaram-me a dizer que não podiam fazer lá o espectáculo senão fechá-lo-iam. Passa-se o mesmo noutras cidades. Valladolid é de extrema-direita duríssima. Este é um momento extremamente interessante para Espanha, porque todo este mundo fechado, duro, violento, fundamentalista, nacional-católico está agora desamparado. Porque o novo Papa, o Papa Francisco, é da teologia da liberação. E todas estas pessoas em Espanha que seguiam os Papas anteriores, duros, intransigentes, estão perdidas. Há uns dias, o Papa Francisco perguntou porque é que havia uma obsessão tão grande com o aborto e a homossexualidade, afirmando que a Igreja Católica deveria ser mais aberta. Para as pessoas de Valladolid, isto é terrível. E é muito divertido, porque os de extrema-direita que estão contra mim, estão sem referências, estão muito sozinhos. Este Papa vem da América do Sul, com 200 milhões de católicos, e o catolicismo na América do Sul está a perder muito peso por causa dos evangelistas e dos protestantes, que têm muita força. E então, a realidade católica nesse continente é lutar para conquistar outra vez as pessoas humildes e pobres e, para isso, precisam de fazer um discurso mais popular, mais aberto. Como a Igreja católica espanhola é dura e intransigente, fica fora desta realidade. Neste momento, os meus inimigos não têm líder. Eu divirto-me muito com isto: fiz uma declaração na rádio dizendo que o Papa que eu interpretava em *Revelação* era o Papa Francisco.

LC: Quando eras criança no circo com os teus pais, fazias apenas antipodismo ou fazias outras coisas? E Leo, no museu virtual do teu site dedicado à tua família, tens muitas fotografias de acrobatas e malabaristas mas poucas de palhaços. Porquê?

LB: Isso é complicado. O meu avô, bisavô e por aí fora, pertenciam ao circo tradicional que era uma mistura. Podia-se aparecer num momento como palhaço e noutro como malabarista, nos espectáculos todos faziam de tudo. Mas este mundo do circo, depois da II Guerra Mundial, estava a cair e havia o novo mundo americano das variedades, da comicidade, menos do circo e mais do cabaret, com música jazz, espectáculos do tipo “Hollywood” com bailarinas, music-hall, *Singing in the rain* e por aí fora... O meu pai teve que tomar uma decisão: ou ficava na tradição do circo, fazendo de palhaço e de malabarista, ou ia para o Mundo Novo. Nos EUA, os palhaços não tinham nenhuma importância. A tradição dos palhaços não era como na Europa e queriam mais especialização, queriam performance, virtuosismo. O meu pai decidiu que para poder

trabalhar nos EUA tinha que ser mais malabarista e mais antipodista e o trio Bassi (o meu pai, a minha tia e o seu marido), eliminou tudo o que era referência do circo europeu e americanizou-se. Fizeram um espectáculo de 12/13 minutos só de malabarismo, com música jazz. Quando tinha 4/5 anos, os meus pais trabalharam com Louis Armstrong durante 6 meses, num espectáculo Top e também em las Vegas. Eu conheci menos a vida do circo e mais isto. De vez em quando, o meu pai voltava à Europa e ficava 2 ou 3 meses num circo, mas depois voltava para os EUA e não trabalhava no circo, trabalhava nisto: vaudeville, variety, ou cabaret em Latin Quarter, Nova Iorque, que era como nos filmes de gangsters – bailarinas, big band, e malabaristas e, portanto, não era um mundo de palhaço. Os meus pais trabalharam muito na América mas não gostaram. A mesma crítica que hoje podemos fazer aos EUA, já se fazia nos anos 50: era falso e hipócrita. Nos anos 60, decidiu voltar à Europa. E quando voltou, havia a crise do circo tradicional na Europa, era mal visto ser-se palhaço. Eu e o meu pai fizemos um espectáculo de palhaços mas sem traje. Eu estive 17/18 anos a trabalhar com os meus pais. E o espectáculo podia ser feito no circo ou numa sala de festas. A ideia era: eu entrava como malabarista clássico e o meu pai fazia no público de bêbado. A certa altura o meu pai dizia: “Isso é fácil. Não vale o dinheiro que eu paguei. Paguei para ver uma coisa boa e isto é uma porcaria!” O público mandava-o calar-se – o meu pai fazia-o muito bem. E eu fazia como se ficasse zangado e dizia: “Senhor, se pensa que é fácil, venha cá mostrá-lo.” E ele dizia: “Não há problema, eu vou.” O público pedia por favor para ele não ir e para deixar o malabarista acabar o seu espectáculo. Ele ia para o palco fazer malabarismo muito mal e as pessoas começavam-se a rir. E assim voltámos, na Europa, a fazer o palhaço, mas à maneira americana, sem a imagem desvalorizada do palhaço. Eu trabalhei 4 ou 5 anos com o meu pai e não gostava do que fazíamos, porque este ambiente de sala de festa, grandes espectáculos como no lido com muitos turistas, não era profundo, e o meu pai também não gostava. Mas o circo tradicional estava em queda absoluta. Tentávamos fazer uma coisa moderna, sem o figurino de palhaço, mas mantendo a essência e também as habilidades do circo. Após uns anos, disse ao meu pai que não podia continuar a fazer aquilo, ao que o meu pai perguntou porquê. Disse-lhe que aquilo não era nada, não era nem palhaço nem nada e que não íamos a nenhum lado. E foi nesse momento que eu decidi ir para a rua e comecei outra vez com o palhaço a voltar à tradição que era do meu avô e de toda a minha família, mas renovando-a num contexto que era o pós Maio 68. Eu sou da geração pós Maio 68. No Maio de 68, o meu pai trabalhava em Paris e eu, com 16/17 anos, ia às manifestações todas, via o Jean Paul Sartre a falar, a polícia, toda uma grande excitação. Para mim, sem grande consciência política, era como uma grande brincadeira, ver uma capital como Paris nas mãos dos manifestantes, com teatro na rua e criatividade, pessoas a pintar paredes, e eu gostei muito de tudo isso. Encontrei nisto a liberdade das velhas histórias dos palhaços. Neste momento, comecei a voltar à ideia da tradição dos bufões, dos palhaços mais antigos que a minha família e do espectáculo de rua. E recordo-me bem que, em 1978, 10 anos depois, muitos jornalistas vieram dos EUA e de outros sítios entrevistar-me e a outros artistas de rua para falar do pós Maio 68 – onde é que ele estava, 10 anos depois; se eu pensava que podia ser uma continuação dessas lutas. Eu estava a trabalhar na rua, mas eu vinha de uma tradição muito antiga, eu não era um estudante de família burguesa que decide ir para a rua. Não, eu era da rua e continuava a ser, mas renovando as ideias. E foi aqui que eu recriei a minha própria história de voltar a ser palhaço com as pessoas, na rua; e eu mesmo fui ver as fotos antigas da minha família e vi nessas fotos aquilo que era mais próximo de mim. Deixei os meus pais em 1975 porque a minha geração era a de 68 e eu não gostava nada de fazer esses espectáculos de circo à maneira americana, sem ser palhaço e

trabalhando em variedades. E os meus amigos da minha idade, que tinham participado no movimento de 68, procuravam à sua maneira algo diferente dos seus pais. Para mim era igual, tentando voltar a um mundo mais honesto e menos hipócrita. Eu mesmo tentei ser mais honesto com a história de circo da minha família e voltar a algo mais tradicional. Eu tinha contractos para ir trabalhar aqui e ali, em hotéis, no Hilton, mas disse que não podia, que era impossível. E os meus pais disseram-me que eu era maluco porque iria receber dinheiro, que tinham criado uma coisa que eu estava a rejeitar; que queria ir para a rua como um mendigo.

LC: Foi complicado com os teus pais, nesse momento?

LB: Sim. Não na afectividade porque os meus pais eram inteligentes e entendiam muito bem porque é que eu queria deixar isto, mas no concreto era muito difícil porque na tradição do circo, o jovem é quem faz as coisas físicas, como o malabarismo ou a acrobacia, e o velho que já não pode fazer estas coisas, transforma-se em palhaço. Esta era a linha tradicional, inclusivamente fazendo no contexto americano, era a mesma coisa dos séculos passados. O velho é o cómico e o jovem é o técnico, é aquele que tem capacidade física de fazer coisas. O jovem surpreendia e o velho fazia rir o público. Mas quando eu deixei de actuar com o meu pai, deixei os meus pais sem trabalho, porque eles não podiam voltar a ser malabaristas, e o meu pai enfrentava-se com o problema de que o circo estava em declínio, não necessitava de mais palhaços, havia demasiados palhaços tradicionais, e o meu pai não era tradicional, porque fazia coisas mais modernas, mas também não era estrela de televisão, não tinha uma carreira independente a solo, o nosso trabalho era em conjunto. Eu fui para a rua e durante um ano tive que dar dinheiro aos meus pais porque não tinham para comer. Mas o meu pai depois viu que funcionava bem na rua, porque ganhei imediatamente dinheiro actuando na rua, e o meu pai, depois de um ano, e durante um período, trabalhou na rua e foi muito divertido porque eu abri caminho ao meu pai e ele viu que era possível.

LC: Como é que surgiu a figura do bufão? Foste influenciado por Dario Fo?

LB: A história do bufão desenvolvia por mim próprio. Vou contar como. E mais tarde, descubro que o Dario Fo falava muito do bufão.

LB: Ele também foi muito activo no Maio de 68.

LC: Sim, mas eu descobri-o depois. E também houve um motivo: eu era um filho do circo e a gente do circo não gostava de teatro. O meu pai nunca foi ao teatro. O mundo do circo e o do teatro são dois mundos diferentes. E o meu pai sempre considerou o teatro uma coisa um bocado *snob*. E como o Dario Fo era do mundo do teatro e eu da tradição do circo. Não me opunha, mas era como se fossem dois planetas diferentes. Eu mesmo chego ao bufão porque já aos 18/19 anos sabia que esta situação de trabalhar com os meus pais, neste contexto muito americano, tinha pouco futuro. E eu decidi, como autodidacta, porque eu fiz muito pouca escola, depois dos 14/15 anos não frequentei mais à escola, eduquei-me a mim próprio. A cada ano, dava-me um objectivo a cumprir: “Quero conhecer o expressionismo”. Então comprava os livros, organizava-me e aprendia. Um dia, quis saber porque é que a Igreja era contrária ao circo. Organizei todo um estudo e fui à biblioteca do Vaticano. Comecei a educar-me, lendo livros, indo a bibliotecas. E chego ao bufão. Sabia o que era, conhecia a expressão, mas o que é realmente um bufão? Comecei a descobrir o século XII, o século XIII, a

presença dos bufões na corte, bufões mais importantes do que outros, porque é que acabaram os bufões, e passava o dia a ler, ler, ler. E gostei. Gostei desta independência, deste orgulho. E eu comecei a tomar consciência de que o meu avô era bufão, ele era anticlerical orgulhoso, dizia que nos chamávamos Bassi porque significa classes baixas sociais e dizia que nós tínhamos que estar orgulhosos por sermos de classes sociais baixas. E isto também tinha lido sobre os bufões. Começou a crescer dentro de mim a ideia do bufão e eu trabalhava à noite em espectáculos turísticos para americanos e outros, e durante o dia eu vivia não no século XX mas no século XII e XIII, e o meu mundo era este. A dado momento, aos 23/24 anos, tinha-o já muito claro e fui ter com o meu pai e disse-lhe que era bufão, que queria ter um cavalo e uma rulote como os bufões. Ele comprou a rulote, o cavalo era mais complicado. E eu comecei a viver a vida que tinha lido nos livros e transformei-me em bufão. E nesta transformação, descubro que o meu pai e o seu pai eram bufões, de espírito, pelo menos.

Toda a gente pergunta-me sobre Dario Fo. Vi o Dario Fo, e ele vinha ver os meus espectáculos nos anos 80 e falávamos nalgumas ocasiões. Depois, vi Dario Fo em Reggio Emilia na festa do partido comunista, num circo com 6000 pessoas. Ele sozinho com um microfone e todas as pessoas sentadas, o chefe do partido comunista e todos esses. E ele fez o bufão, a história do anjo. Vi o seu domínio do público, a sua energia, a sua narrativa, e gostei muito. Vi imediatamente que ele era artista e como outros grandes palhaços, ou como Groucho Marx, é uma pessoa com uma enorme força expressiva e consegue ter 5/6 mil pessoas a ouvi-lo, sem luzes, sem nada. Mas não me influenciou. Eu já lá tinha chegado antes. E só me confirmou que aquilo era o que eu queria fazer. A última vez que vi Dario Fo, há dois anos, foi muito curioso. Foi numa conferência de imprensa, na apresentação de um festival em Milão. Ele foi muito simpático comigo e havia imprensa e tal e eu disse-lhe que há muito tempo que queria fazer-lhe uma pergunta: tinha chegado à conclusão de que para se ser bufão, tinha que se ser ateu, e queria saber se ele acreditava em Deus ou não. Fo começou a responder sem responder, a falar das abelhas e da energia vital, da vida, com piadas e o público a rir. Mas não me respondia e eu repeti a pergunta. Respondeu novamente sem responder, falou da vida e das estrelas, de uma forma muito confusa e eu, pela terceira vez, repeti a pergunta. Não me respondeu. Foi algo que me deixou com muita curiosidade. Havia duas hipóteses; ou, tendo na altura 84 anos, era ainda muito esperto e não queria criar conflitos com o seu público crente e quis manter-se em cima sem expor a verdade dos seus sentimentos (é um homem esperto, diz coisas mas não diz, tem amigos em todo o lado por causa disto); ou então tinha-se passado qualquer coisa nos seus últimos anos e aproximara-se de Deus ou de uma conversão interior, ou algo parecido, e não o queria dizer publicamente. Ou então era alzheimer!

LC: Mas tu falas muito de ter fé.

LB: Sim, na humanidade, na natureza. Não no Deus do monoteísmo ou das convenções da sociedade. O Deus em que 80% dos italianos acreditam, que é uma coisa muito ignorante, muito superficial, porque se perguntares a cada um desses crentes quem é esse Deus, não te sabem responder. Creio que a coisa essencial no bufão é ter o orgulho de criticar tudo. O orgulho de poder comentar, de ter opinião, de não ter nenhum assunto mental ou filosófico que não se possa tocar. Não ter respeito por nada. E nisto, ter respeito por tudo. E não ter medo, porque não criticar Deus é também ter medo. Ter orgulho em não ter medo. E nisto ser humanista. Então, a coisa mais importante que queria saber sobre Dario Fo... ele não me disse.

LC: Gostei muito do livro *A Revelação* e gostava que pudesses escrever mais.

LB: Eu tenho textos que não publiquei e sei que tenho dentro de mim coisas importantes que quero que fiquem registadas e que as pessoas as saibam. Mas estou a chegar a uma conclusão: é possível que o formato livro no futuro já não seja esse, e sim as minhas missas da Igreja Católica (que transmito em streaming e que cada uma é como experiência, uma história de uma hora). Penso que possivelmente no futuro, em 300 anos, estas gravações poderão ser trabalhadas em 3 dimensões, ou então holograficamente. Um livro é apenas papel e letras pretas. É possível e muito mais importante que as Universidades venham a ter o Leo Bassi virtualmente. O Paticano é como um livro de 3 dimensões, e aí posso falar da minha visão das coisas – são pequenos livros virtuais e é mais fácil para mim fazer isto porque sou mais narrador e menos escritor e então é possível que eu deixe mais coisas para ouvir a minha voz, as minhas expressões, a minha maneira de fazer. Quero favorecer isso. Não digo que não vá escrever, tenho muitos textos. Duas editoras pediram-me para lançar dois livros.

LC: Também poderias escrever as memórias da tua família.

LB: A minha mulher grava-me continuamente. Desde o momento em que eu conto uma história ela liga o gravador. Tem muitas coisas gravadas e há milhões de histórias. Eu passei a minha infância a ouvir o meu pai e o meu avô a falar dessas histórias extraordinárias à hora da refeição, e eu não quero que desapareçam. E também quero manter estas histórias para os meus filhos.

LC: Acho que conseguiste trazer muito bem a figura do bufão para a contemporaneidade, mantendo a essência mas transformando a tradição. Mas queria perguntar-te se achas que as tuas obras são políticas ou se consideras que fazes acção política directa?

LB: Eu não acredito que exista política, é apenas um interface biológico. A esquerda e a direita existem porque o ser humano biologicamente necessita de uma dialéctica, como o Darwinismo. Na raça humana há uma necessidade de progresso e humanismo e há uma necessidade de conservadorismo, de tradição e de passado. Se tudo for progresso e novo, isso pode ser perigoso para a raça humana porque pode-se esquecer de coisas importantes e criar novas situações que não estão ainda comprovadas, de que não se tem a certeza. Dentro disso tudo há um elemento que quer modernidade e inventar, e outro que não quer, quer manter. Isto chama-se esquerda e direita; progressista e conservador. Em toda a civilização, temos tanto uns como outros. No passado, havia republicanos contra imperialistas; no mundo romano, Brutus que era de esquerda matou Júlio César que era de direita. É biológica a necessidade de haver pessoas de esquerda e pessoas de direita. E a dialéctica é a confrontação que faz crescer lentamente as pessoas. No teatro, não penso se estou a ver uma obra de Shakespeare. O importante é que Shakespeare consegue comunicar ao público sensações e emoções; ou que o circo comunica sensações. Na rua, dois carros que chocam também produzem emoções e sensações e para mim é tudo igual. A diferença é que um acidente de carro é azar/sorte e Shakespeare é um génio que escreveu. Eu quero eficácia. E se consigo ser eficaz com um pato gigante insuflado ou escrever um texto poético muito elegante, ou se eu comunico ao público emoções, é igual, não há uma coisa superior ou inferior. A política, a mim, inspira-me energia e vitalidade. Por isso é que vivo neste momento em Espanha porque há uma direita muito dura. Esta direita que quer colocar bombas foi

inspiradora para mim. Em situações mais tranquilas, eu não me inspiro; da mesma maneira que a Rússia é inspiradora pela sua violência. Eu não sou violento, não matei ninguém, a minha violência é só artística e de imagens, para provocar no espectador o *culo stretto*, mas ao nível da criação artística, não por ser uma pessoa violenta. Mas para lutar contra a violência há que ser inspirado, há que ser tão violento como a violência, mas uma violência artística, humanista, há que afirmar as coisas com força. No fim de contas, é altamente político porque o que eu quero fazer é inspirar. No final do espectáculo *Utopia*, quero inspirar energia e vitalidade e coisas positivas, espero. Quero ser positivo. Mas não digo para se votar neste ou naquele partido, nem faço apologia partidária, eu próprio nem sei em quem é que hei-de votar.

LC: Sim, político no sentido de cidadão, de poder decidir.

LB: Para mim, é dar poder, positividade e esperança às pessoas. Eu não acredito em revoluções, porque há sempre o dia depois da revolução. A vida é uma lenta revolução que nunca acaba, nunca começa e nunca acaba. É uma lenta revolução que dura milhares de anos e o importante é participar, é estar na mudança, é inspirar energia. Amo a política porque amo este enfrentamento de energias. Gosto deste espírito naïve das pessoas que querem fazer algo para mudar o mundo. Acredito muito no ser humano. E o mal não me causa medo. Tenho muito amor pelo ser humano, inclusivamente quando é mau, porque é inocente e primitivo. Tenho a sensação de que estamos apenas ainda no início da humanidade. Somos todos ainda muito primitivos. E esta inocência primitiva que pode ser violenta ou boa, há que acreditar nisto e canalizá-lo para coisas positivas. Manipular, seduzir, influenciar é, para mim, o significado de fazer um espectáculo.

LC: Utilizas recorrentemente fogo e explosivos nos teus espectáculos.

LB: Eu procuro todas as coisas primitivas, assim como excrementos, que são coisas muito primitivas. Descobri isto na Índia: os gurus bebem urina e colocam excrementos no corpo, são coisas profundas para tentar perder toda a dignidade e todo o respeito, como uma investigação filosófica. Todas as coisas primitivas me interessam. Uma coisa que sempre me influenciou foi o contacto com povos indígenas e, quando posso, falo com eles, interessa-me ter a sua opinião. No Canadá, um índio mais velho, disse-me algo que me delicia: *o mundo branco e cristão tem o defeito de pensar que na vida existe o bem e o mal, mas não é assim. Existe o normal e o não normal. Fazer o bem é normal, nada de excepcional; amar o vizinho, todos nós fazemos. Ser muito bom... a maioria das pessoas é muito boa. As pessoas más são pessoas que são doentes, que têm um problema mental. Roubar dinheiro a alguém é estúpido, porque se todos o fizessemos, toda a sociedade viveria mal. É normal respeitar o dinheiro do outro, normal não matar o outro porque senão a vida seria impossível, se todos matássemos alguém. Jesus Cristo era uma pessoa muito boa, mas o meu pai também, e todos são bons e isso não é excepcional. Porque é que o bem é uma coisa excepcional? O bem, tudo é o bem. O que não é o bem, é doente.* Quando uma pessoa é má e quer fazer-me mal, eu não fico zangado, tenho piedade, como quando uma pessoa está doente eu penso que essa pessoa precisa de ajuda. E é o que penso quando vejo uma pessoa má, que ela precisa de ajuda. Foi a sensação que tive com as pessoas que colocaram a bomba, eram pessoas com uma mentalidade muito pequena, muito doentes, e dá-me muita piedade e quero falar com elas. A reflexão deste índio foi determinante porque despertou dentro de mim algo que eu sabia antes, mas não sabia como dizê-lo, que é esta ideia de que

basicamente pode-se acreditar na Humanidade porque não somos maus, a grande maioria das pessoas está cheia de amor pelos seus filhos, pais ou avós, e os que não o fazem, são pessoas com problemas psicológicos.

Anexo

Índice de imagens

Nr.	Identificação	Fonte
1	Giovanni Bassi, 1867. Palhaço acrobático.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
2	Helena Bassi-Brunner, 1867. Bailarina de Ballet.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
3	Companhia Acrobática Bassi, 1870.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
4	Jimmy Wheeler. Anos 50.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
5	Trupe Bassi-Marcellis, 1920.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
6	Leo Bassi Sênior, anos 60.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
7	Playing the guitar, a family travelling with Sorlie's Travelling Vaudeville Show	Colecção “Sorlie's Travelling Vaudeville Show, Broken Hill, 1957-1962”, fotografias de Jeff Carter, 1928-2010, Biblioteca Nacional da Austrália.
8	Juggling together, Sorlie's Travelling Vaudeville Show.	Colecção “Sorlie's Travelling Vaudeville Show, Broken Hill, 1957-1962”, fotografias de Jeff Carter, 1928-2010, Biblioteca Nacional da Austrália.
9	O circo mais pequeno do mundo, 1979.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
10	Leo Bassi com o galo Ben-Hur.	Museu virtual de Leo Bassi http://www.leobassi.com/museo.html
11	Público durante um espectáculo de Leo Bassi	picasaweb.google.com
12	Tentativa de entrar para o Guinness com o maior pato flutuante do mundo	http://www.elmundo.es/elmundo/2010/07/17/valencia/1279385577.html
13	Leo Bassi na capela Patólica	http://red--nose.blogspot.pt/2013/05/leo-bassi-pontifice-de-la-iglesia.html
14	Escudo da Igreja Patólica	http://www.ara.cat/cultura/Leo-Bassi-lesglesia-patolica-Deu_0_836316497.html
15	Conferência de Valladolid I	http://www.elmundo.es/elmundo/2011/03/28/castillayleon/1301312476.html
16	Francolândia	http://ostiaunlobby.files.wordpress.com/2012/10/leo-bassi-y-francolandia.jpg
17	<i>A Revelação</i> : Leo Bassi vestido de xamã índio	http://www.cenacontemporanea.com.br/2007/pages/internacionais.htm
18	Índio da Patagónia no ritual iniciático Kloketen.	http://pueblosoriginarios.com/sur/patagonia/selknam/hain.html
19	Cartaz de <i>Utopia</i> .	http://www.leobassi.com/archives/editorial/utopiadesde_20_de_enerot_eatro_alfil_madrid.html
20	<i>Utopia</i> : Leo Bassi maquilha-se.	http://www.flickrriver.com/photos/27545466@N07/tags/leobassi/
21	<i>Utopia</i> : cena dos copos.	http://www.matthiasknodel.de/?p=111
22	El Belén de Lavapiès	http://lixus.es/?p=81

	I.	
23	El Belén de Lavapiès II.	http://www.20minutos.es/noticia/911674/0/bassi/belen/palestina/
24	Cartaz de El Belén de tempos revueltos.	http://elcampodecebada.org/belen-en-tiempos-revueltos-by-leo-bassi/
25	Leo Bassi em frente da bandeira dos EUA	http://www.que.es/ultimas-noticias/sociedad/201103282047-bassi-rector-universidad-valladolid-imputados-cont.html
26	Leo Bassi numa manifestação pelo laicismo.	http://www.mhuel.org/paginas/noticias.htm
27	Leo Bassi com fogo	http://vaudevisuals.com/2010/03/michael-pedretti-guest-blogger-on-leo-bassi/
28	Leo Bassi em A Revelação, vestido de Papa.	http://www.tiempodehoy.com/cultura/prohibido-blasfemar
29	Leo Bassi em A Revelação, vestido de Papa.	http://comerbebevivir.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html
30	Leo Bassi coberto de mel e penas I	http://movimentpuntozero.blogspot.pt/2011/11/in-lalbis.html
31	Leo Bassi coberto de mel e penas II	http://comerbebevivir.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html

